NA 4.ª PÁGINA: «OS MASSACRES DA AMAZÓNIA» Por JOAQUIM LETRIA

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 16 DE JANEIRO DE 1969 N.º 16 550 ANO 48.º UM ESCUDO

ESPECTACULAR SORTEIO DE 20 AUTOMÓVEIS OPEL

Concurso PHILIPS

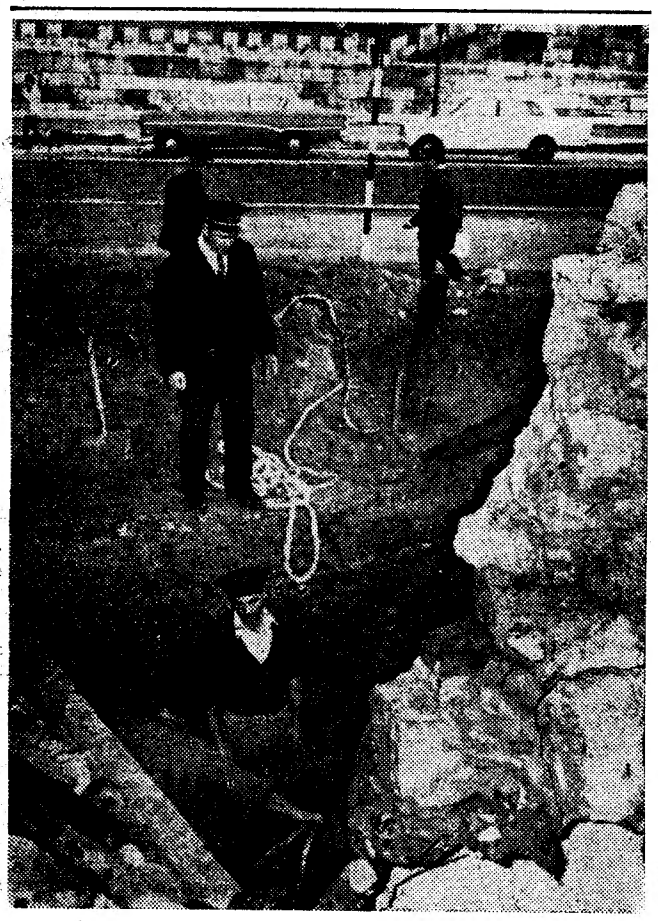
TRIUNFO DA TÉCNICA

Mudaram de nave em pleno espaço

DOIS DOS COSMONAUTAS RUSSOS

MOSCOVO, 16 — (F. P.) — Os dois cosmonautas engenheiros que se encontravam a bordo da «Soyuz 5» passaram para a «Soyuz 4»

O transbordo dos dois engenheiros, Evgueni Khrunov e Alexei Elisseiev, fez-se através de um «túnel» formado pela ligação das câmaras exteriores de junção das duas naves — anunciou oficialmente a Tass.



Segundo a mesma agência, as duas cápsulas tripuladas foram ligadas no espaço, constituindo o que se pode considerar oficialmente a primeira estação orbital tripulada da história de exploração do cosmos.

A estação, com quatro compartimentos e quatro cosmonautas, continua em órbita terrestre firmemente unida após uma manobra de acostagem manual.

A Tass comunicou que a operação de acoplamento se realizou ás 11 e 20 de Moscovo (9 e 20 de Lisboao) sobre a União Soviética no momento em que a «Soyuz 4» percorria a 34.ª órbita e o «Soyuz 5» a 18.ª

A Rádio e a Televisão de Moscovo interromperam os programas da manhã para anunciar a acostagem e ligação.

Segundo um comunicado oficial, a operação foi executada manualmente pelo tenente-coronel Vladimir Shatalov, tripulante unico da cápsula «Soyuz 4». As duas cápsulas ficaram firmemente unidas tendo sido posta em comunicação a instalação eléctrica de ambas.

A Televisão de Moscovo emitiu em fita gravada (videotape) a operação de liga-

ESTREIA ESPACIAL

PARIS, 16 — (F. P.) — (Por Serge Berg) — Os soviéticos marcam uma «estreia espacial» com a atracação de duas naves cósmicas habitadas. Os circuitos eléctricos de «Soyuz 4» e «Soyuz 5» tendo sido ligados, as duas naves passam a formar o que a agência «Tass» definiu como «estação cósmica experimental».

Já por diversas vezes se têm feito junções no espaço de dois engenhos cósmicos: sete vezes pelos americanos e duas pelos soviéticos. Mas a de hoje é a primeira no género: os dois satelites que atracaram estão ambos habitados. Os americanos foram os primeiros a fazer uma atracação espacial. Em 16 de Março de 1966 atracavam o «Gemini» com dois pilotos a bordo ao foguetão «Agena». Repetiam, com êxito, a mesma manobra em 18 de Julho daquele mesmo ano, em 12 de Setembro e em 11 de Novembro também de 1966.

Pela sua parte, os soviéticos tinham conseguido a atracação e desatracação, absolutamente automáticas, de satélites «Cosmos», que depois daquelas manobras voltaram ao solo. (Mais notícias na ultima página).

A manifestação levada a efeito, há dias, junto do edifício da missão diplomática rodesiana em Londres passou a ser conhecida pela designação de «Batalha da Casa da Rodésia» Entretanto terminou em Londres a conferência da Comunidade britanica cujo comunicado final reflecte o desacordo entre a Grã-Bretanha e a maioria dos 27 membros da Comunidade sobre o problema rodesiano

Brigadas de operários da C. M. L. trabalharam durante toda a noite e ainda esta manhã, na reparação da conduta de água que ontem rebentara, cerca da meia-noite, na Praça de Espanha. Durante horas, a grande coduta esteve á vista para uma operação de soldadura, enquanto as habitações mais próximas ficaram privadas do precioso líquido. (Ler mais noticiário na pág. 14)

É urgente ampliar o «Metro» até Alvalade

— tema da reunião do Município

(Ler na página 14)

ACORDO EM PARIS: A MESA É REDONDA

PARIS, 16 — (R.) — A conferência de paz sobre o vietnam começará no sábado às 10 e 30 locais, segundo anunciaram hoje fontes norte-vietnamianas.

A delegação norte-vietnamiana à conferência de Paris distribuiu um comunicado oficial anunciando o acordo sobre a abertura das negociações no próximo sábado e o chefe da delegação Nguyen Thanh reafirmou que o Vietnam do Norte e a Frente de Libertação do Vietnam do Sul consideram a conferência quadripartida.

Falando aos jornalistas, Nguyen Thanh disse que as delegações de Hanói, de Saigão, dos Estados Unidos e da F. N. L. se sentarão onde quiserem e estarão na conferência como participantes iguais e independentes.

«Será uma conferência de paz de mesa-redonda», declarou aos jornalistas.

A conferência realizar-se-á no Centro Internacional próximo do Arco do Triunfo, onde os representantes americanos e norte-vietnamianos efectuaram as conversações preliminares preparatórias que conduziram à suspensão dos bombardeamentos no Vietnam do Norte.

As dificuldades em chegar

(Continua na ultima página)

Edição da noite

HOJE 28 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

Porque não começam as obras das estações de camionagem planeadas para Lisboa e Porto?

— perguntou um deputado na Assembleia Nacional

Com a mesma ordem do dia, o aviso prévio sobre a expansão da língua portuguesa, prosseguiram esta tarde os trabalhos da Assembleia Nacional.

No período de antes da ordem do dia, o sr. dr. Elísio Pimenta, deputado pelo Porto, começou por louvar a rapidez com que foi iniciada e executada a obra do encontro da estrada marginal de Cascais com a auto-estrada. Em contraste, referiu-se ás obras «que nunca mais começam as estações centrais de camionagem, cujo estudo-base para Lisboa e Porto, foi aprovado pelo ministro das Comunicações, em Janeiro de 1962, isto é, há precisamente sete anos, e consignada a verba de 9 mil contos no já findo Plano Intercalar de Fomento, e a de 241 mil contos no III Plano de Fomento, no seu segundo ano de execução».

Acentuou aquele deputado que, apesar disso, nenhuma estação central de camionagem começou até agora a construir-se no País «e não, certamente, por falta de meios financeiros, dado que a fonte de financiamento indicado nos referidos planos é o bem abastecido Fundo Especial de Transportes Terrestres». Restringindo as suas considerações ás estações do Porto, que foram, há dois anos, objecto de um requerimento, disse, mais adiante, que, de acordo com o Plano Director da cidade do Porto, estão previstas três estações rodoviárias: a estação do Sul, localizada no antigo Parque das Camélias; a estação do Norte, na via de cintura interna e a estação do Leste, junta da de Camanhã E prosseguiu:

«A primeira, isto é, a estação do Sul, foi considerada prioritária no Plano Intercalar de Fomento e dotada com 32 mil contos, conforme o ante-projecto aprovado em Outubro de 1963, quer dizer, há cinco nos, e, a partir da declaração de utilidade pública, feita um mês depois, deu-se início ao processamento da aquisição e expropriações das parcelas de terreno que constituirão a área necessária para a instalação da estação, pràticamente terminadas há dois anos, com o dispêndio de 16 500 contos. O relatório do decreto n.º 47 790, de 10 de Julho desse mesmo ano de 1967, esclareceu que até ao fim do ano se previa a entrega dos projectos definitivos de arquitectura, estruturas e instalações especiais, devendo a obra ficar concluída dentro de dois anos, isto é, em 1970.

«Temos, portanto, como dados certos, segundo as estações oficiais responsáveis: concluída a aquisição do terreno, entregue os projectos definitivos e incluída no primeiro orçamento do Fundo Especial de Transportes Terrestres para 1967, a verba de oito mil contos para o início da execução da obra. Parecia nada mais faltar para a sua conclusão em 1970».

E o dr. Elísio Pimenta perguntou:

«O que acontece? Neste momento, princípio de 1969, a um ano ou ano e meio do previsto para a conclusão da estação central rodoviária do Sul, na cidade do Porto, não só a construção não se iniciou, como não consta sequer haver sido aberto o respectivo concurso».

Depois de sugerir outra estação de camionagem (de longo curso) para a zona da Ponte da Arrábida, aquele deputado afirmou, já a concluir:

«Em resumo, e para terminar, sr. presidente, o essencial é que se dê uma solução rápida a uma questão que se arrasta há longos anos com prejuízo da comodidade do público, da urbanização de uma cidade, que procura adaptar-se ás necessidades dos tempos a tuais, por vezes entravada ou demorada pela incompreensão, pela inércia ou pela incapacidade, e do prestígio do Poder, sempre valorizado, quando os problemas são enfrentados com a inteligência e a decisão como no encontro das rodovias da Cruz Quebrada.»

E ainda:

«A criação dos Institutos Industrial e Comercial é outra necessidade urgente, inadiável até. Os indivíduos têm que ser valorizados pelo ensino, para que valorizem as suas actuações. Sem técnicos não haverá técnica e, sem esta não haverá progresso.

«Porque esperamos? Queremos um colapso económico? Não o creio, e por isso, peço ao Governo da Nação que atenda as minhas solicitações, com a urgência que bem merecem.»

FIM DE TARDE EM S. BENTO

● *Na Assembleia Nacional, no período antes da ordem do dia da sessão de ontem, o deputado por Aveiro, dr. Correia Barbosa, referiu «o mal-estar que se vai verificando entre as populações» porque «o chamado custo de vida sobe assustadoramente, sem que até agora os governantes, não obstante a sua boa vontade, possam opor uma travão eficaz à marcha ascensional dos preços».*

● E aquele deputado prosseguiu: «Desde a alimentação ao vestuário, desde as rendas de casa e agora os transportes, a vida sobe vertiginosamente, constantemente, sem que se lhe possa opor um dique que a contenha. Desta ascensão, quantas vezes incontrolada e injustificada todas as classes sociais, mais ou menos, sofrem por o rendimento do seu trabalho ou das suas actividades não poder acompanhar a vertigem dessa marcha». Referiu a existência de classes mais duramente atingidas, concluindo por solicitar do Governo a melhoria da situação dos menos favorecidos, como os funcionários administrativos e os dependentes do Ministério da Justiça.

● *O deputado por Vila Real, dr Cunha Araujo, também falou do «desenfreado aumento do custo de vida», queixando-se seguidamente do alto custo do telefone e da forma como são apresentadas as contas, nem sempre certas. Pediu providências para que o assunto seja normalizado e que se possibilite a verificação dessas contas, em caso de reclamação.*

● Na ordem do dia, o aviso prévio apresentado pelo deputado dr. Manuel Nazaré, usaram da palavra a sr.ª dr.ª D. Sinclética Torres, deputada por Angola; o sr. dr. Castro Salazar, deputado por S Tomé e Príncipe; o sr. comandante Gabriel Teixeira, deputado por Lisboa, e o sr. dr. José Manuel da Costa, deputado por Portalegre. Este último discordou da ordem e da maneira como estão a ser inscritos na ordem do dia os avisos prévios

● *Em resposta, além doutras explicações, o sr. dr. Soares da Fonseca, vice-presidente em exercício, afirmou: «A Assembleia Nacional não teria matéria para ordem do dia a seguir ás férias do Natal se o nosso muito ilustre e querido presidente não tivesse marcado para discussão, como o fez, o aviso prévio do sr. deputado Manuel Nazaré, que estava preparado, ao tempo, para o efectivar. E seria difícil e seria penoso e simplesmente desumano, que o nosso presidente mandasse convocar as comissões durante as férias da quadra do Natal». E mais adiante: «Verifiquei que o aviso prévio sobre a defesa da língua não poderia ser marcado para a ordem do dia: os ilustres deputados avisantes não estavam preparados — como qualquer de nós teria de vir — sobre a matéria».*

VIDA POLÍTICA

PRESIDENTE DO CONSELHO

O prof. Marcello Caetano trabalhou, esta tarde, com o dr Correia de Oliveira, ministro da Economia.

● Ministro das Corporações

O prof. dr. Gonçalves de Proença, ministro das Corporações, recebeu, esta tarde, o governador civil e o presidente da Camara Municipal de Santarém, acompanhados da Comissão Executiva da Feira Nacional de Agricultura; e a direcção do Sindicato Nacional dos Profissionais de Artes Gráficas.

● Ministro das Comunicações

O titular da pasta das Comunicações recebeu, esta tarde, em audiências de trabalho os srs. governador civil e presidente da Câmara Municipal de Santarém; eng. José Frederico Ulrich; eng. Thireau, da Empresa Corte; Feliciano dos Anjos Pereira e Filipe Solnos.

● Ministro das Obras Públicas

O ministro das Obras Públicas recebeu, em audiência de trabalho, o governador civil de Setúbal.

● Secretário de Estado da Indústria

O secretário de Estado da Industria recebeu em audiência o sr. dr. Osório Vaz, ex-governador civil de Lisboa; os srs. eng.ºs Teixeira Lobo e Sampaio e Melo, respectivamente presidente da Corporação da Industria e representante da mesma Corporação na Comissão de Regulamento das Substâncias Explosivas, acompanhados dos delegados da Bellerud, da Companhia Portuguesa de Celulose, da Soda-Póvoa e da União Fabril de Azoto, e, ainda, o sr. António Champallimaud, presidente do conselho de administração da Siderurgia Nacional.

QUEM ACHOU?

Um nosso camarada de redacção perdeu um relógio de pulso, com bracelete de metal, próprio para caça submarina, desde a Rua Silva Carvalho ao «Diário de Lisboa», parte do percurso no «eléctrico» do Carmo. Agradece a quem o achou o favor de o entregar na nossa redacção.

O sol (de pouca dura?) voltou hoje a Lisboa

Embora o Inverno continue, parece ter melhorado sensívelmente o cariz apresentado pelo tempo. Esta manhã, em Lisboa e arredores, o céu apareceu azul, pintalgado de nuvens inofensivas. A ver vamos se será sol de pouca dura...

Em consequência do ultimo temporal, muros e terras dão de si, provocando perigo nalguns lugares. Em Lisboa, por exemplo, um desmoronamento de terras ocorrido ás 23 horas de ontem provocou ruínas em dois prédios da Travessa das Terras do Monte, á Graça.

Também no impasse entre a Calçada de Carriche e a Estrada Militar se verificou um desabamento de terras que colocà em perigo os prédios da área (o proprietário de um deles declarou que há um ano havia entregue, tal como os outros proprietários da área, 43 contos á C. M. L. para construção de um muro de suporte, o qual não foi levantado, quer porque a Camara o não fez, quer porque a sua construção particular não foi autorizada). O aluimento afectou o pavimento da Estrada do Desvio, que ameaça ruir a qualquer momento, principalmente junto do prédio n.º 42. O facto foi verificado pelos Sapadores Bombeiros e, depois, confirmado pelos peritos da Comissão Permanente de Vistorias do Município, que resolveu vedar o transito no local a veículos pesados. As viaturas ligeiras, por seu turno, circulam nos dois sentidos.

Na Praça de Espanha, cerca das zero horas de hoje, rebentou a conduta de água, que saiu em jacto volumoso, provocando danos no piso, junto á Embaixada de Espanha. A reparação, efectuada durante a noite por brigadas da Camara, ficou concluída ao princípio da tarde, sendo então reatado o fornecimento de água á zona.

O corte da água afectou a Clínica de São Lucas

Para que a reparação se pudesse efectuar foi, evidentemente, necessário proceder ao corte de abastecimento de água na vizinhança da Embaixada de Espanha. Entre os mais graves inconvenientes da medida, que pela sua natureza não permitia qualquer aviso á população, figura a situação criada á clínica de S. Lucas, onde se encontram 20 doentes graves, para cujo tratamento o precioso líquido tem grande importancia. Os responsáveis da clínica tentaram durante toda a manhã, uma solução junto da Companhia das Aguas, mas sem qualquer resultado.

Em face da gravidade da situação procuraram ainda o auxílio dos bombeiros, mas este — prontamente fornecido — revelou-se improficuo, dado que a água cedida estava imprópria para consumo.

Reabertura de um acesso à ponte

Quanto á vedação de um acesso á ponte sobre o Tejo, informa-nos o Gabinete respectivo que os trabalhos devem estar concluídos ainda hoje, devendo o transito ser autorizado a partir de amanhã.

AS ÁGUAS DO TEJO CONTINUAM A BAIXAR NA REGIÃO RIBATEJANA

SANTARÉM, 16. — Há já alguns dias que as escalas higrométricas de Vila Velha de Ródão, Barquinha e Santarém vêm acusando subidas e descidas. Entretanto, desde ontem que o Tejo começou, de novo, a baixar de nível e de volume.

As escalas, em Vila Velha de Ródão, marcaram, ás 3 horas, 4,14 m.; ás 6, 4 m.; ás 9, 3,86 m. Na Barquinha, as medições deram o seguinte: 4,38 m; 4,27 m e 4,15 m. Em Santarém, e nas mesmas horas, verificaram-se as seguintes medidas: 5,55 m; 5,47 m e 5,42 m.

Em todo o caso, continuam ainda interrompidas ao trânsito as estradas de Pombalinho a Azinhaga; da Ribeira de Santarém a Alcanhões (no sítio de Palhais) e do Vale de Santarém a Valada (estrada do Campo).

Com a melhoria do tempo que, ontem e hoje, se tem notado em toda a região ribatejana, as águas devem continuar a descer, se não voltarem as grandes chuvadas.

ESTA SEMANA

motor

SAI AMANHÃ

com assuntos de grande actualidade, artigos do maior interesse e, além de todas as secções habituais,

uma completa reportagem do «Racing Car Show», de Londres, pelo enviado especial Joaquim Filipe Nogueira

Sai às 5.as feiras ● Preço 2$50

O PINTOR D. CARLOS DE BRAGANÇA

Por RAUL REGO

O volume agora saído sobre A Obra Artística de El-Rei D. Carlos **trouxe de novo a primeiro plano o desenhista e pintor que foi o penúltimo rei de Portugal, continuando as tradições artísticas da família de Bragança. Desde o fundador da dinastia, com obra musical de valia, aos ensaios poéticos e musicais de D. Pedro IV, aos conhecimentos de pintura, de desenho e de mobiliário que notabilizaram D. Fernando II, às traduções de Shakespeare feitas por D. Luís, também amador de violoncelo em que parece desafinava bastante, a dinastia teve fim com o D. Manuel, que se havia de notabilizar no exílio como bibliófilo apaixonado, deixando núcleo de livros antigos portugueses realmente notável.**

Parece-nos todavia que desses temperamentos artísticos dos Braganças o que sobreleva é o de D. Carlos como pintor. O de que o País mais aproveitou deve ter sido o coleccionador e conhecedor que se chamou D. Fernando, casado com D. Maria II, salvando muitas obras-primas que o desleixo e a incúria teriam perdido e estando esse espírito de coleccionador na base da formação do nosso Museu Nacional de Arte Antiga.

Sobre D Carlos não há ainda a serenidade bastante para o apreciar como rei, envenenados que estamos todos, uns e outros, com azedumes e quezílias de pais para filhos, que não deixam equilibrar o raciocínio; mas sobre o pintor que ocupou o trono é que começa a haver unanimidade entre artistas e críticos, historiadores de arte. Poderia sem duvida ter sido um pintor profissional dos primeiros do seu tempo e no nosso País, ele que, no pastel, ainda se conta entre os maiores praticantes que tivemos.

A Fundação da Casa de Bragança editou o primeiro volume de uma obra monumental sobre «A Obra Artistica de El-Rei D. Carlos», escrita pela directora do Museu Abade de Baçal, em Bragança, dr.ª D. Maria de Lourdes Bártholo, que para a mesma fundação outras obras realizara já. Inventário minucioso e crítico, com indicações de apresentação, de possuidor e de local, além de todas as outras referências necessárias em obras do género, de alguma coisa valeu a este artista o ser rei e chefe da Casa de Bragança, já que outros grandes artistas como Columbano, Silva Porto e Pousão e Amadeu de Sousa Cardoso, Malhoa, Carlos Reis, esperam a instituição oficial ou oficiosa que realize obra semelhante para eles Estudos críticos, alguns se contam e de valia, inventário minucioso nenhum deles o tem.

Obras como o «Sobreiro alentejano», em carne viva, o «Marroquino», que se encontra no Palácio de Vila Viçosa, e a «Campina alentejana», estirada, do Museu Nacional de Arte Contemporânea, dão-nos a medida do pintor a pastel; no óleo há um «Casario e Rua», no mesmo museu, que bem poderia ser assinado pelo grande Pousão, nessa altura em Itália, fixando os tipos e as gentes de Nápoles e Capri.

Por outro lado, desenhos á pena, a carvão, a lápis, dão-nos o artista seguro da sua técnica, senhor de si e vibratil, de fina sensibilidade e a dar vida a alguns retratos e paisagens. Veja-se aquele retrato de senhora que tem o n.º 258, aquele extraordinário retrato do chefe dos guardas Silva (278), que grandes artistas modernos não enjeitariam, algumas marinhas, recantos de Vila Viçosa, terras vastas, em apontamentos leves, e teremos a medida do desenhista de garra que ele era.

Parece já agora perdida para sempre aquela obra que deverá ter sido das melhores de D. Carlos «O levantar de uma armação de atum», por ele oferecida a Guilherme II, da Alemanha, e premiada com a medalha de prata na exposição de Paris, em 1900. Ao vermos a sua reprodução é como se nossos olhos contemplassem as páginas vivas de outro grande artista que também foi chefe do Estado e também não foi feliz e se chamou Manuel Teixeira Gomes. Lembram-se do «Agosto azul» e dessa cena pagã da costa algarvia? Pois enquanto o grande escritor que seria embaixador e presidente da Republica descrevia maravilhosamente, pintava-a a pastel o que era então rei de Portugal! Tanto a arte irmana os homens mais distantes!

A personalidade de D. Carlos não foi ainda estudada sem paixão; mas o historiador, o psicólogo que empreenda o trabalho, não poderá deixar de se debruçar fundamente sobre sua obra artística. É evidente nesta, por exemplo, o seu á-vontade nos tipos populares, cenas de mercado, guardador de porcos, ou moço de lavoura de jaleca ao ombro a caminhar por aí fora; sentia de forma estranha o mar, o Alentejo, com Vila Viçosa e seus campos a perder de vista e seus recantos pitorescos. Porque será que lhe saem mais espontâneos, firmes, os perfis de varinas, de torsos singularmente fortes e vibráteis, do que certos retratos de damas? Porque será que são relativamente poucas as suas obras de Sintra e não das melhores?

O livro da dr.ª D. Maria de Lourdes Bártholo, que esperamos não fique truncado, como a tantos outros acontece, dá-nos neste volume o inventário das colecções oficiais, museus e palácios nacionais; supomos que em outro volume nos dará as obras em poder de particulares. Uma observação: a que propósito vem no texto do volume, antes das reproduções, como se fizesse parte do tema do mesmo volume, o rol das obras editadas pela Fundação da Casa de Bragança? O seu lugar não seria ali, mas no começo ou no final e não á laia de capítulo da obra. E porque se retirou, nesse mesmo rol, das obras inspiradas pela fundação, o «D. Constantino de Bragança», onde Aquilino Ribeiro ergueu o melhor dos monumentos ao vice-rei da India?

A erudição, os conhecimentos da autora, suas qualidades de investigadora e sentido crítico, ficam documentados no volume que consagra o pintor D. Carlos de Bragança. O artista ocupará entre os seus pares lugar mais cimeiro do que o soberano na nossa História? Parece-nos que sim.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

Chefia do Serviço de Orçamento e Administração

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Encargos Relativos ao Ano Económico de 1968

Para os efeitos devidos, torna-se público que os pagamentos relativos aos encargos em epígrafe só serão efectuados, de acordo com a lei, até ao dia 14 de Fevereiro de 1969, impreterivelmente, declinando-se toda a responsabilidade no pagamento dos recibos apresentados posteriormente àquela data.

Lisboa, 13 de Janeiro de 1969.

O PRESIDENTE DO C. A.

Aldemiro da Encarnação Pires

Coronel do S. A. M.

ECOS

FALÁMOS há dias, nesta secção, no reaparecimento da crónica em Portugal como género literário que se reafirma através da grande Imprensa. E referimos nomes. Pois bem, eis que saiu do prelo um livro que alguma coisa acrescenta ao que dissemos: «Uma voz que se ergue da terra e outras crónicas líricas», de J. M. Boavida Portugal. O nosso saudoso amigo Armando Ferreira afirmou a seu respeito: «Em Boavida Portugal o artista surge constantemente por entre as grades douradas da mais linda gaiola de ideias e sensações: é a rebeldia contra a asfixião do intelectual às dimensões da sua vida de jornalista na primeira fila do profissionalismo».

É a altura, já que nos prezamos de dar o seu a seu dono, de mencionar outros dois excelentes cultores desta difícil e melindrosa arte, a crónica, que a banalidade pode tornar menor e que com alguns raros se guinda à altura do poema, da reflexão filosófica, do apontamento lapidar. Pensamos em Baptista Bastos, na sua violenta, fogosa e, às vezes, sibilina originalidade, e em José Saramago, que arranca pérolas e pepitas de ouro do quotidiano aparentemente mais vazio, de um quadradinho de rua ou tarde lisboeta, dos bafientos (mas pela sua pena iluminados) recantos da memória.

★

CAUSAM horror bem compreensível notícias como a que há dias sacudiu o País num frémito de espanto: um motorista de praça, cujo automóvel fora riscado pelo garotio de uma escola, não conseguindo alcançar nenhum dos gandulos que lhe haviam feito a pirraça, deitou a mãozorra a um pimpolho de seis anos, que, por sinal, não era para ali dado nem achado, e vá de o surrar, a soco e pontapé, acabando por arrojá-lo, mais de uma vez, depois de o despir, para o fojo de uns silvedos, onde a criança ficou toda cortada. Eis uma expressão bem atroz do exercício da lei do mais forte. Passou-se esta monstruosidade entre nós, na bucólica povoação de Várzea de Cavaleiros. Outras barbaridades análogas ocorrem, em maior escala, no Vietnam, na América Latina, nos «ghettos» negros dos Estados Unidos, onde quer que uma brutalidade oficializada, ou tolerada, se exerça contra os fracos.

★

EM Espanha, parece ter caído em desgraça a música «pop», tal como sucedeu no Egipto, e noutros países árabes, com a mini-saia, tolerada, mas desaconselhada. Triste exemplo de incompreensão. No fundo, tudo isto reverte à velha questão dos bons e dos maus costumes.

Como libertar os indivíduos (já que por vezes são eles a fazer uma inconsciente pressão sobre os Estados autocráticos, círculo vicioso de alienação) da opressão resultante do estilo das relações humanas. Há interdições agressivas na orla mediterrânica da Europa e da África. É fácil verificar que certos hábitos fazem das questões da esfera erótica um tormento constante, tanto para a juventude como, afinal, para os adultos dos dois sexos...

★

EM importante artigo de Michel Bosquet publicado no Nouvel Observateur **com o título «Que resta do socialismo», declara-se que, após as barricadas de Maio em Paris e a crise de Praga em Agosto, a esquerda europeia procura uma nova definição da noção de socialismo.** Em 1969, centenas de milhões de pessoas vão querer reinventar o socialismo. Bosquet andou pela Europa Central, especialmente pela Checoslováquia, e comenta: «O Governo contra o qual foi decidida a invasão continua no Poder em Praga. Nem uma só prisão se verificou. Os elementos estalinistas, favoráveis à intervenção soviética, depois de ganharem algum terreno em Outubro, estão novamente na defensiva». Segundo o testemunho directo de Michel Bosquet, a censura, da qual estão rigorosamente isentas as artes e a cultura, pràticamente nem existe. A efervescência checoslovaca é mais forte hoje do que seria se a democratização anunciada se houvesse processado normalmente. E maior ainda é o risco de contágio dos países limítrofes. A acusação de reformismo, feita aos checos, poderia, em última análise, ser aplicada ao próprio Lenine. Há quem pense nos países do Leste que só uma revolução socialista, fiel ao essencial do pensamento marxista, pode salvar do imobilismo e da esclerose burocrática as democracias populares. Não estamos tomando posição, mas tão-só registando opiniões, que são honestas e inteligentes. Aliás, Michel Bosquet é o primeiro a concluir que uma coisa é certa: para a falência eventual do socialismo de hoje como para a falência inevitável do capitalismo só pode haver uma resposta socialista, ou não haverá resposta alguma.

★

ACONTECEU nos subúrbios de Lourenço Marques um camião colidir com um autocarro, devido a manobra manifestamente perigosa. Em resposta, o condutor do autocarro foi-lhe no encalço a todo o gás. «Perseguição cinematográfica», disseram os jornais. Mas, por muito excitante que para os passageiros tenha sido a experiência, cabe perguntar se o responsável por essas vidas teria o direito de as pôr em risco, apenas para identificar o culpado de um acidente irrisório. Claro que é importante, em questões de circulação, castigar os que fazem perigar as vidas alheias. Mas, ao fim e ao cabo, o condutor do autocarro, em seu excesso de zelo, não veio a pecar pela mesma inconsciência, seja qual for a sua perícia?

RECTÂNGULOS DA VIDA

O VELHO E A CASA

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

O velho disse: «Gosto de viver numa casa antiga entre casas antigas. É como eu gosto de viver. Uma casa acabada de construir, numa rua nova, dir-me-ia constantemente que sou velho, que estou fora do tempo».

«De que tempo?»

«Do tempo das casas, por exemplo. Das casas novas, claro. Aqui não. Aqui estou certo. De vez em quando tenho uma dor mais forte e há um pouco de caliça que cai do tecto sobre a minha cabeça. Metafòricamente, dirá você. «Pronto, metafòricamente. Nada disto tem um ar saudável, se compreende o que quero dizer. Consta para aí que o senhorio tenciona vender o prédio para demolição. Uma casa que talvez morra um dia destes, uma casa em perigo como eu. Às vezes dou comigo a pensar...»

«Em quê?», perguntou o rapaz, por perguntar, só para fazer conversa.

«Aqui, onde eu estou, talvez haja um dia uma parede e este sobrado onde ponho os pés não exista porque o novo sobrado fica mais acima ou mais abaixo. Talvez aí onde você está sentado seja simplesmente ar, compreende?»

«E depois?»

«Sei lá, depois! Nada. A minha mulher, coitada, anda aflita com a ideia de ter que se mudar. Não é uma parvoíce?»

«Talvez não. Se demolirem a casa talvez tenham de ir para uma dessas casas novas em ruas acabadas de construir.»

«E então?»

«Mas o senhor não disse agora mesmo...»

O velho sorriu vagamente. «Se me mudar é porque esta casa vai morrer. E o problema é entre mim e ela. Entre mim e esta casa onde nasci. Qual de nós irá primeiro?»

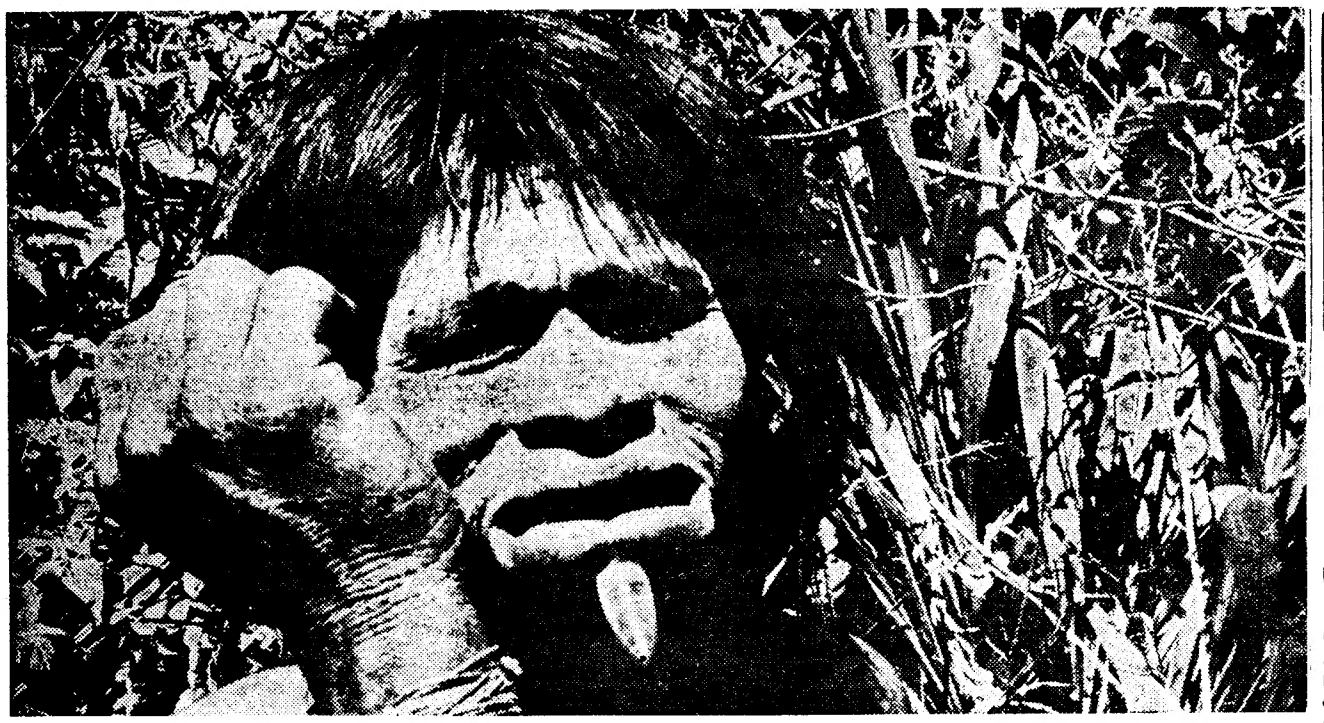
«O problema? Esta casa?»

«Esta casa. A minha mulher diz que até com as casas eu me zango. Entre mim e ela, percebe?»

O rapaz não percebia grande coisa mas não perguntou mais nada porque só ali estava porque queria falar com um colega, que era neto do velho e que ainda não tinha chegado.

Quando meses depois leu no jornal que ele, o velho, tinha morrido, ali, teve pena de que tivesse sido assim. E quando viu o colega perguntou-lhe se sempre iam demolir a casa, até porque achava de súbito que era a mínima das coisas que podiam — ou deviam — fazer pelo velho.

O neto, porém, disse-lhe que o senhorio tinha pensado melhor e ia simplesmente fazer obras.



«Atroari» fotografado antes do massacre

ALGURES NO MUNDO

um repórter do «Diário de Lisboa»

Joaquim Letria

Brasil, quem és tu?

Os massacres da Amazónia uma velha questão

MANAUS, AMAZONAS — (Por gentileza da VARIG) — **As três últimas expedições organizadas aos territórios dominados pelos índios da Amazónia não voltaram. A última, comandada pelo missionário italiano Calleri, foi recentemente massacrada junto a uma aldeia de índios «atroaris». A Força Aérea Brasileira só recolheu ossadas e poucos objectos. Dos índios nem sinal. O mateiro Alvaro Paulo da Silva, conhecedor profundo das ciladas da floresta e dos seus habitantes selvagens, foi o único sobrevivente dessa expedição de nove pessoas em que havia dois casais. As opiniões dividem-se quanto às causas do massacre, mas a maioria incrimina o padre transalpino. Porque matam os índios os brancos que penetram na floresta?**

Neste caso, segundo o depoimento do mateiro, a culpa foi inteiramente do padre. No meu primeiro dia de Manaus procurei esse sertanejo de feições rudes e angulosas, barba de dias, pouco falador. Ele próprio me conta a sua aventura, a sua fuga de dias, sózinho, através da selva, até Itacoatiara, vizinha de Manaus, numa pequena piroga feita por suas mãos quando se apercebeu do perigo que corriam perante a falta de tacto do padre no tratamento com os índios.

Durante sete horas este homem de poucas falas percorreu silenciosamente os 25 quilómetros que separavam a aldeia índia do acampamento, fugindo de uma morte que antevia certa e que as ossadas confirmaram. E fugiu, enlouquecido, dos restos dos seus companheiros. Fora terrível a vingança dos «Atroaris» contra o padre branco e autoritário.

João Américo Peret, da Fundação Nacional do Índio, é da mesma opinião: «O padre quis impor uma situação de domínio, de superioridade. Todos os seus actos o condenaram. A irritação dos índios cresceu até á decisão do massacre final.»

O mateiro conta-me: «O padre passava o tempo a ameaçar os índios que a princípio se mostraram amigáveis, oferecendo presentes. Deu uma panela, uma vez, por uma pele de onça. E ameaçava sempre os índios, dizendo que «se índio rouba, padre mata, pum, pum», segurando a espingarda. Desde o princípio o avisei do perigo que corria se continuasse a proceder assim. Nunca quis saber e dizia que só o medo e a autoridade dominavam os índios. Aviseio-o o mais que pude. Depois, não tive mais coragem e fugi».

Pessoas mais imaginosas afirmam que por detrás dos massacres está a mão de brancos explorando riquezas e que não querem a penetração de outros brancos. No mosteiro de Santa Teresinha, em Manaus, na Av. 7 de Setembro, onde visito o «Museu do Índio», e de onde partiu a expedição Calleri, seguro nas minhas mãos uma seta que uma freira me estende. Na sua ponta de pedra tem ainda sangue seco, pele humana e roupa. Foi encontrada junto das ossadas. Vai ser enviada para a Alemanha, para um museu de etnografia.

UMA VELHA QUESTÃO

Mas não é nos erros do padre que reside, quanto a mim, a razão fulcral dos massacres feitos pelos índios a expedições pacificadoras que são enviadas ao interior, na região do rio Alalaú, onde vivem as duas tribos consideradas indomáveis.

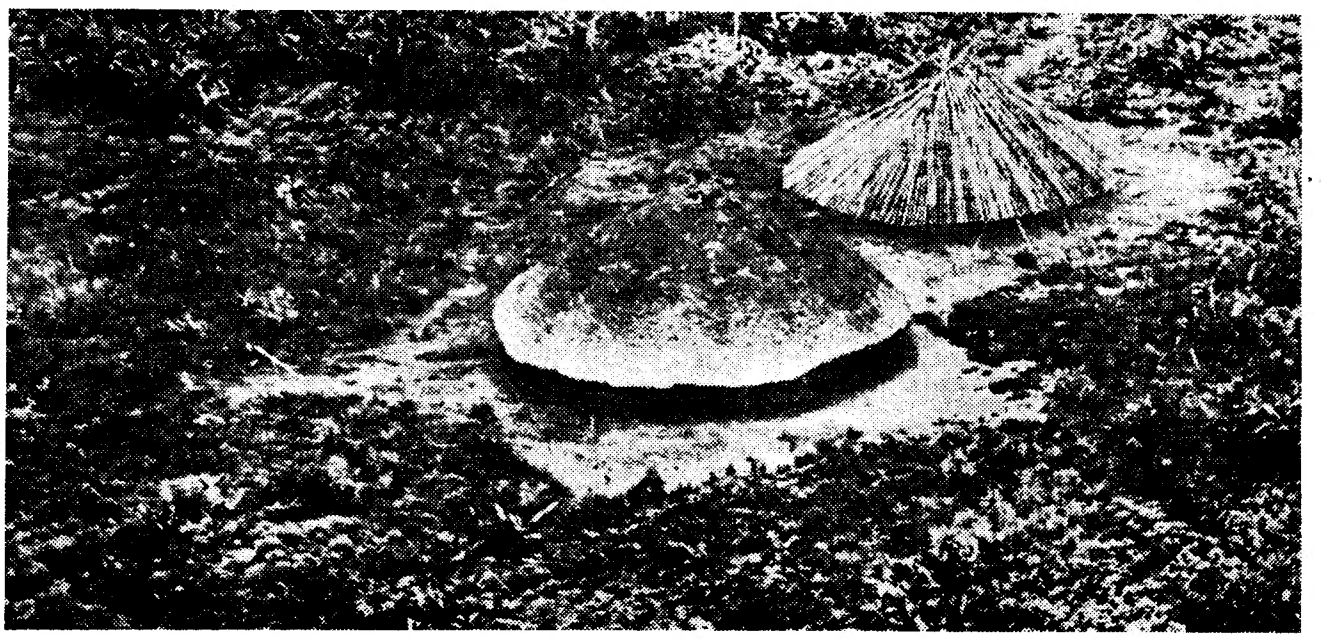
A questão vem de muito atrás. Desde os primeiros exploradores da Amazónia. E não terá nada que ver com isto o simples facto de, de dois milhões de índios existentes na Amazónia no século XVII, hoje não existirem mais de 200 mil em todo o território brasileiro?

Provenientes da Polinésia, da Austrália e, principalmente, da Sibéria, através do estreito de Bering, milhares de índios (hoje vejo seus descendentes em Manaus, de olhos amendoados, semelhantes a japoneses, e pele de bronze puro) instalaram-se na selva amazónica e dominaram-na pacientemente, descobrindo o antídoto contra a mordedura das serpentes muito antes de Pasteur criar a vacina contra a raiva, criando com suas mãos pirogas dignas de Acapulco e inventando essa terrível cozedura de ervas que depois de pronta dá pelo nome de **curare,** veneno instantaneamente mortal, cuja fórmula os médicos hoje perseguem por ser útil ao tratamento da poliomielite (a freira que mostrara a seta que matara um dos expedicionários conta-me que ao longo de 27 anos de missões no interior jamais conseguiu obter essa fórmula de índios amigos. «É segredo», dizem eles).

Teciam tapetes maravilhosos, que ainda hoje fazem, de fibras de árvores e de lianas, que ainda hoje podem ser vistos no museu do índio de Manaus: usavam o óleo de babassu para tempêro, e hoje esse produto é parte integrante da moderna margarina; mascavam casca de quina, para evitarem a malária, muito antes do aparecimento do quinino, e chupavam a casca do salgueiro quando tinham dores de cabeça, muito antes também de o salicilato dessa casca se transformar na Bayer em aspirinas que o mundo consome. Em pouco tempo cresceram e multiplicaram-se; utilizavam a raiz de «mandrake» contra o cancro e andavam em sandálias de borracha derretida e depois seca ao sol. Eram pacíficos e não conheciam as armas de fogo, contam os historiadores da época. Mas então veio a praga

Durante dois séculos a ordem foi «diminuir índios». Pedro Teixeira, com os seus 1200 homens sobe o Amazonas em 70 barcos e o genocídio come-

(Continua na 14.ª página)



Aldeia «Atroari»

OS últimos restos encontrados na aldeia

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO POLITEAMA

TÍTULO: «Assalto à Muralha do Atlântico» («Attack on the Iron Coast» — 1968).

REALIZAÇÃO: Paul Wendkos.

INTÉRPRETES: Lloyd Bridges, Andrew Keir, Sue Lloyd.

Uma banal, mas correcta história de guerra que interessará aos apreciadores do género e aborrecerá os outros — eis o balanço do filme ontem estreado no Politeama. Nele se narra a audácia de uma unidade inglesa que procura destruir uma base na costa francesa, tudo isto com alguns dramas psicológicos para dar mais peso. Indicada a fórmula, que não tem no caso presente grande novidade, resta dizer que o objectivo desta obra comercial se cumpriu plenamente: emoção e sentimentos heróicos nas devidas proporções. Na interpretação, salientam-se pelo seu acerto Lloyd Bridges, Andrew Keir e Sue Lloyd.

EM COMPLEMENTO: A Pantera também se passeia agora pelo Politeama: e briga com o vizinho. Convém não perder

E. P. C.

• NO ODEON

TÍTULO — «A Guerrilheira».

REALIZAÇÃO — Fernando Moyrata.

INTÉRPRETES — Carmen Sevilla, Vicente Parra e Julio Aleman.

«A Guerrilheira», o filme ontem estreado no Odeon, retoma o estilo folhetinesco de tantos filmes de Carmen Sevilla. A acção desenrola-se durante a revolução mexicana de 1913, cujo ambiente é dado com a superficialidade e a falta de perspectiva histórica que seria de esperar. A realização de Fernando Moyrata limita-se a encontrar para o tipo de filme, o tipo de estilo adequado. — *J.*

«A Caixa de Pandora» (de Fernando Amado) na Casa da Comédia

Está marcada para a primeira semana de Fevereiro a estreia, no palco do Teatro das Janelas Verdes (Casa da Comédia), do capricho teatral de Fernando Amado «A Caixa de Pandora» com direcção de Norberto Barroca.

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- A montagem da nova revista do Maria Vitória pertence aos cenógrafos Ernani e Rui, sendo os figurinos de Mário Alberto.
- O teatro ABC reabre ao publico ainda este mês, segundo declaração do próprio empresário José Miguel.
- É muito provável que a companhia do Teatro Capitólio faça a reposição da peça «Frei Luís de Sousa» antes de apresentar a peça «Os visigodos».
- A actriz Florbela Queirós vai regressar ao teatro Villaret para participar numa comédia, o género que mais lhe agrada.
- Continua a falar-se na ida ao Brasil da companhia do Teatro Vasco Santana para apresentação da peça «Bocage, alma sem rumo».

«AS 4 ESTAÇÕES» EM BREVE NO TEATRO VARIEDADES

No Teatro Variedades, para subir á cena a seguir á comédia «O Amor 68», Paulo Renato ensaia dois excepcionais artistas: Eunice Muñoz e Fernando Gusmão, no original de Arnold Wesker, «As quatro estações».

Vasco Morgado, ao apresentar este espectáculo, coloca Lisboa ao nível das grandes capitais, pois esta peça é presentemente o maior cartaz do teatro parisiense e as críticas consideram a mais bela ideia de teatro admirávelmente servida por dois actores.

ESTREIA • HOJE

ÀS 21.45 (ADULTOS) ROMA

UMA COMÉDIA DE SITUAÇÕES INCRÍVEIS!

CATHERINE SPAAK

ELA TEM 20 ANOS
O MARIDO TEM 60!

POR FORÇA DAS CIRCUNSTÂNCIAS COMPREENDER-SE-Á PERFEITAMENTE QUE ELA DIGA...

O MARIDO É MEU MATO-O QUANDO ME APETECER

HUGH GRIFFITH

Exclus. FILME OCIDENTE TECHINOCOLOR

AMANHÃ NO COLISEU

Às 21 e 30 M/ 12 anos

Sensacional ESTREIA de uma GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

UM TIGRE A CAVALO!

Elefantes, leões, tigres, póneis, palhaços, etc.

Um extraordinário conjunto

Números únicos no mundo

Preços populares — Bilhetes à venda

SÓ MAIS 10 DIAS

NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 ..

HOJE, ÀS 21.45 H. (ADULTOS)

UMA FANTÁSTICA COMÉDIA DE HENRIQUE SANTANA

O AMOR-68

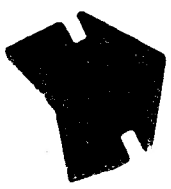
com HENRIQUE ● IRENE ● COSTINHA ● SEMEDO ● LIA ● ANABELA e ADRIANO REYS

Dir. plástica de F. RELÓGIO

Encenação de MARIA HELENA

SÁBADO: 2 sessões, 20.45 e 23 h.

VÁ HOJE



ÀS 21 HORAS OU ÀS 23 H. AO TEATRO VILLARET VER

«A PREGUIÇA»

com RAUL SOLNADO

ADULTOS

TRINDADE

— F. N. A. T. —

HOJE, às 21.45 (17 anos) o T.N.P., sub. pelo Fundo do Teatro, apresenta

SABINA FREIRE

de M. Teixeira Gomes com Lourdes Norberto na protagonista

SÁBADO, tarde às 16 h.

LUSTRES

de sonho para a sua casa. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq.º — Telefone 77 16 39 (Ao Campo Pequeno)

SALVADOR no «compère»

MARIA VITÓRIA

● TODAS AS NOITES ÀS 20.45 E ÀS 23 HORAS, A FAMOSA REVISTA DA GARGALHADA EM SENSACIONAL 5.º MÊS

GRANDE POETA É O ZÉ!

COM

SALVADOR ● VIANA ● MARIEMA

MAX ● ANITA ● DORA ● V. MENDES

À FRENTE DE UM NOTÁVEL ELENCO COM A GRANDE ATRACÇÃO

MAY AVRIL

● DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS ●

ADULTOS

MARIEMA

VIDA MUSICAL

Musica de órgão na Sé

Decorre no domingo, ás 16 e 30, na Sé Catedral de Lisboa, o segundo dos recitais que integram o ciclo de musica de órgão, legendado «Bach e os seus precursores», que a Fundação Calouste Gulbenkian promove, prosseguindo, assim, a obra que se insere no seu Plano de Ressurgumento da Cultura Organística em Portugal. O concerto está a cargo de Jean-Louis Durand, titular dos órgãos de St. Maclou, em Rouen.

O terceiro recital do presente ciclo de musica de órgão decorrerá no dia 26 e a sua realização foi confiada ao organista Antoine Sibertin-Blanc, nome bem conhecido no nosso meio musical.

A venda de bilhetes efectua-se nas bilheteiras do Cinema Tivoli e na Sé Catedral, no próprio dia do recital — beneficiando os estudantes de 50 % de desconto, revertendo a receita obtida a favor das obras assistenciais da paróquia da Sé.

Admissões á Orquestra de Camara Gulbenkian

Até ao dia 18, encontra-se aberta a inscrição para o concurso de admissão á Orquestra de Camara Gulbenkian, para efeito de preenchimento de uma vaga existente no naipe dos violinos.

Os instrumentistas que desejarem concorrer deverão enviar uma carta ao Serviço de Musica da Fundação Gulbenkian, contendo os seguintes elementos: nome completo, filiação, naturalidade, data do nascimento, estado, morada, numero e data do bilhete de identidade e arquivo que o passou, habilitações literárias e musicais.

A data da prestação de provas e o programa das mesmas serão, oportuna e directamente, comunicados aos interessados.

Elisabeth Schwartzkopf será substituída por Siw Ericsdotter na ópera «O Cavaleiro da Rosa»

Por motivo de doença, comunicado ontem telegráficamente ao Teatro Nacional de São Carlos, a cantora Elisabeth Schwartzkopf, que deveria apresentar-se no papel de «Marechala» da ópera «O Cavaleiro da Rosa», que será cantada no mesmo teatro nos próximos dias 17 e 19, será substituída pela cantora Siw Ericsdotter, que também pela primeira vez canta ópera no nosso País, e que é, igualmente, considerada uma das mais perfeitas intérpretes daquela personagem.

Assim, a temporada de ópera de 1969 do Teatro Nacional de São Carlos prossegue no próximo dia 17, ás 21 e 15, com a anunciada récita da ópera «O Cavaleiro da Rosa», de Richard Strauss, com Siw Ericsdotter, Wandy Wine, Irmgard Stadler, Georg Schnapka e René Kollo nos principais papéis e á frente de um grandioso elenco de grandes cantores dos teatros líricos de expressão alemã e de carreira internacional, e também de distintos cantores portugueses. De tal elenco fazem parte: Andreas Angrelli, Gisella Neuner, Horst Ruther, Maria Graf, Walter Hagner, Karl Krollmann, Carlos Xavier, Suzette Dias, Sara Rosa, Maria Luísa Viegas e Cecília Correia. Dirige a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional o reputado maestro Hans Georg Ratjen e a encenação é do dr. Werner Kelch, um dos mais reputados encenadores alemães de hoje.

Lições sobre música folclórica argentina na Fundação Gulbenkian

No auditório da Fundação Gulbenkian, a musicóloga e compositora argentina Alicia Terzian começa hoje, ás 18 e 30, o anunciado ciclo de lições sobre Música Folclórica Argentina.

A lição de hoje terá o sumário: «A etnomusicologia e a música dos aborígenes Sistema tonal, melodia, harmonia, forma. Grupos aborígenes: os seus instrumentos, danças e cerimónias» A entrada é livre

As restantes lições realizar-se-ão no mesmo local e á mesma hora nos dias 21, 23, 28 e 30 Este ciclo é ilustrado com a audição de música gravada e a projecção de diapositivos.

Alicia Terzian é uma das mais destacadas figuras da vida musical argentina e ocupa, actualmente, em Buenos Aires, as funções de professora de Composição no Conservatório Nacional, de História da Ópera no Instituto Superior de Arte do Teatro Colon, e de História da Música na Escola Superior de Belas-Artes da Universidade Nacional de la Plata.

ora diga-nos...

— Como se defende da chuva?

Isto tem sido um caso sério de chuva. O facto é que, apesar dela, as pessoas que trabalham não podem ficar em casa de papo para o ar a ouvi-la cair na janela... As pessoas têm que sair, andar de um lado para o outro, calcorrear as ruas. Como se defendem elas da chuva?

● — Uso guarda-chuva, gabardina e botas com sola de borracha. E mais nada — *afirmou-nos o José António Oliveira Dias, empregado de escritório.*

— Mas apesar disso molha-se...

— Um bocadinho. Especialmente nas pernas, em baixo. E a minha já está a fugir à moda, abaixo do joelho. Mas mais comprida, fica muito mal.

● *Por sua vez, o sr. António Maria Martins, empregado comercial, disse-nos:*

— O mais próprio é o guarda-chuva. O pior é que este Inverno já lá vão dois — este é o terceiro... Gabardina? É contra o meu feitio, tolhe-me os movimentos.

E a concluir:

— Quando ao sair de casa está a chover muito também costumo trazer botas de borracha. Mas não me agradam muito — dão mau andar. Eu fui criado á chuva, ela não me mete medo..

— ?

— Sou de Pampilhosa da Serra, embora esteja em Lisboa há 20 anos. Lá chove bastante e as pessoas arranjam-se. Vou à Pampilhosa todos os anos passar as férias e ver os «velhotes».

● — Para me defender do mau tempo uso aquilo que é normal — guarda-chuva, gabardina e sapatos de sola de borracha — *declarou-nos, por último, Carlos Beato, funcionário corporativo e aluno (voluntário) de Direito.* — Evito, ou tento evitar, os efeitos da chuva.

— E na cabeça, usa alguma coisa — boné, boina, etc.?

— Não, nunca me habituei. Ou talvez ache um pouco exótico

SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK

APRESENTA EM:

2.ª SEMANA

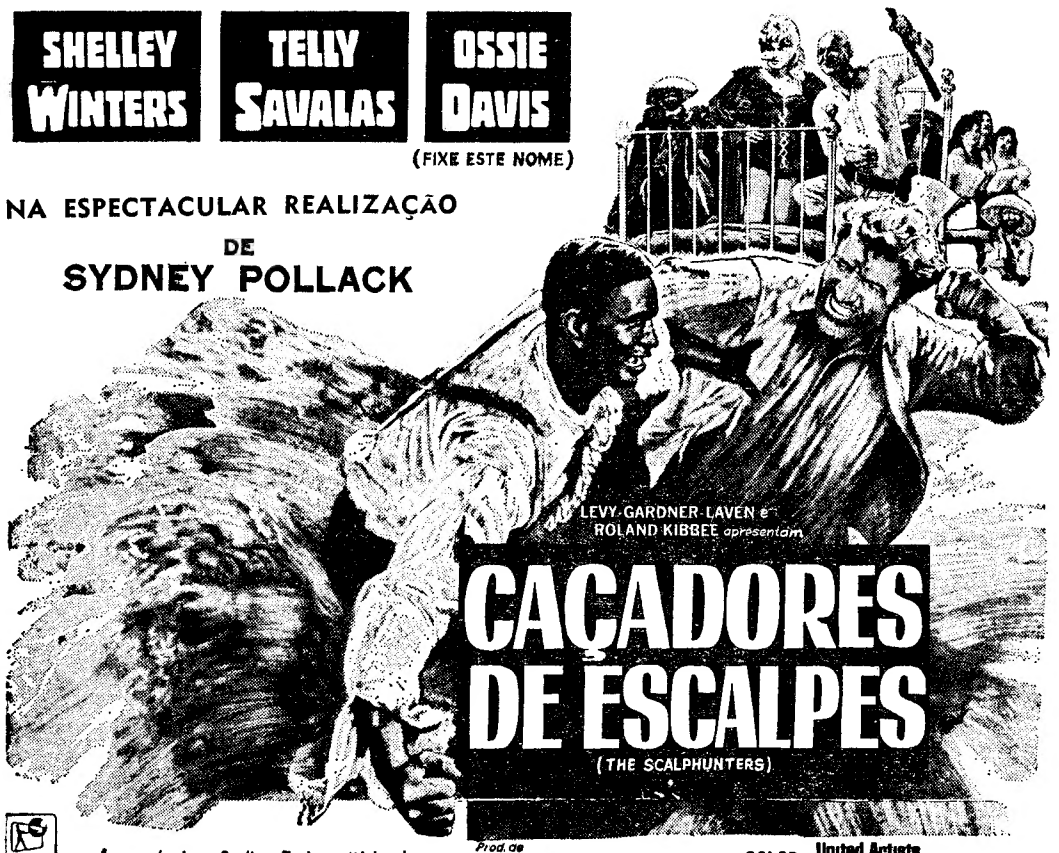
BURT LANCASTER

CINEMA DENÚNCIA...

TRUCULENTO, VIRIL, ACTUAL!!!

SHELLEY WINTERS
TELLY SAVALAS
OSSIE DAVIS
(FIXE ESTE NOME)

NA ESPECTACULAR REALIZAÇÃO DE SYDNEY POLLACK



Argumento de WILLIAM NORTON · Realização de SYDNEY POLLACK · Música de ELMER BERNSTEIN · Prod. de JULES LEVY · ARTHUR GARDNER · ARNOLD LAVEN
PANAVISION · COLOR DeLuxe · United Artists
Adultos

As estreias de hoje

No Roma

Título em português — «O marido é meu, mato-o quando me apetecer»
Produção — Italiana
Realização — Pascoal Festa Pampanile
Intérpretes — Catherine Spaak e Hugh Griffith.
Género — Comédia
Distribuição — Filmes Ocidente
Processo — Technicolor
Classificação — 17 anos

No Estúdio 444

Título em português — «Leviol — o desconhecido desejado»
Produção — Franco-sueca.
Realização — Jacques Doniol — Valcroze
Intérpretes — Bibi Andersson, Bruno Cremer
Género — Aventura
Distribuição — Doperfilme
Processo — Eastmancolor
Classificação — 17 anos.

CAPITÓLIO
Telef 32 03 79
21,45 h (M. 17 anos)
TANGO
O segundo mês de um êxito triunfal, pela Companhia do TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Sábado e domingo às 16 horas

SALDOS

Toalhas turcas, jogos turcos das melhores qualidades, sem qualquer defeito, a preços excepcionais.

Atoalhados de mesa a metro, lindos padrões e boa qualidade, a 37$50 o metro. Sem defeito (era de 52$50).

Opais suiços para camisas de noite a 25$00 (eram de 57$50).

Lavores Femininos
Avenida Guerra Junqueiro, 3-D
LAVORES
Rua Áurea, 197 — LISBOA

MADALENA IGLÉSIAS NO FESTIVAL DA IMPRENSA

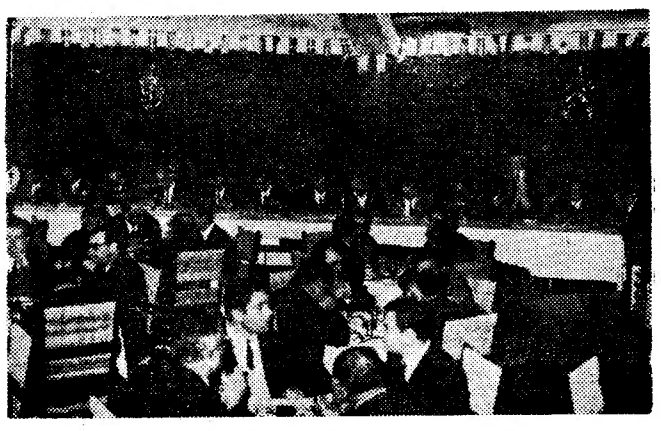
Mais uma grande artista, Madalena Iglésias, vedeta da Rádio, da Televisão e do Cinema, estará presente no mais representativo festival organizado pelos jornalistas portugueses, a 8 de Fevereiro, no Pavilhão dos Desportos, no «show» da entrega dos «Prémios da Imprensa».

Madalena Iglésias, em fins do mês corrente, vai cumprir um magnífico contrato de oito dias na melhor «boîte» madrilena: o «Pasapoga». Depois, no regresso a Portugal, prevê como unica apresentação publica (antes de participar no «Grande Prémio da TV da Canção Portuguesa») a intervenção no Festival para entrega dos «Prémios da Imprensa».

Vasco Morgado apresenta no
LAURA-ALVES
Às 21.45 (Adultos) T. 864756
AOS SÁBADOS 2 SESSÕES ÀS 20.45 e 23 HORAS
EM TRIUNFAL 5.ª SEMANA
O JOVEM MENTIROSO
UMA PEÇA PARA RIR E PENSAR QUE CONSAGROU UM JOVEM ELENCO!

Manuela Maria

SÁBADO «MATINÉE» ESPECIAL dedicada a estudantes com preço único de 10$00



O almoço de confraternização que assinalou a abertura do estágio no Muxito

Os inspectores de seguros da Império e Sagres participaram num estágio promovido pelas suas empresas

Durante alguns dias estiveram reunidos no Muxito, num estágio promovido pelas companhias de seguros Império e Sagres cerca de setenta inspectores destas empresas. Trata-se de uma iniciativa que se realiza pela segunda vez e que tem por finalidade confrontar os problemas internos daquela importante organização com os problemas comerciais de cada região, ligados á actividade daqueles funcionários. Desta vez, porém, e ao contrário do que sucedera no ano passado, o estágio reuniu os inspectores das duas empresas seguradoras.

Em todas as reuniões do estágio, orientadas por funcionários superiores da Império e Sagres, esteve presente o tema «marketing», em virtude de aquelas empresas terem adoptado uma filosofia de mercado nesta fase de renovação da sua vida interna e que visa naturalmente uma revisão de todo o comportamento no trabalho de prospecção e promoção de vendas. A política renovadora da Império e Sagres, cujo objectivo principal é o de transferir as duas empresas em curto espaço de tempo, para uma fase avançada da industria seguradora depende naturalmente da actividade dos seus inspectores, na medida em que estes constituem o principal elo de ligação entre a companhia e os seus agentes.

Assim, durante as reuniões do estágio, os inspectores presentes tomaram contacto prático com a nova filosofia de empresa relativamente á sua actividade de prestação de serviços, segundo a qual o cliente deve ser considerado no início do ciclo de produção e consequentemente elemento fundamental em toda a actividade da empresa. Considerado como filosofia de mercado, o «marketing» levará a industria a sair dos seus moldes clássicos tornando-a uma actividade maleável e susceptivel de se adaptar permanentemente á evolução do tipo de cliente que ela visa.

Na sessão que assinalou a abertura do estágio, o dr. Viegas Dias, administrador-delegado da Império e Sagres, usou da palavra para salientar o significado de que se reveste, na fase de renovação das duas empresas, a nova filosofia de mercado agora adoptada. Afirmou ainda a sua esperança de que os inspectores contribuam de forma determinante no sentido de se alcançarem os objectivos planeados para o futuro imediato.

Todos os presentes receberam as suas palavras como um importante estímulo para a obra de readaptação que lhes cabe levar a cabo nas suas tarefas habituais.

Ainda o caso da carreira entre Vila de Rei-Sertã

CERNACHE DO BONJARDIM, 16 — Acontecem casos incriveis na nossa terra. Uma camioneta que transportava passageiros, na sua quase maioria estudantes que regressavam à Sertã para gozarem as suas férias, ao atravessar a Ribeira da Isma, conforme as fotografias documentam, gripou, tendo ficado empanada sob as águas da ribeira. Isto passou-se no dia 18 do passado mês, cerca das 20 horas, e ali permaneceu, sem quaisquer providências, até cerca da 1 hora do dia seguinte. Sob a inclemência do tempo, do frio e do medo estiveram assim retidos os passageiros do veículo.

Teremos de lamentar como as coisas de passaram e do modo precário como foram prestados socorros aos sinistrados. Em nosso entender deveriam antes do mais ter sido socorridos os passageiros, retirando-os com barcos ou outro meio apropriado de salvação e, depois, o autocarro. Mas não foi assim: só tardiamente retendo os passageiros no autocarro, enregelados e cheios de medo, lançaram cabos ao autocarro para o retirarem daquela arriscada situação.

A ilegalidade de transportes nestas condições parece-nos clara — porquanto não podemos conceber em nossa mente que as autoridades responsáveis, certamente conhecédoras destes graves factos, continuem a assistir e a autorizar uma carreira de transportes terrestres por via fluvial que representa um perigo público.

Sociedade Portuguesa de Medicina Tropical

A Sociedade Portuguesa de Medicina Tropical (secção da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa) realizou a sua primeira sessão do corrente ano académico, com a qual inaugurou as actividades científicas.

A sessão abriu com uma alocução do respectivo presidente sr. dr. João Pinheiro, que fez a revisão das actividades científicas e associativas da Sociedade tendo acentuado a necessidade da sua extensão ao Ultramar. Anunciou depois, a realização de um colóquio em Moçambique na segunda quinzena de Julho, com o seguinte tema principal: «Planificação sanitária no Ultramar: Problemas ligados á saúde pública — sua importância sob o aspecto médico-social».

Falou, depois o sr. dr. Rui da Costa Pinhão que apresentou uma comunicação sobre «Filariase linfática de Timor — Etiologia e Transmissão».

O leilão da biblioteca de F. Ressano Garcia

Ressano Garcia foi um nome grande na política portuguesa dos ultimos tempos da monarquia portuguesa. A biblioteca do conselheiro Frederico Ressano Garcia foi incorporada no leilão que ontem principiou e cujo catálogo o livreiro Arnaldo Henriques de Oliveira organizou com a sua habitual competência.

Não é uma biblioteca das grandes, mas um conjunto de livros de utilidade, onde se encontra realmente o volume a que se recorre quando necessário na literatura nas artes na divulgação.

Ontem foi o primeiro dia do leilão, não faltando os habituais frequentadores. Iam obras de Teófilo Braga as de Almeida Garrett, Fortunato de Almeida, António Baião João de Barros e outras.

Salientemos entre as obras vendidas as de Rafael Bordalo Pinheiro, cujos «Pontos nos i» atingiu 1250 escudos, a «Paródia» 1100 escudos, «A Lanterna Mágica», 300 esc. Dois contos deu a «História de Portugal» de Fortunato de Almeida. Não tinha o leilão a «História da Igreja em Portugal» do mesmo autor, que trepa bem mais alto.

O «Romanceiro do Algarve» de Atide e Oliveira foi vendido por 650 escudos.

Este o tom geral do leilão que esta noite continua no Centro de Profilaxia à Praça do Rio de Janeiro.

ANTÓNIO MOURÃO NO FESTIVAL DA IMPRENSA»

A poucos dias da abertura da bilheteira para o sensacional espectáculo do Pavilhão dos Desportos (8 de Fevereiro, ás 21,45 horas) a Casa da Imprensa orgulha-se de poder apresentar no festival para entrega dos «Prémios de Imprensa», o maior e melhor cartaz até hoje reunido em tablados portugueses.

Assim, pode hoje acrescentar-se ao opulento elenco já reunido a actuação (saliente e distinguida) de António Mourão, consagrado intérprete de fado que, por especial gentileza para com os jornalistas portugueses, acedeu ao convite para actuar neste espectáculo unico no desempenho de alguns dos grandes êxitos populares que o tornaram figura de vanguarda no nosso meio radiofónico.

TEATRO PARA OPERÁRIOS

Está em cena, como se sabe, no Teatro Vasco Santana, a peça «Noite de Verão», onde se afloram problemas de carácter sindical. Por esse motivo, a empresa daquele teatro, que já concedia aos estudantes 50 % de desconto no preço dos bilhetes, resolveu ampliar esse benefício aos operários que, na bilheteira, exibam o seu cartão sindical.

ANGOLA MOÇAMBIQUE

Ag. Técn Eng. Química oferece-se para entrada imediata. Resposta ao n.º 76, à Delegação deste jornal — Rua do Almada, 30-2.º — Porto.

ELE É UM ENTENDIDO...

Sabe o que é a pesca.
Conhece o valor de uma rede.
Por isso já usa as novas redes TREVIRA que garantem:

- longa duração
- resistência aos efeitos do sol
- óptima extensibilidade
- mínima absorção de água
- rompimento quase nulo
- alta flexibilidade mesmo a baixas temperaturas

TREVIRA® alta resistência

FÁBRICA DE REDES DE PESCA MARINA S.A.R.L.

ESTRADA DA CIRCUNVALAÇÃO 13941/75 PORTO

Actualidade internacional

CRIAÇÃO DE UMA FROTA DA ALIANÇA ATLÂNTICA NO MEDITERRÂNEO

BRUXELAS, 16 — (F. P. e R.) — A criação de uma frota simbólica da N.A.T.O. no Mediterrâneo — baseada no modelo da que existe há um ano no Atlântico — será encarada hoje na reunião dos ministros da Defesa da Aliança Atlântica, segundo se soube de fonte geralmente bem informada.

Os Estados Unidos — pensa-se — poderiam eventualmente participar nesta frota ao lado da Grã-Bretanha, da Itália, da Turquia e da Grécia. Esta esquadra não seria constituída em detrimento das frotas nacionais actualmente existentes no Mediterrâneo, mas com unidades novas.

Decidindo reduzir progressivamente o seu papel militar a leste de Suez, a Grã-Bretanha espera, como se sabe, poder trazer navios para o Atlântico e para o Mediterrâneo.

A Aliança Atlântica dispõe já no Mediterrâneo, desde o fim do ano passado, de uma força aero-naval de vigilância cuja criação fora decidida no Conselho do Atlântico de Reikjavik na Primavera de 1968 para observar, nomeadamente, os movimentos da frota soviética naquela área.

Na véspera da sessão, os ministros da Defesa conferenciaram sobre o estabelecimento de um ponto de vista europeu mais coerente acerca de problemas de Defesa da N.A.T.O.

A ideia é conseguir uma opinião europeia comum nas questões de Defesa da N.A.T.O., que pudesse ser apresentada ao Govrno americano do novo presidente Richard Nixon.

Representantes da Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental, Itália, Holanda, Luxemburgo, Dinamarca e Noruega conferenciaram durante um banquete oferecido pelo ministro da Defesa belga, Paul-Willem Segers, a noite passada na capital da Bélgica.

A França, que se retirou da estrutura militar integrada da N.A.T.O., recusou um convite para a primeira conferência durante o conselho ministerial da Aliança Atlântica em Novembro ultimo.

Casamento electrónico

ADELAIDE, 16 — (F. P.) — «O computador não se pode enganar», declararam Yvone Addis, de 30 anos, e Geoffrey Twining, de 34, membros do departamento psicológico da Universidade de Adelaide.

Yvone e Geoffrey, cujo casamento está marcado para o próximo sábado encontraram-se graças a um computador que em Junho ultimo considerou que eles formavam o casal perfeito.

Rompendo com todos os protocolos, o neto do presidente Johnson «provoca» o avô (desafiando-o para uma luta de boxe) no decorrer de uma cerimónia oficial efectuada na Casa Branca.

O «Enterprise» deverá regressar aos E. U. A. para ser reparado

HONOLULU, 16 — (R.) — Técnicos navais estavam hoje atarefados a avaliar os estragos causados no porta-aviões nuclear «Enterprise» pelas misteriosas explosões e incêndio registados a bordo na terça-feira passada mas poderá ser ordenado que o gigantesco vaso de guerra regresse aos Estados Unidos, a fim de sofrer reparações.

Morreram 25 homens e 85 outros ficaram feridos devido ao desastre, que ocorreu quando o «Enterprise», conhecido pelos soldados americanos como «Big E» (o «Grande E»), efectuava manobras a 120 quilómetros ao largo do Hawai, antes de seguir para o Vietnam.

Um tripulante é ainda dado como desaparecido, mas 16 outros, que se receava terem morrido, foram encontrados vivos, após uma revista feita a bordo do porta-aviões, que se encontra agora nas docas de Pearl Harbour. Quinze aviões foram também destruídos pelo fogo.

O almirante John Hyland, o comandante da esquadra do Pacífico, disse que técnicos de reparações navais, que vieram especialmente de avião de San Diego e San Francisco, iam inspeccionar o navio.

Contudo, não é provável que o «Enterprise» seja reparado no Hawai devido a haver muito trabalho nos estaleiros navais de Pearl Harbour, segundo disseram fontes não oficiais.

No entanto, a Marinha declarou que se ignorava ainda onde seriam feitas as reparações.

Não se sabe ainda ao certo o que originou o desastre, mas uma fonte afecta á comissão de inquérito declarou que se julgava que uma bomba ou foguetão, debaixo das asas de um jacto «Phantom F-4» pronto para descolar num exercício de rotina, provocara as explosões.

O almirante Hyland sobrevoou ontem num helicóptero o porta-aviões e, depois, esteve a bordo a inspeccioná-lo.

Afirmou que as explosões e o incêndio abrangeram os ultimos 46 metros do tombadilho de voo do navio.

O comandante do «Enterprise», capitão Kent Lee, de 45 anos, declarou que os incêndios provocaram explosões de bombas, foguetões e de munição para canhões de 20 mm.

As explosões causaram três brechas no tombadilho de voo e estragos extensos nos dois tombadilhos inferiores.

Bombardeadas posições de «Al Fatah» na Jordânia

TEL-AVIV, 16 — (F. P.) — Dois aviões israelitas bombardearam, esta manhã, posições do movimento «Al Fatah» em território jordano.

Segundo um informador militar de Tel-Aviv, esta acção foi decidida depois de as referidas posições terem alvejado com «bazookas» e armas automáticas uma patrulha israelita próximo da localidade de Maoz Haym, no vale do Jordão.

Não se assinalam vítimas do lado israelita.

Por outro lado, deu-se ontem uma violenta explosão, que só fez alguns estragos materiais, no escritório dos governadores militares de Gaza.

Foram presos 17 suspeitos árabes.

MOVIMENTOS DE POPULAÇÃO

CAIRO, 16 — (F. P.) — As tropas israelitas procederam a importantes deslocações de população do deserto do Sinai, afirma o jornal egípcio «Al Ahram». Não só prossegue a evacuação da população de El Kantara, na margem do canal de Suez, para El Arish, como diversos chefes de tribos beduinas foram afastados de pontos estratégicos.

Por outro lado, ainda segundo o «Al Ahram», foram reforçadas com cinco brigadas as tropas israelitas estacionadas ao longo da linha de cessar-fogo israelo-jordana.

MANIFESTAÇÃO

PARIS, 16 — (F. P.) — Realizou-se, ontem á noite, uma manifestação da juventude judaica francesa diante do monumento ao mártir judeu desconhecido, a qual reuniu 1500 pessoas segundo o serviço de ordem e 5000 segundo os organizadores.

Os manifestantes exibiam letreiros onde se podia ler: «Amizade França-Israel», «Não ao embargo», «Israel viverá». Alguns dos manifestantes traziam na cabeça a tradicional «Kipa» dos hebreus. Bandeiras com a estrela de David ondeavam ao lado de bandeiras francesas e ouviam-se os hinos dos dois países.

A manifestação, que durou meia hora, decorreu calmamente e as forças policiais mobilizadas não tiveram que intervir.

Antes de se dispersarem, os manifestantes aprovaram uma moção pedindo o levantamento do embargo.

Constituído o novo Governo do Líbano

BEIRUTE, 16 — (F. P.) — Após oito dias de crise ministerial, Rachid Karame conseguiu formar um gabinete de 16 membros, cuja base assenta numa ampla coligação nacional.

Depois de ter comunicado á nação a lista do novo governo, pouco antes da meia-noite local, o primeiro-ministro fez a seguinte declaração: «Conseguimos formar um governo que satisfaz todos os libaneses. Cabe a este governo realizar as aspirações do povo, que se podem resumir do seguinte modo: 1. Instituição do serviço militar obrigatório e fortificação das povoações da fronteira israelita. 2. Apoio ás causas árabes, em todos os domínios. 3. Coordenação da política externa do Líbano com as dos outros países árabes. 4. Manutenção duma política conforme á da Liga Arabe e das conferências cimeiras».

Todas as tendências e a maioria dos partidos políticos libaneses estão representados no novo governo, á excepção do Partido Liberal Nacional, do antigo presidente da Republica Camille Chamun. Oito ministros fazem parte da Frente Democrática e Parlamentar de Rachid Karame, enquanto os outros sete estão aparentados com a Aliança Tripartida (tendências Chamun, Pierre Gemayel e Ramond Edde). Há também um ministro arménio, considerado independente. Ao fim da noite, soube-se que a Aliança Tripartida ainda não tomou posição acerca do novo governo libanês.

OBJECTIVOS DE ISRAEL

NOVA YORK, 16 — (F. P.) — «Não há campos de treino de «fedayin» no Líbano. Só há campos de refugiados palestinianos» — declarou numa entrevista ao «Mideast Report», boletim bi-mensal consagrado ao Médio Oriente e publicado em Nova York, Kesruan Labaki, embaixador do Líbano na Bélgica e Países Baixos e membro da delegação libanesa junto das Nações Unidas, especialmente criada para tratar da questão da incursão israelita contra o aeroporto de Beirute.

Para Labaki, o incidente do avião da companhia «El Al», em Atenas, não passou de um pretexto para os israelitas, os quais haviam preparado há muito uma incursão contra o aeroporto de Beirute. E o embaixador citou várias razões em que baseia esta sua tese. Israel sabe perfeitamente que a incursão não poria fim ás actividades dos «Fedayin» — salientou. Na realidade, a incursão foi decidida na esperança de pôr termo á coexistência pacífica entre as comunidades muçulmana e cristã no Líbano. Ao proceder assim, Israel quis demonstrar ao mundo não ser aplicável a ideia de um Estado israelo-muçulmano em Israel. Em seguida, a poltíca de Israel seria «barcanizar» o Médio Oriente e criar novos estados religiosos (um Druzistão, um Curdistão, um Estado alauita, um Líbano maronita, etc.).

L. B. J. VAI-SE EMBORA

Após cinco anos na Presidência dos Estados Unidos, Lyndon Baines Johnson vai regressar ao seu estado natal, o Texas. Foram cinco anos difíceis para a América, para o mundo e para Johnson.

No ultimo ano do mandato, o presidente deu, finalmente, a medida da sua grandeza. Infelizmente para ele, essa medida foi dada pela renuncia a uma nova candidatura.

A 22 de Novembro de 1963, L. B. J., por morte do seu antecessor, ocupou o lugar que mais poder confere a um homem, e também o mais pesado. Na verdade, a democracia americana baseia-se na entrega, de quatro em quatro anos, de um poder quase ditatorial a um homem. O presidente dos Estados Unidos, embora necessitando em parte do «agrément» do Congresso, detém nas suas mãos um poder como, provàvelmente, nenhum homem deteve até hoje. Nem mesmo Hitler, que não tinha a bomba atómica e muito menos a de hidrogéneo e os mísseis. É na verdade um cargo bem pesado. Mas Johnson há muito que o desejava...

A política encetada pelo presidente que agora vai descansar era muito mais ambiciosa e positiva do que aquela pela qual a história o julgará. O seu cavalo de batalha era a «great society», a criação na América de uma sociedade sem pobreza, sem racismo, com cidades limpas e onde seria agradável viver.

Mas para construir uma grande sociedade é preciso muito dinheiro. Esse dinheiro começou a faltar de forma alarmante pouco depois da eleição de Johnson para presidente, em 1964. A causa dessa falta é o «leit-motiv» de toda a administração Johnson — a guerra do Vietnam.

Johnson percebeu a a tempo de se retirar que os fins que se tinha proposto ao concorrer á Presidência não poderiam ser atingidos devido á guerra. Desistiu da Presidência e deu um primeiro, mas tímido, passo em direcção á paz.

Contudo, na sua ultima «Mensagem do Estado da União», L. B. J. não mostrou ter desistido totalmente da sua política para o Sueste Asiático, apesar de ela o ter obrigado a dar o mais doloroso passo da sua carreira. A sua ideia de paz continua a ser a da vitória dos Estados Unidos, embora o não diga abertamente.

«Os norte-vietnamianos sabem que não podem alcançar os seus objectivos agressivos pela força. Haverá dura luta antes de se alcançar uma solução, mas não haverá vitória para os comunistas», afirmou Johnson. E referindo-se á Asia, sublinhou que os países «livres» daquele continente têm agora a certeza que «os Estados Unidos se preocupam com a sua liberdade e pelos seus interesses vitais na Asia e no Pacífico».

Johnson tem ainda esperanças que o seu país possa manter uma «pax americana» no continente asiático, mesmo á custa de intermináveis guerras que, no dizer de Walter Lipman, são «catastróficas» porque se travam «do outro lado do mundo com um exército recrutado por meio do serviço militar obrigatório».

A. V. C.

MOTIM A BORDO

MARACAÍBO (Venezuela), 15 — (F. P.) — Elementos da Guarda Nacional venezuelana entraram a bordo do petroleiro norueguês « «Cuyahoga», de 11 931 toneladas, para pôr termo a um motim ocasionado por 17 dos 32 tripulantes sul-coreanos que acabaram por abandonar o navio alegando que eram mal tratados.

As autoridades portuárias de Maracaíbo estão a tratar do repatriamento dos sul-coreanos desembarcados, seguindo os restantes com o petroleiro na sua viagem para Espanha.

Francês condenado na Bulgária por espionagem

SOFIA, 16 — (F. P.) — Um francês de 26 anos foi condenado ontem pelo tribunal de Sofia a 15 anos de prisão por espionagem, actividades subversivas e porte de arma proibida. Três emigrantes bulgaros residentes em Paris foram condenados á revelia a diversas penas de prisão.

Ataque «vietcong» a uma base norte-americana

SAIGÃO, 16 — (A. N. I. e R.) — Com seis granadas-foguete, o Vietcong fez ir pelos ares, ontem á noite, um depósito de combustível da base aérea norte-americana em Pleiku, 530 quilómetros a nordeste de Saigão. Arderam 27 000 litros de combustível e ficaram feridos seis norte-americanos.

Por outro lado, fuzileiros navais dos Estados Unidos surpreenderam, durante a noite, 20 soldados norte-vietnamianos a minarem uma estrada na província de Quang Nam, ao norte do país, e mataram treze deles.

Um informador militar americano anunciou hoje nesta capital que os «marines» estavam a ocupar posições defensivas nocturnas a oito quilómetros a nordeste de An Hoi, quando depararam com os norte-vietnamianos. Antes destes terem tempo para disparar, 13 deles foram mortos por fogo de morteiros e de artilharia dos americanos. Os sete outros conseguiram fugir.

Durante a noite e ás primeiras horas de hoje, «B-52» americanos bombardearam áreas de armazenamento e de abastecimento norte-vietnamianas na província de Quang Nam numa zona onde soldados de Infantaria americanos descobriram ontem um depósito de munições.

O local do cosmódromo soviético Baikonur, na Ásia Central.

JAZIGOS DE URÂNIO NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 16 — (F. P.) — Foram descobertos jazigos de urânio no norte do Brasil, entre Belém e Recife, anunciou ontem o ministro brasileiro das Minas e da Energia, Costa Cavalcanti.

ACOSTAGEM NO ESPAÇO

A TV soviética transmitiu a manobra de junção

(Continuação da 1.ª página)

ção uma hora depois de ter sido realizada. O comunicado oficial informava que a manobra completa desde o início da aproximação da cápsula até á união final durou 43 minutos.

A Tass disse que o tenente-coronel Boris Volynov, comandante da «Soyuz 5» (com três tripulantes) orientou a estação orbital cósmica para «a posterior execução do programa».

A agência comunicou também que todos os sistemas de bordo funcionaram normalmente durante as fases de aproximação, acostagem e ligação. Toda a manobra foi transmitida para a Terra por meio de câmaras de Televisão colocadas do lado de fora das cápsulas.

Foram estabelecidas ligações telefónicas internas entre os diversos compartimentos.

Esta ligação assinala a primeira vez que quatro homens se encontram simultâneamente em órbita no espaço.

SÉRIE DE EXPERIÊNCIAS

A Tass comunicou que a estação espacial tinha quatro compartimentos para a tripulação e «tinha possibilidades de iniciar uma vasta série de experiências e simultaneamente de proporcionar condições confortáveis para trabalho e para descansar».

O comandante Shatalov da cápsula «Soyuz-4» anunciou que toda a aparelhagem da estação estava a funcionar normalmente e que todos os cosmonautas se sentiam bem após a histórica manobra.

A agência Tass forneceu a seguinte descrição das manobras de união:

A aproximação automática das naves, que resultou na redução da distancia entre elas até 100 metros começou ás 10 e 37 (8 e 37 de Lisboa).

Vladimir Shatalov assumiu o comando manual e, manobrando a sua cápsula «Soyuz-4» encostou-a á «Soyuz-5».

«Depois da acostagem efectuou-se a ligação mecanica entre as duas cápsulas que ficaram a constituir um conjunto rígidamente unido e com os circulos eléctricos interligados».

«Assim começou a funcionar na órbita de um satélite terrestre artificial a primeira estação cósmica experimental do Mundo com quatro compartimentos para a tripulação».

A informação de que tinha sido feita a ligação telefónica entre as duas partes da estação cósmica indica que o coronel Shatalov estaria isolado da outra parte formada pela «Soyuz-5».

Pensava-se que a próxima manobra seria a passagem de um dos tripulantes da «Soyuz-5» para o compartimento da «Soyuz-4» onde se encontra o coronel Shatalov.

A estação orbital está sob a orientação do coronel Tevgeny Volynov, antigo oficial da força aérea e engenheiro investigador, que se encontra a bordo da «Soyuz-5».

A Tass comunicou também que a tripulação continua a realizar o seu programa de trabalho e as comunicações com os cosmonautas pela rádio continuam estáveis.

Finalmente anunciou que a estação experimental cósmica continua a trajectória».

TERCEIRA NAVE?

BOCHUM, 16 — (R.) — A estação de rastreio espacial de Bochum (Alemanha Ocidental) captou hoje sinais indicativos de que a União Soviética poderá ter lançado uma terceira nave espacial.

O director do observatório Heinz Kaminski disse que os sinais eram semelhantes aos que tinham sido captados nos dois dias anteriores ao lançamento das cápsulas soviéticas «Soyuz-4 e «Soyuz-5».

Kaminski afirmou que os sinais foram captados entre as 6 e 44 e as 6 e 56 T. M. G. (7 e 44 e 7 e 56 horas de Lisboa).

A nova cápsula poderá ser uma adição a uma das que já se encontram em órbita com uma nave independente. Se isto se verificar significará que os soviéticos estão a efectuar experiências com uma estação espacial tripulada.

JULGADA A FRANÇA NO MERCADO COMUM

BRUXELAS, 16 — (R.) — A Comissão Executiva do Mercado Comum anunciou hoje que levava a França ao Tribunal de Justiça do Mercado Comum por não ter elevado a taxa de juro preferencial para as exportações para os outros países membros.

Os peritos legais da Comissão receberam pedidos para apresentar o caso logo que possível àquele Tribunal, cuja sede é no Luxemburgo.

POLÍTICA EXTERNA NA BÉLGICA

BRUXELAS, 16 — (F. P.) — «A Europa não tem por onde escolher: deve optar pela coexistência pacífica e fundar em cooperação uma ordem de paz» — declarou Pierre Harmel, ministro dos Negócios Estrangeiros belga, defendendo perante o Senado o orçamento do seu departamento. No que se refere á política europeia, o ministro definiu assim a posição belga:

— A Europa Ocidental não deve associar apenas as suas políticas económicas, mas também as sociais, tecnológicas, monetárias, externas e de defesa.

— A Europa dos «Seis» continua a ser nucleo á volta do qual se deve estender a outros domínios a obra de unificação económica já empreendida.

— Não há Europa ocidental sem a solidariedade dos seus maiores países.

— Não haverá novas instituições europeias.

— Apesar dos obstáculos ao seu alargamento, é preciso fomentar o desenvolvimento interno das comunidades.

Falando em seguida do Médio Oriente, Harmel declarou que «só uma acção persistente e urgente levada a cabo no ambito do Conselho de Segurança pelos grandes com o apoio de todos os nossos Estados poderá impedir novo recurso á força armada».

O CARDEAL ALFRINK REIVINDICA UM «PLURALISMO LEGÍTIMO» NO SEIO DA IGREJA CATÓLICA

por HENRI FESQUET

NOORDWIJKERHOUT — *Janeiro.* — A presença de uns cento e trinta jornalistas na terceira sessão plenária do concílio pastoral holandês provaria, por si só, o interesse desta reunião, unica no seu género, em que os diversos representantes de uma Igreja nacional se encontram lado a lado, para se manifestarem num ambiente admiràvelmente democrático. Em parte alguma, é certo, excepto na Holanda, os católicos da Europa tiveram ocasião de viver uma experiência comparável: a de uma total liberdade de expressão, que não é entravada pela presença do Internuncio nem a dos sete bispos diocesanos, entre os quais o cardeal Alfrink. Sempre sereno, o arcebispo de Utreque conseguiu a façanha diária de não se deixar ultrapassar. Mantém o melhor possível a ligação com o Vaticano, inquieto com a efervescência de uma Igreja que brinca com o fogo ao dar provas de uma inocência de uma espontaneidade certamente incompreensíveis para os espíritos latinos

O concílio holandês quer ser apenas um encontro paciente que permita auscultar a opinião a todos os níveis e edificar uma comunidade em que o autoritarismo de outrora dá pouco a pouco lugar á participação de todos.

Presidida por dois leigos a assembleia plenária tem cento e nove membros com voto deliberativo, entre os quais sessenta e quatro leigos (vinte e nove homens e trinta e cinco mulheres). Não toma pròpriamente decisões, mas procede a análises e ratifica «recomendações pastorais» elaboradas em várias fases por comissões e delegações diocesanas.

Ao abrir a ultima sessão, o cardeal Alfrink acentuou «*a firme vontade da Igreja holandesa em permanecer unida á Igreja universal que nos é cara «Desejamos*, acrescentou, *um pluralismo legítimo. A unidade da Igreja de Cristo não pode existir na Terra sem a realidade das Igrejas locais. A cada uma destas Igrejas locais compete a responsabilidade de prever de que maneira concreta deve realizar o mistério da unidade da Igreja. A responsabilidade da Igreja local e a responsabilidade da Igreja universal, longe de excluir-se, atraem-se mutuamente*».

«*Procuramos*, declarou por outro lado o cardeal, *o valor da nossa fé na unidade com a tradição da Igreja: que os que dão a conhecer as nossas sugestões e discussões fora das nossas fronteiras não as apresentem de outro modo que como busca em curso; mais ainda, que não as apresentem como decisões válidas para toda a Igreja*».

Depois de ter debatido, nos anos anteriores a autoridade, as missões, o auxílio aos países subdesenvolvidos, o concílio tratou, este ano, da atitude moral do cristão, do casamento e da juventude Os dois primeiros temas foram objecto de discussões animadas e de opiniões contraditórias (os tradicionalistas são ouvidos com muito «fair-play»).

O padre Schillebeeckx afirmou que o relatório acerca da moral era, teológicamente falando uma *pérola*. Nesse documento lê-se designadamente que *as normas morais não vêm directamente de Deus. A Revelação mostra o homem como aquele que deve pôr ordem no mundo e submetê-lo. O homem é moralmente autónomo pela vontade divina, e a responsabilidade que acompanha esta autonomia o coração da lei divina. Não são as leis que determinam o homem. As estruturas biológicas e psicológicas são também elas submetidas ao poder que este possui de criar a cultura e o seu sentido. É preciso não lhes atribuir valor absoluto. O unico valor absoluto é o amor. A Igreja deve, sem cessar, fazer a sua autocrítica e ter em conta observações vindas do exterior para se encontrar em condições de cumprir a sua vocação*».

RECUSA DA ENCÍCLICA

O relatório acerca do casamento, já iniciado antes de ser publicada a «Humanae Vitae», concluí não existir razão para afastar este ou aquele método contraconceptivo A comissão pensa que a recusa da encíclica não é arbitrária. O apelo á consciência não é um apelo á desobediência mas á conformação com uma verdade moral. A assembleia considera indispensável prosseguir os debates acerca da encíclica.

Quatro ginecologistas contestaram, por carta, a competência e a representatividade da comissão acerca do casamento, tendo a assembleia decidido, por 77 votos contra 15, convidar um deles a expor o seu ponto de vista.

O mesmo relatório aborda o espinhoso problema do divórcio Pode pronunciar-se a dissolução de um casamento quando a união dos esposos, práticamente destruída, já não permite falar de consentimento mutuo. A assembleia plenária suplica ás instancias qualificadas da Igreja para procurarem uma resposta real aos problemas teológicos e práticos que a indissolubilidade do matrimónio levanta. Um projecto preparatório evoca o problema do aborto e da inseminação artificial, incluindo os celibatários, assim como as relações sexuais antes do casamento. Um porta-voz de estudantes pediu que a Igreja tome em consideração o casamento civil, o que lhe permitiria reconhecer o divórcio.

(Exclusivo «Le Monde»-Diário de Lisboa»)

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2.º TELEF. 369384

MORADIA NO RESTELO
MAGNÍFICA COMPRA
Bem localizada, construção de luxo, composta de 3 pisos, com salão, sala de jantar, cozinha, copa, marquise, 4 casas de banho, 6 quartos grandes, com grandes varandas, disfrutando de lindas vistas, grande jardim com cerca de 1000 m², garagem para 2 carros. Vende-se por preço abaixo do seu real valor.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telefs. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

SOU ITALIANO
O MEU NOME É Giannini
FALAREI DE MIM SÓ NO DIA 27

ASSUMAR

Josepha de Moura Romão Tenório

FALECEU

José Alfredo Nobre Cartaxo e mais família participam o falecimento da sua sogra e parente e que o funeral se realiza amanhã, 17, pelas 13 horas em Assumar.

Os lucros do Banco Fonsecas & Burnay foram de 32 475 contos em 1968

Encontra-se publicado o relatório do Banco Fonsecas & Burnay em que se mantém a tradicional sobriedade de linguagem, confiando-se aos numeros a missão de falar.

Os lucros líquidos desse grande estabelecimento de crédito, em 1968, elevaram-se a 32 475 700 escudos.

No relatório se refere ter o capital do banco atingido, por escritura de 23 de Maio de 1968, a soma de 1 milhão de contos. E depois: «O alargamento da nossa rede de balcões, indispensável á nossa afirmação como banco comercial, definiu-se, em 1968, pela abertura de uma delegação em Coimbra, ainda em instalações provisórias, de quatro agências de província, no Fundão, Lousã, Redondo e Vila Verde, e de duas dependências urbanas, uma em Lisboa, no Bairro da Pontinha, e outra no Porto, na Praça de Santo Ildefonso. Entretanto, iniciaram-se já as obras para a instalação de mais uma dependência urbana, também em Lisboa, no Bairro da Graça, aguardando-se a sua abertura ao publico para os primeiros meses do ano em curso.»

Os depósitos á ordem e a praso, eram em 31 de Dezembro de 1968, 4 447 211 contos, sendo o capital e reservas de 1 milhão de contos.

O presidente da assembleia geral é o antigo ministro eng.º José Frederico Ulrich, sendo o presidente do Conselho Geral o também antigo ministro e governador do Banco de Portugal, dr. Rafael Duque.

A assembleia geral encontra-se convocada para o dia 30 do corrente, pelas 11 horas.

Colóquio dirigido pelo dr. Rui Grácio

Na série de palestras realizadas na igreja de Santa Isabel, iniciada com a conferência do dr. Joel Serrão, nosso distinto colaborador, sobre os Direitos do Homem, vão falar ainda outras personalidades conhecidas.

Hoje, ás 21 e 30, falam José Manuel Félix Ribeiro e Teresa Maria Barata Salgueiro sobre os «Direitos dis Jovens»; no dia 23, o bispo da Igreja Anglicana, O. Luís Pereira fala de «Os Direitos á Liberdade Religiosa»; em 30, é a dr.ª D. Maria de Lourdes Belchior que fala de «O Direito á Educação e á Cultura».

A série de colóquios finda em 6 de Fevereiro com o do nosso prezado colaborador dr. Rui Grácio sobre os «Direitos da Família». A conferência assiste o sr. bispo de Telepte, D. Manuel Falcão.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Teve a amabilidade, que agradecemos, de vir ao nosso jornal, apresentar cumprimentos de despedida, o sr. dr. Caetano de Carvalho, que ontem deixou de exercer as funções de director interino dos Serviços de Informação do S. N. I. para ocupar o cargo de director-geral de Cultura Popular e Espectáculos da nova Secretaria do Estado de Informação e Turismo

A MODA DOS CABELOS — Os cabeleireiros passaram a imitar os costureiros, criando novos penteados para cada temporada. As mais recentes criações para a Primavera foram apresentadas na Alemanha Ocidental. Tendência: cabelos compridos

A Citroën apresentou novos modelos em Portugal

A Citroën apresentou ontem, a toda a sua rede de Agentes, a gama dos seus modelos para 1969, caracterizados por uma «verdadeira nova geração de motores», agora mais rápidos, mais nervosos e mais potentes, qualquer que seja o modelo considerado.

A finalizar esta operação realizou-se um almoço, no decorrer do qual tomou a palavra o director-geral da Citroën em Portugal, sr. Jacques Sonnery, para salientar uma vez mais a solidez da organização Citroën, cuja melhoria de resultados no mercado nacional se verifica sistemáticamente. No ano de 1968, a Citroën aumentou uma vez mais as suas vendas em 18% em relação ao ano anterior, tendo-se igualmente verificado um novo «record». Finalizando, o sr. Jacques Sonnery congratulou-se com a colaboração que a Citroën sempre tem recebido dos seus Agentes e a sua convicção numa constante superacção de resultados.

Em nome de todos os Agentes, agradeceu o sr. Augusto José da Silva, de Santarém, o mais antigo Agente Citroën, mostrando-se muito entusiasmado com a nova gama de modelos para o corrente ano e manifestando a sua confiança nos destinos da empresa.

A PARTIR DE 1 DE FEVEREIRO

As inspecções médico-sanitárias dos condutores passam a ser da competência de qualquer médico

Entram em vigor no dia 1 de Fevereiro as novas disposições do Código da Estrada sobre as inspecções médico-sanitárias dos condutores cuja realização fica mais facilitada.

Com efeito, e salvo nos casos especiais definidos no respectivo diploma e na sua regulamentação, aquelas inspecções que, até agora, eram realizadas nos serviços da Direcção-Geral de Saude, passam a ser da competência de qualquer médico e podem ser feitas nos seis meses que antecedem aquele em que se completarem as idades estabelecidas para o efeito.

Para a inspecção médico-sanitária, o condutor apresentará ao médico o bilhete de identidade e os impressos para o boletim de inspecção e para o atestado (modelos 921 e 922 da Imprensa Nacional). Estes impressos, depois de preenchidos pelo médico e de reconhecida a assinatura deste, são entregues na subdelegação, delegação ou inspecção de Saude da área, que devolve o atestado para o interessado o entregar em qualquer Direcção de Viação até ao ultimo dia do mês anterior áquele em que completa a idade respectiva.

As idades das inspecções obrigatórias foram estabelecidas do seguinte modo: *condutores não profissionais:* 40, 50, 60, 65 e 70 anos. A partir dos 70 anos, o atestado deve ser entregue de dois em dois anos; *condutores profissionais:* 35, 45, 50, 55 e 60 anos. A partir dos 60 anos, o atestado deve ser entregue de dois em dois anos.

Verificam-se, pois, várias inovações em relação ás disposições anteriores. Como essas inovações colidem, em alguns casos, com a validade actualmente averbada nas cartas, foi estabelecido o principio de se respeitar a validade actual.

O facto provoca, porém, as seguintes situações puníveis:

a) A validade averbada coincide com as novas disposições, e só há que aplicar estas, sem qualquer adaptação;

b) A validade averbada não coincide com a idade exigida para a próxima inspecção do titular, e a carta será apresentada em qualquer Direcção de Viação, antes de terminar o prazo averbado, e revalidada (sem necessidade de inspecção) até á data regulamentar imediatamente seguinte.

Por exemplo, no caso dos condutores não profissionais ter-se-á, consoante a sua idade em 1 de Fevereiro de 1969 o seguinte: menos de 35 anos (antes dos 35, a carta é revalidada até aos 40); 35 feitos e menos de 50 (nada a averbar: inspecção aos 50); 50 feitos e menos de 60 (nada a averbar: inspecção aos 60); 60 feitos e menos de 70 (nada a averbar: inspecção aos 70); 70 feitos e menos de 75 (antes dos 75, a carta é revalidada até aos 76); 75 feitos e menos de 80 (nada a averbar: inspecção aos 80); e assim por diante.

Para o caso especial dos condutores que completam em Fevereiro uma das antigas idades regulamentares, cuja carta caduca, por conseguinte, no fim do corrente mês, está estabelecido que as inspecções serão ainda realizadas nos Serviços de Saude oficiais, mas a revalidação da carta só tem efeitos a partir de 1 de Fevereiro e, logo, será feita de acordo com as novas disposições, aplicando-se-lhe o que foi indicado nas alíneas a) e b), atrás referidas.

Outro caso especial é o dos condutores cujas cartas caducam no fim dos meses de Fevereiro a Junho, completando nos meses imediatamente seguintes uma das idades regulamentares.

Aqui, o prazo de antecedência permitido para a inspecção será apenas de um a cinco meses (dependente da data do aniversário).

Recorda-se que os condutores que não se tenham submetido a alguma das inspecções obrigatórias estão sujeitos a multas de 1000 escudos e inibição de conduzir durante um mês.

Na Ordem dos Advogados tomou hoje posse o Conselho Superior

Na sede da Ordem dos Advogados, ao Largo de São Domingos, tomou posse esta manhã, às 10 e 30, o Conselho Superior daquele organismo.

Presidiu à cerimónia o bastonário dr. Pedro Pita que salientou a importância da colaboração dos componentes do organismo para o prestígio da Ordem e dignificação cada vez maior da profissão.

O Conselho Superior tem por presidente o dr. Madeira Pinto e por vice-presidente o nosso distinto colaborador dr. António Macedo. Secretário é o dr. C. E. Dias Ferreira. São vogais os drs. Acácio Gouveia, Carlos Ferreira de Almeida, J. A. Lopes Cardoso, J. P. Cancela de Abreu, J. Jaime Neves, José Paredes, Vasco da Gama Fernandes e Mário Furtado.

Amanhã, à mesma hora, toma posse o conselho geral da Ordem, a que preside o próprio bastonário.

O cabelo já vai faltando a mui histórias que eles contam

SÃO SÓ 15 DIAS!!
CALÇADO PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA
DESDE 40$00
RESTOS DE COLECÇÕES
SAPATARIA LISBONENSE
R. AUGUSTA, 202 ★ R. DA ASSUNÇÃO, 57

AS JÓIAS, AS PRATAS DA
Ourivesaria da GUIA
SÃO DIFERENTES!
FUNDADA EM 1870
RUA D. DUARTE 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

SÓ SÃO PEQUENAS NO
Escort
GRANDES EM ECONOMIA E ESPAÇO
COMPLETAMENTE MODERNAS
VAN - 3 portas
Ford
À SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD
J. MENDES COELHO, LDA. R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 461 47
AUTO BOAVISTA, LDA. R. da Boavista, 81-B - Telef. 669141
AUTO RALI, S.A.R.L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 41832 Av. Eng.º Frede

SAUDADES DO «COLÉGIO»

MENINOS DA LUZ DE HÁ 50 ANOS COMERAM CABRITO AO JANTAR

Há quase cinquenta anos um jovem aluno do Colégio Militar, repreendido por engano na Ordem do Batalhão, achou que devia reclamar e fê-lo em público. Chamado pelo director, argumentou de tal modo que este (caso nunca visto) resolveu pedir-lhe desculpa diante dos camaradas. Meio a rir, meio a rinchar, o subdirector soprou ao ouvido do rapaz: «Tens sorte, ó 181, se fosses fuzilado não havia remédio!»

Com larachas deste género, contadas por homens que hoje são oficiais-generais, directores de empresa, médicos, engenheiros, veterinários ou simples cidadãos comuns, ganhou animação mais um jantar de velhos «ratas» (caloiros) ontem realizado a preceito na sede da Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar, á Calçada Marquês de Abrantes. Repastos periódicos juntam ali pessoas de variada extracção, interessadas num convívio que apaga todas as cerimónias, todas as diferenças, para só ficar aquilo que ouvimos na boca dos oradores eventuais: o espírito de camaradagem.

— *Ouve cá uma coisa, ó Girão.*

O brigadeiro Marques Girão, director da Junta Autónoma de Estradas, saiu do círculo dos seus contemporâneos para escutar um ex-Menino da Luz quinze anos mais novo.

— *Diz lá, Nascimento.*

Era um problema qualquer, simples ou complicado, e que de facto não metia brigadeiros. Mas conversas deste género são raramente possíveis noutro ambiente.

O jantar de ontem, reunindo os «ratas» de 1916, 1917, 1922 e 1923, teve sopa de legumes, ensopado de cabrito, vinhos, doce, café e *brandy*. Quanto ao cabrito, servido abundantemente, fez nascer recordações dum prato forte, a «pelanca», guisado de carnes com batata (mais peles que carne, segundo as más línguas) que sucessivas gerações de alunos inscreveram nas suas ementas escolares.

Quem andou no Colégio Militar? Muita gente. Por exemplo o chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Venâncio Deslandes, que é precisamente o presidente da direcção da A. A. A. C. M. Um governador-geral (da Guiné), brigadeiro António Spínola. Um comandante-chefe das Forças Armadas (de Angola), general Almeida Viana. O secretário-adjunto da Defesa Nacional, general Paiva Brandão. E a lista não se esgota aqui.

Os três antecessores do almirante Américo Thomaz na Presidência da República foram Meninos da Luz. Lá estão os retratos na Associação, em lugar de relevo. Outros nomes ainda: Júlio Dantas, Tomás Alcaide, Carlos Selvagem, Raul Ferrão, Raul de Carvalho, Artur Semedo. Um ministro actual: comandante Pereira Crespo. Um ex-ministro entre muitos: eng.º Arantes e Oliveira. Um técnico de reputação internacional: eng.º Manuel Rocha, director do L. N. E. C.

Se passarmos ao desporto, temos o famoso Tibério, guarda-redes da Académica, em 1939 (hoje o dr. Tibério Antunes, médico-parteiro), os não menos famosos Armando Sampaio, Pessoa Duarte e João Belo, e, até mesmo, um árbitro (ou veterinário, como se quiser), o dr. Décio de Freitas.

Os ex-Meninos da Luz dizem, depois do jantar:

— *Isto é uma família. Que procuramos nós? Manter a dignidade, a lealdade e o espírito de entreajuda em todas as circunstâncias da vida.*

Um ex-aluno invisual foi localizado em circunstâncias dramáticas na cidade de Lisboa: vendia lotaria. Passado o primeiro momento de espanto, uma cadeia de boa vontade pôs-se em andamento para melhorar a sorte do colega infeliz.

— *É que não podia ser! A gente a viver na calma... Não podia ser.*

Dois cónegos na lista

A Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar tem á volta de dois mil sócios. Como todos eles podem falar quando lhes apetece, registámos, ontem, propostas do seguinte género:

— *Faça-se um jantar em honra do nosso camarada Raul de Carvalho, ex-actor do Nacional!*

— *E um jantar dedicado aos ex-alunos não distintos!*

— *Claro, claro: aos que não atingiram o generalato na vida militar nem na vida civil.*

— *Não esquecer a direcção actual, que deu vida nova á associação. Ora aí est! uma ideia: homenagear a direcção na própria sede...*

Do lado veio o aplauso de um engenheiro:

— *A direcção actual? Sim senhor, merece. «Coitidinhos!»*

Não era piada, mas sòmente concordância bem disposta. Os actuais corpos gerentes, tão organizados que ao fim de vários anos ninguém pensa em substituí-los, têm feito o possível por vivificar as relações entre ex-alunos. Vão mais longe: auxiliam muitas viúvas de camaradas, acodem aos antigos em necessidade, armazenam fardamento (oferecido) para distribuir pelos «ratas» cujos pais não podem pagar o enxoval.

É uma espécie de *Amicale*. Onde se procura abolir toda a discriminação. Onde se recorda, até, que no número dos ex-alunos figura um cónego, e que esse cónego...

— *Quem havia de ser? O José Bernardino Corrêa de Sá, o Asseca. Sucessor de outro ex-aluno que também chegou a cónego.*

O futuro cónego José Corrêa de Sá apanhou no Colégio Militar o mesmo número do futuro cónego Manuel Serra. Também tiveram o mesmo número no seminário. E foram ambos promovidos a cónego no mesmo dia. E chegaram, um depois do outro, a capelães da Armada.

Só nós, heim? Uma coincidência destas!

As onze da noite ainda tudo conversava. O tema, conhecido anualmente por mais de seis centenas de alunos, é inesgotável.

...ai faltando a muitos «Meninos da Luz» de há cinquenta anos, mas as ...as que eles contam (depois do cabrito) parecem passadas ontem

o Repórter de serviço

Silva Pinto

UMA BOFETADA SEM MÃO

Não sou capaz de passar na marginal sem me lembrar do menino que há dias me deu uma bofetada sem mão. Quer vá a setenta (que é o limite), quer vá mais devagar (que o cotovelo já ceifou algumas vidas), em chegando à curva do Mónaco, é fatal: vem fazer-me companhia, pelo menos assomando à janelinha da memória, a face morena do miúdo. E pronto. Lá tenho que prometer a mim próprio que não voltarei a praticar a falta que com ele cometi — isto para que me deixe de atormentar a consciência...

Eu conto o que se passou. Foi na semana passada, quando um carro pequeno se despistou e galgou a muralha da fatídica curva, indo mergulhar no rio. A sorte, que estava com a condutora e com os dois sobrinhos que a acompanhavam, deixou que os banhistas forçados chegassem a casa sem mais do que um susto valente. Era notícia: tanto ou mais do que se tivessem morrido no desastre.

Ora, o guarda da P. V. T. que, no local, procurava elementos para compreender o acidente, só me soubera dar elementos sobre a identidade da senhora. Dos sobrinhos, nem uma palavra. Como concluísse que só na residência da condutora me poderia informar correctamente, carro para que te quero: aí fomos nós a Nova Oeiras, a dois passos.

Lá descobrimos a morada. À porta, a ambulância que ali acabava de deixar, enregelados, os náufragos da estrada, e, a receber os repórteres, um magote de garotos. Vozes:

— Eu sou da família.

— Tire-nos o retrato.

— É para vir no jornal?

— Está tudo bem...

A porta estava entreaberta: os bombeiros passavam recibo do socorro prestado; uma senhora telefonava, a sossegar alguém; num quarto, ao fundo, uma cama de ferro, um rosto espreitava de entre um monte de cobertores. Um dos pequenos, do grupo, exclamou orgulhoso:

— É do «Diário de Lisboa»!

Acabado o telefonema, expliquei à senhora que íamos pela identidade dos meninos, mas logo vi que a nossa presença não fora bem vista: eram quase duas da tarde, apertava para o almoço, se alguma coisa quiséssemos saber perguntássemos à Polícia, aos bombeiros, ou fosse a quem fosse...

Era escusado. A fonte (de informações) estava seca e o melhor seria ir beber a outra bica ou ficar simplesmente com a sede a apertar a garganta — que é como quem diz: com a notícia incompleta. Ossos do ofício.

A saída outra vez o magote e, desta vez, o silêncio. Entre a turma, lá estava o garoto que me anunciara. Era uma oportunidade:

— Então, como se chamam os teus primos?

A resposta foi uma bofetada, a tal bofetada sem mão:

— A minha mãe já disse que nada informava e eu não posso ir contra o que ela disse. O sr. compreende...

Tinha razão, o catraio, e isso lho disse eu. Mas o «sopapo», esse é que ninguém mo tirou. Nem tira.

ATENÇÃO!

O azeite é um produto cuja existência tem sido ultimamente muito discutida. Pode faltar de um momento para o outro... Pode aumentar de preço na primeira ocasião... É necessário estarmos prevenidos, sobretudo nesta quadra festiva em que a sua presença se torna indiscutível e necessária. O azeite é uma riqueza nacional e a ele se devem, muitas vezes, os saborosos pratos que se servem à mesa de cada um de nós. Tratado pelos mais modernos processos de produção, o azeite resulta num elemento indispensável à alimentação do Homem, sem alterar o paladar da comida preferida. Nós fornecemos-lhe, com muito gosto, azeite de primeira qualidade, aos preços estabelecidos superiormente. Esperamos, tanto, a sua visita!

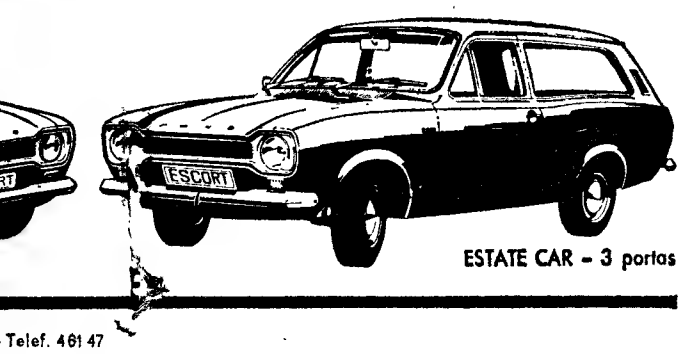
CASA AGRICOLA SANTOS JORGE

Rua Braancamp, 50-A — Tel. 48639

Rua Coronel Bento Roma, 45-D — Tel. 711849

(ENTREGAS AO DOMICÍLIO)

NO PREÇO



ESTATE CAR - 3 portas

Telef. 461 47

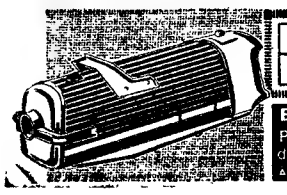
41

832 Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 280537 - Cascais

CHOCOLATES TAGIDES

BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU.
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257



PRINCE ROYAL

Excepcional poder de aspiração!

Produzido pela melhor e mais antiga fábrica de aspiradores do mundo.

O ministro do Ultramar visitou as zonas de exploração petrolífera da barra do Quanza

LUANDA, 16 — (L.) — O ministro do Ultramar, acompanhado pelo Governador-Geral, pelo secretário provincial da Economia e pelos elementos da sua comitiva, deslocou-se esta manhã em visita ás zonas de exploração petrolífera de Cabo Ledo e Guenguelas, na região da Barra do Quanza Ali, o inspector provincial de Geologia e Minas, Jeremias Godinho, historiou o que tem sido a actividade local, iniciada em 1910, com a concessão de um exclusivo a Canha e Formigal.

No regresso a Luanda, o sr prof dr. Silva Cunha visitou o Hospital Universitário e o Laboratório de investigação do departamento de engenharia civil da Universidade de Luanda, após o que iniciou reuniões de trabalho com o Governador-Geral e com os governadores de distrito. Ao fim da tarde, assiste a uma recepção em sua honra no Palácio do Governo.

Angola e Moçambique poderão produzir carnes verdes para os países do Mercado Comum

BEIRA (Moçambique), 16 — (L.) — «Com as possibilidades que se antevêem, Moçambique e Angola poderão tornar-se duas parcelas importantes no Mundo, porque a produção em grande escala de carne implicará que noutros sectores se verifique ainda mais progresso» — declarou ao «Notícias», jornal que se publica nesta cidade, o prof. dr. Philip Lamour, consultor económico da O.N.U., que visitou Angola e Moçambique, para estudar as possibilidades dos dois territórios como abastecedores de carnes verdes para os países do Mercado Comum.

Depois de esclarecer que a sua visita se relacionava com a necessidade de detectar espaços livres para a produção de carne, e de acentuar que as suas impressões sobre as duas províncias portuguesas são deveras satisfatórias, o visitante acrescentou: «Em Moçambique e em Angola, aliás como acontece em grande parte da África Austral, existem ainda vastas regiões livres e de fácil acesso, o que é de importância primordial para a produção de carne».

Assinado o contrato entre o Governo e a Cabinda Gulf Oil

Foi já assinado, no gabinete do ministro do Ultramar, um contrato entre o Governo português e a Cabinda Gulf Oil Company, introduzindo determinadas alterações ao contrato de concessão de pesquisa e exploração de petróleo em Cabinda, de que é titular aquela empresa, de harmonia com o Decreto n. 48 803, de 27 de Dezembro de 1968, conforme oportunamente noticiámos.

Outorgaram o contrato, pelo Ministério do Ultramar, o subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino, sr. dr. Rui Patrício, e, por parte da Cabinda Gulf Oil Company, o presidente do conselho de administração, sr. eng.º José Veiga Lima, e o administrador sr. Herbert E. Hansen.

Assistiram ao acto o secretário-geral, em exercício, do Ministério do Ultramar, dr. Ferreira da Silva, o director-geral de Economia dr. Ruy Ribeiro, o delegado do Governo junto da Companhia, coronel Themudo Barata, e o administrador por parte do Estado, prof. dr. Luís Teixeira Pinto.

5.000 LIVROS DE GRAÇA!

Remeta 2$00 em selos do correio para despesas e receberá em sua casa um volume de uma das colecções que pretendemos divulgar. O objectivo desta oferta é angariar novos clientes, e as obras foram seleccionadas para atingir o fim em vista. Pedidos á **LIVRARIA CIVILIZAÇÃO** — Rua Alberto Aires de Gouveia, 27 — PORTO ou á *Filial*, Av. Almirante Reis, 102 r/c., dir — LISBOA 1

Nome e direcção bem legíveis

SOCIEDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS

Amanhã, ás 18 horas, no anfiteatro de Botanica da Faculdade de Ciências de Lisboa, o sr. dr. Armando de Lemos Bastos, chefe do serviço de Citologia do Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil, fará uma exposição intitulada «Da definição da célula tumoral ao estudo da carcinogénese».

CONSELHO COORDENADOR DO MINISTÉRIO DA SAÚDE

Depois de seis anos de interrupção, começou hoje a funcionar o Conselho Coordenador do Ministério da Saude e Assistência.

Presidiu aos trabalhos, o titular da pasta, dr. Cancela de Abreu. Estiveram presentes os directores-gerais da Saúde, Assistência e Hospitais; os directores dos Institutos Maternal, dos Tuberculosos, Psiquiátrico, Família, Inválidos, Menores, Sangue e Leprosos; o inspector-chefe da Assistência Social, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, os representantes do Patriarcado de Lisboa e da Ordem dos Médicos; e o chefe de repartição da Contabilidade Pública junto daquele ministério.

O Conselho Coordenador reunir-se-á periódicamente nas primeira e terceira quinta-feira de cada mês.

Oficial da F. A. P. condecorado pelo Governo alemão

O presidente da Republica Federal da Alemanha agraciou o sr. tenente-coronel António da Silva Cardoso, chefe da 3.ª Repartição do Estado-Maior da Força Aérea, com o grau de oficial da Ordem de Mérito da Republica Federal da Alemanha.

As insígnias da Ordem e o diploma da condecoração foram entregues áquele oficial pelo embaixador da Alemanha, sr. dr. Herbert Müller-Roschach, em cerimónia a que assistiram o adido aeronáutico alemão, o chefe dos Serviços Centrais de Ligação Alemães em Portugal e os srs. general Guilherme Dias Costa e tenente-coronel António Celorico Borba da Silva, do lado português.

TPA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

PRESO A 13 METROS DEBAIXO DE ÁGUA

ST. PETER PORT (Guernsey), 16 — (R.). Um polícia em Guernsey, a ilha britanica do canal da Mancha, narrou ontem a um tribunal como prendera um transgressor treze metros debaixo de água.

O culpado era o homem-rã David Kempthorne-Ley, acusado de pescar no fundo do mar um marisco conhecido como orelha marinha, um manjar local, durante a época de protecção as espécies.

O longo, mas molhado, braço da lei, representado pelo guarda David Archer, também um homem-rã, tocou no ombro do pescador e fez-lhe sinal: «para a superfície».

Ontem no tribunal, o réu foi multado em 20 libras por pescar ilegalmente 86 orelhas marinhas. Negou a acusação.

O polícia, com trajo de homem-rã, que fez a primeira prisão debaixo de água que se conhece na Grã-Bretanha, vigiava os leitos de orelhas marinhas, protegidos por uma lei de 1898.

Faleceu o marítimo espanhol agredido a tiro

PORTO, 16 — No Hospital de São João, onde se encontrava internado desde a madrugada de sexta-feira ultima, faleceu o marítimo espanhol Leandro Martin Garcia de 30 anos, de Miguepurra, Villa Real (Espanha), tripulante do navio finlandês «Sommaro» que, conforme noticiámos, foi agredido naquela madrugada com três tiros de pistola, durante uma zaragata em que intervieram mais quatro companheiros do seu navio, á porta do bar «Beira-Rio». A P. J., que procede a investigações para a descoberta do agressor, prendeu dois jovens de Matosinhos que se encontravam naquele bar, os quais foram, porém, postos em liberdade. Até agora ainda não foi descoberto o autor da agressão nem a arma que motivou a morte do marítimo espanhol.

O PREÇO DA BATATA NO BARREIRO

BARREIRO, 16 — Em virtude de se ter acentuado o aumento de preços da batata comum, que se estava já a vender a 2$60 e a 2$70 o quilo, os fiscais da Intendência Geral das Actividades Económicas da zona de Setubal estiveram hoje nos mercados deste concelho, ordenando a baixa do seu preço para 2$30, com o que a população se regozijou.

A mesma fiscalização começou a exercer acção sobre o preço da venda ao público de artefactos e artigos de utilidade doméstica não tabelados, aos quais se estava a notar ultimamente uma margem de lucro excessiva, de cerca de 100 %.

O CHEFE DO ESTADO VISITA A CIDADE DO PORTO NESTE FIM-DE-SEMANA

PORTO, 16 — Numa conferência com os representantes da Imprensa, ao princípio da tarde, no Governo Civil, o sr. dr. Jorge da Fonseca Jorge deu a conhecer o programa da visita do Chefe do Estado, que é o seguinte: Depois de amanhã, ás 18 e 30, o sr Presidente da Republica chega num comboio especial á estação das Devesas, em Gaia, de onde segue para o quartel-general e ali pernoitará. No domingo, o sr. almirante Américo Thomaz visita as instalações da «Facar», em Leça da Palmeira, onde almocará; ás 15 e 15, irá ao Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito do Porto; ás 16 horas, presidirá á inauguração do Centro n.º 2 de Formação Profissional Acelerada, no Bairro do Cerco do Porto; e á noite, na União de Grémios dos Comerciantes do Distrito do Porto, ser-lhe-á oferecido um jantar. Na segunda-feira, ás 11 horas, o Chefe do Estado parte da estação das Devesas, também em comboio especial, para Lisboa.

Inspecção Superior de Obras Públicas

O júri do concurso para a promoção a engenheiro inspector superior de obras públicas ficou constituído pelo presidente do Conselho Superior de Obras Públicas, sr. eng.º Raul de Mesquita Lima, como presidente; pelos engenheiros inspectores-gerais de obras públicas srs. José Filipe Rebelo Pinto e Carlos Guilherme Craveiro Lopes Couvreur e engenheiros inspectores superiores de obras públicas srs. Germano Joaquim Venade e Luís de Castro Ferreira de Carvalho.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	532$	530$	532$
Consolidado 5%	555$	555$	560$
Consolidado 3 1/2%	655$	650$	660$
Centenários 4%	1.50 $	500$	.503$
Obrigs. Tesouro 5%	1.000$	.000$	—
Externo 1.ª Série	—	650$	680$
Externo 1.ª Série c.	—	750$	815$
Externo 3.ª Série	—	700$	750$
Externo 3.ª Série c.	910$	900$	910$
Cautelas 3.ª Série	—	170$	190$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	470$	—
A. P. I. 5% 56	—	—	—
A. P. I. 5% 58	—	—	—
C. P. 4 1/2% 65	925$	923$	930$
C. P. 5 1/2% 67	—	—	—
C. U. F. 6%	—	.000$	1.007$
C. U. F. 6% 68	997$	995$	1.000$
Gás Elect 4% 48	—	850$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	865$	—
Gás Elect 5% 52	—	910$	—
Gás Elect 5% 58	—	910$	—
Gás Elect 5% 59	—	910$	—
Gás Elect 5% 62	—	931$	—
Gás Elect 5% 63	—	920$	—
Gás Elect 5% 65	—	920$	—
Gás Elect 5% 67	—	.020$	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	825$	—
H. E. Cávado 5%	840$	—	—
H. E. Cávado 5%	998$	997$	1.000$
H. E. Douro 5%	840$	840$	—
H. E. Douro 6%	999$	998$	999$
H. E. Norte Port 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	—	980$	—
H. E. Zêzere 5% 55	—	840$	850$
H. E. Zêzere 5% 57	—	840$	—
Lisnave 6%	1.003$	1.003$	.005$
Metropolitano 4%	—	890$	905$
Metropolitano 5 3/4%	—	1.018$	—
Moçambique 5%	—	730$	—
Nac. Electr. 5%	—	850$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	860$	—
Port. Celul. 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	940$	—
Sacor 5% 60	—	920$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	820$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	820$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	820$	—
Sonefe 5%	—	805$	—
T. A. P. 4%	—	—	—
Termoelect. Port 5%	—	820$	830$
U. E. P. 3 3/4%	82$6	82$7	83$
U. E. P. 4%	—	83$	84$
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	82$6	82$6	83$
U. E. P. 5% 60	820$	—	830$
U. E. P. 5% 63	—	—	—
AÇÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.010$	1.005$	1.010$
Alentejo	650$	650$	651$
Angola	—	1.700$	1.720$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	1.925$	1.925$	1.930$
E. Santo	—	—	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	12.500$	12.400$	—
L. & Açores p.	—	3.920$	3.960$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	—	—	6.000$
Portugal n.	—	—	—
Portugal p.	2.720$	2.700$	2.750$
Totta Aliança	4.700$	4.700$	4.720$
Ultramarino n.	1.689$	1.681$	1.690$
Ultramarino p.	1.890$	1.880$	1.895$
Seguros			
Alentejo	—	66$	70$
Douro	—	—	980$
Mundial	430$	425$	435$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	40.000$	45.000$
Ultramarina	—	8.500$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	750$	770$
Ag. Cassequel	570$	565$	572$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	180$	230$
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	150$
Buzi	—	61$	62$
Cabinda	—	131$	140$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.310$	1.310$	1.315$
H. E. Revué	600$	590$	610$
Ilha do Príncipe	—	750$	—
Moçambique	80$5	80$	81$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	—	318$	320$
Zambeze	45$	45$	46$
C.ª Diversas			
Cidla	—	6.900$	—
Cim. Leiria	—	2.300$	2.450$
Cim. Tejo	—	3.300$	—
Col. Navegação	—	650$	655$
C. U. F.	—	1.070$	.090$
Ind. Aliança	—	—	—
Nac. Navegação	1.650$	1.630$	1.670$
Petroquímica	—	2.350$	—
Port. e Colónias	—	1.225$	1.230$
Port. Celulose	—	—	—
Port. Pesca	—	—	—
Port. Tabacos	—	521$	525$
Sacor	4.830$	4.800$	4.850$
Siderurgia Nac.	1.225$	1.215$	.230$
Socel	—	2.150$	2.170$
Tabacos de Portugal	—	—	960$
Tabaqueira	—	10.500$	10.800$
U. F. Azoto	—	710$	720$
Agua Electr. e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	390$	420$
Aguas Lisboa 34	—	410$	420$
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
Eléct. Beiras	—	1.505$	.520$
Gás Electr.	394$5	394$	394$5
H. E. Alto Alentejo	158$5	158$5	159$
H. E. Cávado	1.255$	1.255$	1.260$
H. E. Douro	1.245$	1.240$	1.245$
H. E. Norte Portugal	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	1.700$	.800$
H. E. Zêzere	—	1.310$	1.320$
Nac. Electricidade	1.310$	1.305$	1.315$
Termoeléctr. Port.	—	—	—
U. E. P.	194$	193$5	194$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. Atlântico	—	154$3	159$
F. I. D. E. S.	—	104$9	108$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

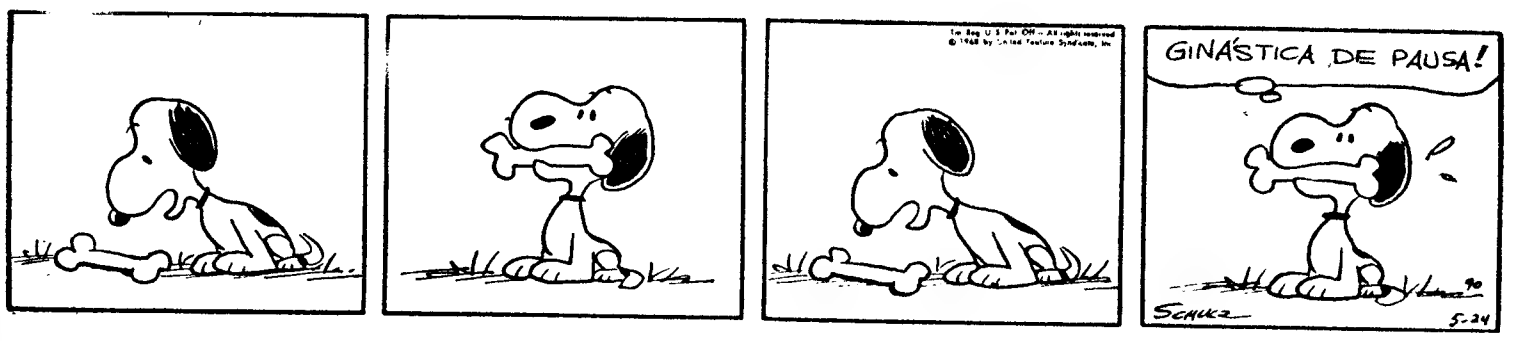
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	9/1/69	15/1/69	16/1/69
GERAL	109,5	109,8	**109,8**
METROP.	107,8	108,0	**107,9**
ULTRAM.	121,7	123,3	**123,6**

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	36$00	38$50
América:		
— Dollar de 1 e 2	28$20	28$60
— Dollar de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$07	7$27
Austria — Shilling	$08	$15
Brasil — Cruzeiro Novo	6$00	8$00
Espanha — Peseta	$39,5	$41
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$00	69$50
Itália — Lira	$04,5	$04,7
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$53,5	$56,5
França — Franco	5$30	5$80
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	320$00	335$00
Inglaterra — 1/2 Libra	245$00	265$00
Ouro fino — Barra	39$00	40$50

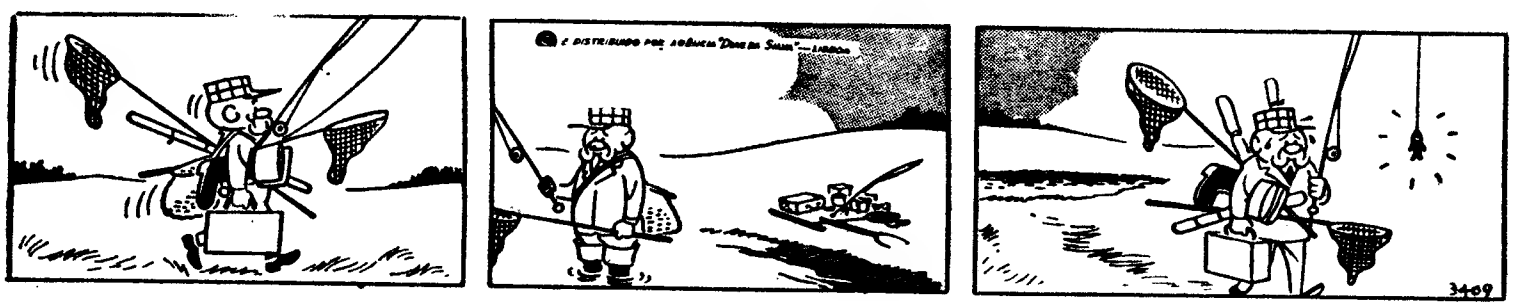
J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 321273

Os Peanuts



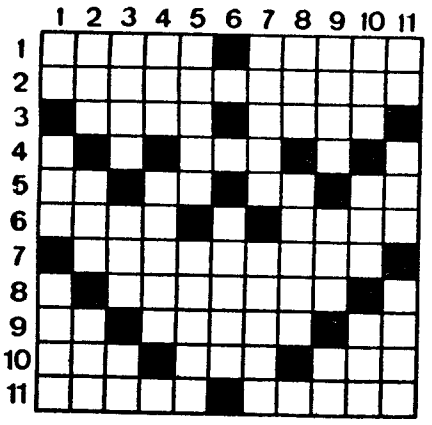
Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)



PROBLEMA N.º 5060

HORIZONTAIS: 1 — Içava. Bambus. 2 — Trareis á memória. 3 — Ecoam Carimba. 4 — Base aérea portuguesa. 5 — Rei de Basã, gigante que se opunha á passagem dos Israelitas. Pronome pessoal. Nota musical. Letra grega. 6 — Nome que os negros feiticistas do Brasil davam a S. Jerónimo. Aquele que. 7 — Nome vulgar de várias plantas da família das Asteráceas. 8 — Acorrentei. 9 — Campeão. Queimem. Cânhamo de Manila. 10 — Preposição Palavra gaélica que significa filho e precede um grande numero de nomes irlandeses e escoceses. Sete em romano. 11 — Letra grega. Avivou.

VERTICAIS: 1 — Viração. Por baixo de. Armadilha. 2 — Vês. Cidade de França. Ruído. 3 — Serra de Portugal. Mãe de Rómulo e Remo. Pronome pessoal. 4 — Vai pelo ar com grande velocidade. Bando. 5 — Equipou. Cidade de Itália. 6 — Carência. 7 — Lugarejo. Esboço. 8 — Medida de superfície. Para cá de. 9 — Variedade de arroz, com casca, da India Portuguesa. Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Lê. 10 — Camareira Rente. Voz do gato. 11 — Abreviatura de Santíssimo. Semelhança. Tombou.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

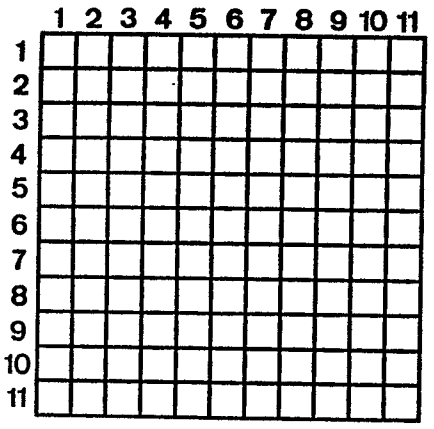
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5059

HORIZONTAIS: 1 — Frada. Maçar. 2 — Artur. Anote. 3 — Iró. Sam. 4 — DURO. Lema. 5 — Ara. Aam. Ror. 6 — Rs. Criar. DE. 7 — Acua Teca. 8 — Oro. Asi. 9 — Assas. Itaca. 10 — Soer Orão. 11 — Arremessais.

VERTICAIS: 1 — Fardar. Casa. 2 — Ir. Ursa. Sor. 3 — Atira. COSER. 4 — DURO. Curare. 5 — Aro. Araós. 6 — Pai. DE. 7 — Mas. Matai. 8 — Anal. Restos. 9 — COMER. Ciara. 10 — At. Moda. Cai. 11 — Repare. Laos.

Provérbio: DURO DE COSER, DURO DE COMER.

(NOVA MODALIDADE)



PROBLEMA N.º 8904

HORIZONTAIS: 1—Abreviatura de «post escriptum». Cidade de Itália. Ruim. 2 — Medida de líquidos usada na Alemanha, Holanda e Suíça. Preposição. Igual. 3 — Após. Executará. 4 — Economizaram. 5 — Freguesia do concelho e distrito de Coimbra. Inflamação da íris (Med.). 6 — Rio da Suíça. Conjunção. 7 — Carimbas. 8 — Enguia. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Nome de um jogo. 9 — Intercalariam. 10 — Procedera. Arreata. 11 — Saudável. Transpira. Oceano.

VERTICAIS: 1 — Antiga moeda brasileira de prata que valia aproximadamente 32 centavos. Caminharás. 2 — Rio da França e da Alemanha. Gelha. 3 — Nome de mulher. Lazer. 4 — Estarás. Sufixo que designa estado. 5 — Antes de Cristo. Que vendem caro. 6 — Popularidade (fig.). Rio de França. 7 —Prefixo de negação. Correra suavemente. 8 — Executarás. Nota musical. 9 — Cidade de França. Remam para trás. 10 — Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. Baixela. 11 — Fios de latão. Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8903

HORIZONTAIS: 1 — Coril. Falua. 2 — Atiá. Trl. Rs. 3 — Lua. Somaras. 4 — Ar. Pena. 5 — Ralada. Mês. 6 — Riga. Surra. 7 — Mo. Figa. 8 — Ega. Arai. Mó. 9 — Residir. Ser. 10 — Na. Tua. Cota. 11 — Arear. Pelar.

VERTICAIS: 1 — Calar. Berna. 2 — Aturar. Gear. 3 — Ria. Limas. 4 — Ia. Pagã. Ita. 5 — Seda. Adur. 6 — Tona. Fria. 7 — Fima. Mugi. Ce. 9 — Roera. Sol. 10 — Ura. Se. Meta. 11 — Asso. Adorar.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 16 de Janeiro de 1939 publicava:

«O «Petit Parisien» afirma:

«Não é necessário ser muito subtil para entrever que a evacuação das posições italianas em Espanha é considerada em Roma como uma moeda de troco, que deve servir para obter da França satisfação noutros domínios.

«É provável que as reivindicações italianas acabem por se fixar nas vantagens que a Itália deseja obter no Mar Vermelho, especialmente no Canal de Suez, no caminho-de-ferro Djibuti-Addis Abeba e no estabelecimento de um porto livre em Djibuti.»

CAMINHOS DE FERRO

SABUGO, ALMORNOS, ALMARGEM DO BISPO, MACHADOS, D. MARIA, ALBOGAS, CAMARÕES, COVAS DE FERRO, NEGRAIS E CANEÇAS

Comunica-nos a C. P. que a partir de 15 do corrente todas as estações de caminho-de-ferro despacham mercadorias, incluindo pequenos volumes, para Sabugo-Domicílios, Albogas Negrais-Central e Caneças-Central.

Por seu turno, nos Despachos Centrais de Negrais e Caneças expedem-se igualmente mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminho-de-ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

Também em Sabugo (excepto quanto aos domicílios), Almornos, Almargem do Bispo, Machados, D. Maria, Camarões e Covas de Ferro se recebem e expedem remessas ao abrigo da Tarifa 8/198 — Grande Velocidade.

No seu próprio interesse não deixe de utilizar este serviço combinado.

Dizem os leitores...

ANOMALIAS A CONSIDERAR NO BAIRRO DO RESTELO

Recebemos do sr. Dinis M da Silva a seguinte carta sobre um problema de interesse colectivo, e com aspectos, também, que interessam á estética e ao ambiente próprio de uma zona citadina de sugestões históricas. Reproduzimos a missiva do nosso leitor para conhecimento das entidades competentes:

«*Sr director:* — Por virtude de o seu conceituado jornal ter sempre abertas as suas colunas a todas as causas justas e de interesse colectivo, ousamos vir junto de V., pedir-lhe que seja intérprete dos nossos reparos junto da entidade competente, neste caso, a Camara Municipal de Lisboa, no assunto que intitulámos («Os muros da vergonha... do Restelo») e que a seguir tomamos a liberdade de expor:

«Moramos em prédio próprio, na Encosta do Restelo (junto ao Ministério do Ultramar), que muitos dizem ser uma das zonas mais bonitas de Lisboa — e como tal era considerada pela C. M. L., quando, tempos atrás, autorizava a construção dos prédios, dentro dos seus moldes e exigências arquitectorais. No entanto, talvez porque há já bastante tempo se encontravam por terminar os arruamentos e passeios do lado nascente, precisamente, entre o Ministério do Ultramar e os prédios em face, entenderam por bem os respectivos serviços da C. M. L., que era chegada a altura de procederem ao seu acabamento

«Com efeito, começaram aqueles serviços camarários, por mandar erguer, entre o já citado lado nascente do Ministério do Ultramar e os prédios com os n.os 1, 3 e 5, da Rua Jorge Álvares, um inestético muro a dividir dois arruamentos. Simplesmente, no nosso modesto entender, o projecto delineado para o efeito é de um inaudito mau gosto, se considerarmos o local e a proximidade em que nos encontramos, das verdadeiras relíquias arquitectónicas que nos legaram os nossos antepassados Mas, se aquele muro (de vergonha... do Restelo), fere a linha arquitectónica anteriormente, tão defendida pela C M L., muito pior vai agora a acontecer com a construção de um outro muro, partindo do prédio com o n.º 1 da Rua Jorge Álvares para a Rua de Gonçalves Zarco, criando deste modo um recanto propício a montureira, e quiçá a indecoroso mictório publico, o que, provàvelmente, virá a acontecer e acarretará graves prejuízos morais e de salubridade aos inquilinos, cujos andares se situam sobranceiros ao dito recanto E, por a visão que agora se obtém deste novo conjunto arquitectónico ser desesperante, custa-nos a crer que tal projecto tenha sido delineado por um arquitecto com conhecimento pessoal do local referido.

«Assim, pelo que fica exposto agradecemos a publicação desta nossa carta, certos de que as nossas lamentações não cairão no esquecimento das entidades que poderão interferir no assunto, remediando, enquanto é tempo, o que se está a construir erróneamente.»

O Município discutiu a ampliação (urgente) do Metropolitano de Lisboa

O ministro das Finanças está pronto a levar por diante, a curto prazo, o estabelecimento das medidas necessárias para a concretização de um emprestimo destinado a conclusao lógica (ate Alvalade) do ramal do Metropolitano, que se interrompe nos Anjos. Assim respondeu, hoje, o general França Borges, em sessao pública da Câmara Municipal de Lisboa, a dois vereadores interessados na solução do problema.

Foi este em resumo o tema central da reunião A presidir esteve o general França Borges, ladeado pelos dois vice-presidentes, engº D Segismundo da Câmara de Saldanha e sr. Aníba, David Presentes oito vereadores

Aprovada por unanimidade a dispensa de leitura da acta, o problema do Metropolitano (comparado em extensão aos transportes á superfície) teve dois intervenientes dr Pereira Bernardes e engº Santos e Castro

Para o primeiro orador, «não pode ser indiferente a esta Câmara como «*Corporação dos homens da rua*», a inadiável necessidade que subitamente foi posta em evidência, de ampliar a rede do Metropolitano de Lisboa As linhas já em serviço tem acorrido público nestes ultimos dias, dando-lhe uma espectacular preferência E mais não acorre apenas porque os percursos servidos ainda são poucos É que o Metropolitano é o transporte colectivo, em serviço na nossa cidade mais económico, mais rápido e mais cómodo».

Seguiu-se a comparação com os autocarros e eléctricos, cuja morosidade e incomodidade o dr Pereira Bernardes acentuou

— *É mais rápido ir ao Porto no avião da T. A. P. do que de Moscavide á Baixa em autocarro.* — foi um dos seus comentários

Por um pouco, segundo o orador a Carris melhorou as condições de trabalho do seu pessoal, mas esqueceu-se da mínima comodidade a oferecer aos utentes Solução? Construir rápidamente «toda a rede» do Metropolitano «grande aspiração dos homens da rua»

No mesmo sentido falou o engº Santos e Castro:

— *Não sofre contestação a imperiosa necessidade de levar o transporte subterraneo ao Areeiro e a Alvalade, construir a linha de beira-rio de Alcantara a Xabregas, com correspondência no Rossio, e ainda estudar, projectar e realizar a grande linha transversal prevista no Plano Director da Cidade.*

Argumentos do vereador: o congestionamento progressivo do tráfego automóvel, a lentidão dos transportes colectivos de superfície «o vultuoso e rápido encarecimento das tarifas destes» Lamentou que as obras do Metropolitano tivessem sido interrompidas, porque afinal «a necessidade é tão urgente que exige uma acção pronta e eficaz»

A isto respondeu o general França Borges referindo o interesse do actual ministro das Finanças em dar andamento á solução, interesse coincidente com o da Camara. Simplesmente, esta investiu já 170 mil contos no Metropolitano e entende não poder ir muito mais além.

Habitação e lixos

Terceiro (e ultimo) vereador a falar, o dr. Antunes Branco abordou o problema n.º 1 de Lisboa: a habitação. No seu entender, as instituições que visam a construção de casas de baixa renda «sentem as dificuldades resultantes da falta de unidade no critério para estudo do problema e da carência de soluções planificadas a nível nacional» Terminou pedindo ao Governo «rapidez nessa solução»

Perspectiva de alongamento do ramal dos Anjos até Alvalade

O general França Borges registou as palavras do vereador e sublinhou que a Câmara tem feito todos os esforços no sentido de promover o alojamento das famílias pobres, habitantes de barracas ou quartos

— *Há um único caminho a seguir, construir o mais possível. Cada família alojada é uma família que passa a viver nova vida Mas nem tempo temos para alegrar-nos. Milhares de outras famílias aguardam a sua hora.*

Foram por ultimo apresentadas várias propostas a mais importante das quais (aprovada em votação particular) anulando o concurso realizado em 1 de Abril de 1968 — para adjudicação da rede de tratamento dos lixos urbanos Feita uma adjudicação provisória, verificou-se que a solução não acautelava certos requisitos de salubridade e estabilidade e muito menos por falta de referência ao valor do produto a posição da lavoura nacional Daí a proposta

A próxima sessão foi marcada para 20 de Fevereiro

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Isabel Botelho Barão

Com 100 anos, faleceu hoje a srª D. Isabel Botelho Barão, mãe dos srs Pedro dos Reis Barão, João Barão Botelho e Manuel de São Pedro.

O funeral, realiza-se amanhã, ás 10 horas, da igreja de São João de Deus para o cemitério de Idanha-a-Nova, de onde a extinta era natural.

D. Candida Emilia Soares Vieira de Sousa Torres

Faleceu a srª D Candida Emilia Soares Vieira de Sousa Torres, de 61 anos natural de Almeida. A extinta era casada com o sr Manuel Henriques de Sousa Torres e mãe dos srs Manuel Henrique Vieira de Sousa Torres e José A freire Vieira de Sousa Torres

O funeral, a cargo da Agência Barata realiza-se amanhã ás 10 e 30, da igreja de Santo Condestável para o cemitério da Ajuda

FUNERAIS

José Xavier da Costa

Da igreja da Boa Hora para o cemitério da Ajuda, realizou-se hoje o funeral do sr. José Xavier da Costa de 89 anos, secretário do Instituto Superior de Agronomia.

JULGADO EM SANTA CLARA O RECURSO DO MILICIANO CONDENADO POR MATAR O FILHO

No dia 30 de Novembro do ano passado, o Tribunal Militar Territorial do Porto condenava a 9 anos e 10 dias de prisão maior o primeiro-cabo miliciano Carlos Manuel Ataide Coelho da Rocha por ter causado a morte a um filho de tenra idade.

Esta tarde no Supremo Tribunal de Justiça Militar, em Santa Clara, foi julgado o recurso interposto pelo condenado.

Presidiu à audiência o general da Força Aérea Carlos da Costa Macedo, sendo relator o juiz desembargador dr. Mouga Rodrigues Interveio no julgamento, como promotor de Justiça, o coronel de artilharia Enes Brandão

A mulher do réu, que se constituiu assistente no processo esteve representada pelo dr Luís Veiga, conhecido advogado portuense Da defesa do cabo miliciano encarregou-se a advogada drª A. cina de Vasconcelos também do Porto

Nas audiências do julgamento efectuado no Porto ficou demonstrado que o casal se não dava bem «Não estava preparado para a vida conjugal» - como então se disse

Carlos da Rocha, temperamental, nunca se deu bem com aquela que veio a ser a mãe do seu filho. Ela tinha, por vezes, reacções que exacerbavam o temperamento do marido. No decurso de uma das audiências no Tribunal Militar Territorial do Porto contou-se que «*visitando o réu com a mulher um casal amigo com oito filhos, aquele manifestou o desejo de ter muitos filhos, no que foi contrariado pela mulher, que lhe disse que o que tivera viera por acaso*»

O cabo miliciano, certo dia, vendo o filho agitado ter-lhe-ia dado um comprimido de um sedativo que utilizava com regularidade — e a criança teria morrido Este foi um dos argumentos da defesa, além do mau ambiente familiar.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate na província de Moçambique, junto á fronteira norte, o primeiro-cabo 116431/67 José Lopes Pereira, e o soldado 075319/67, Ilídio Ferreira, natural do concelho de Chaves, filho do sr José Ferreira e da srª D Maria Isabel Ferreira.

Os massacres da Amazónia

(Continuação da 4.ª página)

ça. O chefe-piloto dessa expedição escrevia no diário de bordo:

«São tão numerosos (os índios) que se lançasse uma flecha no ar ela não cairia no chão, mas sobre a cabeça de algum».

Ao longo de duzentos anos, foi a matança. Das escopetas passou-se às espingardas da grande época da borracha, à tortura e, modernamente, à metralhadora. Mas o Governo brasileiro quer que se respeite o índio e criou a Fundação do Índio, que procura conquistar pela doçura os últimos refractários do Mato Grosso, os «Tocantins», e os nortenhos «Atroaris» e os «Vaimeris», últimos resistentes da sua raça. No entanto, ainda há semanas os jornais noticiavam que 150 índios teriam sido chacinados na área do rio Alalaú, acto que contraria o que a Fundação pretende.

Para além do direito humanitário que os índios têm de ser respeitados, está uma forte razão, interesseira embora, que deveria justificar a maior protecção das autoridades a essa raça quase extinta: os seus conhecimentos centenários, a sua técnica e engenho seriam auxilio decisivo na conquista da grande Amazónia

O mateiro ÁlvaroPaulo da Silva, único sobrevivente da missão

AMANHÃ

MANAUS, CAPITAL DO «INFERNO VERDE»

MEDIDAS GOVERNAMENTAIS SOBRE A INDÚSTRIA TÊXTIL ALGODOEIRA

NA SEDE do Grémio Nacional dos Industriais Têxteis, realizou-se no dia 14, uma prolongada reunião conjunta do Conselho Geral e da Direcção daquele organismo, na qual foram pormenorizadamente apreciados e estudados os problemas relacionados com o despacho conjunto dos ministros das Finanças e da Economia e com o decreto-lei emanado do Ministerio das Finanças, diplomas estes já publicados na imprensa diária e que estabelecem medidas acerca da situação da indústria têxtil algodoeira.

Dada a extrema importância dos assuntos em causa, dignaram-se assistir áquela reunião o senhor presidente da Corporação da Indústria, dr. Augusto de Sá Viana Rebello, e o senhor Albino Carneiro, presidente da Comissão de Estudo da Indústria Têxtil, nomeada pelo Governo e que funcionou desde 31 de Julho de 1967 a 30 de Abril de 1968 entidades estas que acompanhadas pelo secretário-geral daquela Corporação, dr. Henrique Sequeira, se deslocaram propositadamente a esta cidade para tomarem parte na referida sessão de trabalho.

Reunião de trabalho no Grémio Nacional dos Industriais Têxteis, com a presença do presidente da Corporação da Industria

canal da crítica

CINCO ALÍNEAS IMPOSSÍVEIS PARA A «MISSÃO IMPOSSÍVEL».

A «Missão Impossível» regressou aos nossos televisores. Regressou para mais uma demonstração da «guerra-fria»: os componentes do grupo vão a um país do campo socialista defender os interesses dos Estados Unidos.

Assim: um certo primeiro-ministro de certa república, a U. C. R. deseja estabelecer um acordo cultural com a América, mas o vice-ministro Kuro, partidário da «linha dura», pensa afastá-lo. Logo, torna-se indispensável eliminar o Kuro. Essa a missão confiada ao Jim e ao seu grupo.

Como sempre, o grupo consegue o objectivo mediante a utilização dos ultimos conhecimentos da ciência. Desta vez, vem a ser que uma pessoa enquadrada num feixe de certos raios, deixa de ouvir tudo o que se passa à sua volta, seja mesmo um tiro de canhão.

Como já disse, são nítidos os propósitos de guerra-fria desta série, propósitos que aparecem em quase todas as séries americanas nossas conhecidas. O pensamento de uma personagem no episódio de ontem explicava a razão desta insistência: «*A guerra no espírito dos homens: quem vencer essa guerra, vencerá tudo...*»

Não me parece que essa «guerra» se vença, com as «armas» utilizadas em «Missão Impossível» e que não contam, de maneira nenhuma, com a inteligência do espectador. Apenas será vulnerável o telespectador que acredite:

a) Na possibilidade de se agir tão livremente em terreno inimigo;

b) na possibilidade de prever o local, a pessoa, o minuto, a tão longa distância e sem a mínima falha;

c) na possibilidade de toda a inteligência estar concentrada apenas no grupo ianque;

d) na possibilidade de as pessoas tomarem os rostos umas das outras, utilizando máscaras;

e) na possibilidade de todos os inimigos do grupo serem venais e hostis ás suas pátrias.

Quem acredite nisto (e noutras coisas), pode apreciar a «Missão Impossível» Há quem aprecie? Talvez. Aí está uma coisa que infelizmente impossível não é

AS QUERIDAS MULHERES DOS FRANCESES

Não se pode dizer que a série «As nossas queridas mulheres» constitua uma sátira, uma crítica á vida ou á mentalidade da burguesia média em Paris A série aproveita-se de alguns elementos dessa vida para uma caricatura risonha, bem disposta, que não ultrapassa nunca os limites de um humor não corrosivo, que nunca infringe as regras do jogo. Nesta série, contam-se pequenas histórias em família.

Essa caricatura assume, por vezes, aspectos que ao nosso «provincianismo» se tornam inquietantes. Aspectos de tal modo exagerados que, de súbito, nos julgamos

(Continua na página seguinte)

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

NOITE DE CINEMA:

«O CADILLAC DE OIRO»

JUDY HOLLYDAY é uma das intérpretes — excelente intérprete — de «O Cadillac de oiro»

EM «NOITE DE CINEMA», que a R. T. P. apresenta pelas 21 e 55, hoje há comédia, uma comédia de êxito de alguns anos atrás. Trata-se do filme «Cadillac de Oiro» com actores Judy Hollyday, Paul Douglas, Fred Clark e John Williams.

É uma divertida e mordaz comédia que nos apresenta a organização das «grandes empresas norte-americanas» e devassa alguns dos seus problemas. Gangsterismo e bom-humor, um contraste flagrante que poucos filmes conseguiram atingir com o êxito deste «Cadillac de Oiro» do realizador Richard Quine, expressivamente assinalado ao tempo da sua estreia nos grandes «ecrans».

«AS NOSSAS QUERIDAS MULHERES»:

EVA EM S. TROPEZ

NO TEMPO que corre presentemente, é um prazer recordar o Verão. Assim, na série de filmes que vêm sendo exibidos com Micheline Presle e Daniel Gélin — Eva e Pedro — casal burguês de «As nossas queridas mulheres», que logo pelas 21 e 55 se deslocam à célebre estância francesa de Saint-Tropez.

Mas, mesmo lá, Eva tem os seus problemas...

2. PROGRAMA

Recital de piano, «As aventuras de Tom Sawyer» e «music-hall» italiano

O PIANISTA JACQUES GENTY dará, pelas 21 e 50, um recital, cujo programa, gravado nos estúdios do Lumiar, foi realizado pelo dr. Jorge Listopad.

O emissor VHF, de Lisboa, inclui ainda na sua emissão de hoje a reposição do 6. episódio da série juvenil «As aventuras de Tom Sawyer», com Roland Demongeot e Mau di Napoli nos principais papéis. O referido episódio será exibido pelas 22 e 15.

Seguir-se-á, cerca das 22 e 40, também em repetição, o programa musical produzido pela Radiotelevisão italiana «Sábado à noite», com alguns dos nomes mais famosos dos «music-hall» italiano.

Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 6: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de pausa, pelo dr Marques Pereira Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho, 19 e 50: Musica só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros, 20 e 37: 21.º episódio do folhetim «A história da Rainha Santa», 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: A orquestra de Ray Conniff; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Noite de teatro «Ifigénia em Aulide» (Euripedes) — versão setecentista de Manuel Figueiredo, em arranjo radiofónico de Leopoldo de Araujo, intérpretes Alvaro Benamor, Assis Pacheco, Fernando Gusmão, Eunice Muñoz, Carmen Dolores, Mário Pereira, Manuel Correia, Maria José, Cremilda Gil e Lourdes Lima; 23 e 42: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º programa — 31,7 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 3.º e 4.º actos da ópera «Os Contos de Hoffmann» 18. Musica do século XX — Obras de Bela Bartok; 19: Horizonte, semanário de letras e artes 9 e 30: Folclore português — musica da Beira-Baixa e da Beira-Alta, recolhida por Artur Santos (Gravações cedidas pela BBC); 9 e 45: O pianista Erwin Lászlo na execução de obras de Sibelius; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica Sinfónica; 20 e 30: Concerto pelo Coro-Bach de Lisboa, sob a direcção de Pierre Salzmann, realizado na Igreja Evangélica Alemã e preenchido com obras de Schütz Cinco Motetes (Heinrich Schütz); 20 e 49: Album-Sonata em Lá Bemol maior (Wagner); 21: Concerto em dó maior, K 299, para flauta, harpa e orquestra (Mozart); 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo pianista e compositor Eurico Tomás de Lima; 22 e 11: Abertura da ópera «As Vésperas Sicilianas» (Verdi) — Orquestra Sinfónica de Viena dirigida por Wilhelm Loibner; 22 e 20: Poemas sinfónicos

3. Programa — Cultural em MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano — Fantasia opus 17, em dó maior (Schumann) por Géza Anda; 23 e 30: Concerto pela Orquestra Nacional de Radiodifusão-Televisão Francesa; 0 e 35: Sonata em M maior, BWV 1035, para flauta contínuo (J S Bach); 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D C.; 18. Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 05: Conjuntos vocais; 20 e 30. Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Diapasão; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande Roda, 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário Rural 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa, 19 e 04: Em órbita; 20 e 58: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gê-Gê; 23 e 08: Grande Roda; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbia ac. 19 e 45: Melodias para si; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 05: Cabina de escuta; 21 e 10: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 03: O Santo: 22 e 15: Hoje é vedeta...; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Canções da Itália; 18 e 30: Terço e Bênção da Basílica dos Mártires: 19 e 05: Musica selecionada; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando; 21. Variedades; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: A orquestra de Augusto Algueiró; 22: Quando o telefone toca, 22 e 30; Pentagrama; 22 e 45 Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05. Musica selecionada; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamados musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2: **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

PROGRAMA DE HOJE

1.º Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Lanterna Mágica; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Vamos jogar no Totobola; 20 e 55: Ao Serviço da Nação; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Cinema; 23 e 45: Telejornal, Meditação e Fecho.

2.º Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Recital pelo pianista Jacques Genty; 22 e 15: Tom Sawyer; 22 e 40: Variedades; 23 e 30: Telejornal e Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **1.º Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Quarto dos Brinquedos; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 25: Cartaz TV, 20 e 50: Ao Serviço da Nação; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: «As Nossas Queridas Melheres»; 22 e 20: História da Musica, pelo dr João de Freitas Branco; 22 e 50: High Chaparral — «A Vocação»; 23 e 45: Telejornal, Meditação e Fecho.

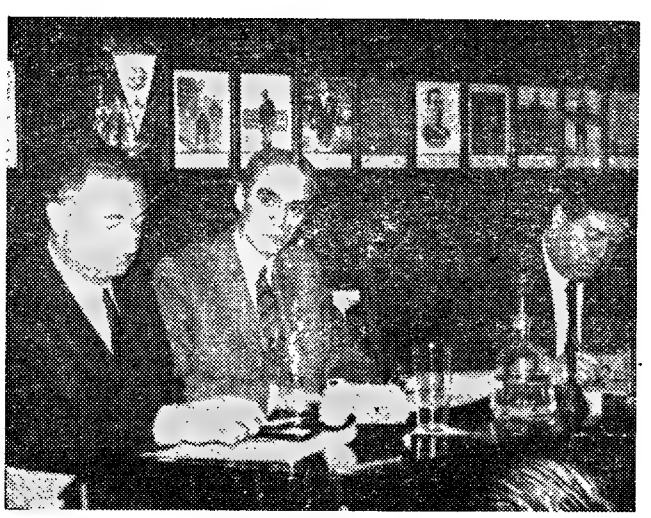
2.º Programa — Às 21 e 28: Abertura; 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Noite de Teatro — «As Primeiras Cerejas do Ano», de Salvatore di Giacomo; (Apresentado no 1 Programa no dia 8 de Janeiro ás 22 e 20). 22 e 35: TV Mundo — Clark Gable (Apresentado no 1.º Programa em 5-1-69 ás 19 e 50; 23 e 30: Telejornal e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

É imperioso chegar-se a uma solução

(já apresentada há meses, aliás)

quanto às transmissões pela TV dos jogos oficiais de futebol



ALVES DOS SANTOS: a paixão pelo futebol vem da meninice

— diz-nos Alves dos Santos

(Jornalista e comentador desportivo)

Uma vida dedicada ao jornalismo e ao desporto, um figura popular, mesmo entre aqueles que só sabem ver futebol pela televisão. É Alves dos Santos.

— Porque gosta do futebol?

— O futebol é o meu desporto favorito desde sempre. Tinha 10 anos quando vi aquele que foi o meu primeiro ídolo: Jorge Vieira. Daí por diante, a par de estudar, lia tudo quanto se escrevia sobre futebol.

(Continua na 24.ª página)

DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

EM

Andares de 2 a 10 divisões ou em apartamentos mobilados no centro da Amadora, na Reboleira, na Venda Nova e em Paço d'Arcos

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125$00 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.

Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.

Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos.

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53 4.º, Esquerdo — Telefones 45843 - 47843
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 933670.

AZULEJOS

AZULEJOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS DESDE $55 E 1$50

Preços sem concorrência em Banheiras de chapa esmaltada e ferro fundido (esmaltados) Cerâmicos sanitários, ferragens, ferramentas, tintas e drogas.

Distribuidores para os Distritos de Lisboa e Setúbal dos produtos da Fábrica Valverde da Marinha Grande, tais como, painéis, portas extensíveis, plásticos canelados para revestimentos e decoração de lambrins e tectos em estabelecimentos e salas.

Queluz — Rua D. Maria I, 30 — Tel. 952021/22.

Amadora — Praça Padre Eduardo Ferreira do Amaral n.º 3 A — Tel. 934005.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

no puro reino da ficção, da invenção pura e simples.

Tal foi o que sucedeu ontem O comportamento ambíguo dos dois amigos que dormem juntos e tomam o pequeno almoço na cama; o banho colectivo na piscina de plástico; a limpeza da casa antes do regresso de Júlia — tudo isso reflectiu, talvez, mais do que uma realidade: reflectiu, talvez, o desejo de uma realidade. O pequeno burguês sonha aproximar-se do médio burguês e este esforça-se por atingir os privilégios do burguês «tubarão». A piscina de plástico é a «aproximação» na lotaria da distribuição da fortuna. «Parece que estamos em Hollywood...» diz, a certa altura, o marido de Eva.

De qualquer modo, a média burguesia francesa provou-nos, ontem, que pode, também, ter as suas orgias. Não chegou ainda ás orgias romanas, mas, enfim, faz-se o que se pode...

Existiu, ainda, gritantemente implícito no episódio de ontem, uma saudade do paraíso perdido, ah, como tudo seria bom se não fossem as mulheres, a gente cá se arranjava, etc....

Esta americanice que vem de Paris encontra-se tão longe da nossa maneira de ser e de viver como as americanices que vêm da América. Uma série nascida para fazer rir, em França, só consegue fazer chorar fora dela: chorar de pena por mais uma ilusão que morre: a ilusão da «douce France».

MÚSICA

A Checoslováquia, como todos muitíssimo bem sabem, está na berra. Na ultraberra. Fica bem falar-se da Checoslováquia, por tudo e por nada, nas esquerdas e nas direitas ainda que, nem de um lado nem de outro, se saiba com exactidão o porquê do que lá se passou ou passa.

Aquele país esteve ontem presente na Televisão portuguesa por intermédio de um trio que tocou Dvorák. A realização ficou a cargo de outro checo radicado há anos em Portugal: Jorge Listopad.

Ouvir música é, por vezes, mais agradável do que ouvir falar de política. Não pretendo com isto dizer que a actividade musical seja independente da política, dado que política é tudo, mesmo o que não é política.

Desconhecemos totalmente a personalidade do «curriculum» do trio. Por tão pouca sorte a Televisão nada nos disse sobre o assunto. Apenas nos foi dado ler os seus nomes, com todos os inconvenientes que derivam de uma leitura complicada, no insólito das suas consoantes e de signos para nós totalmente estranhos. E era tão fácil, com Listopad ali á mão...

Mas Dvorák vale sempre a pena. E vale a pena ver o entusiasmo que os artista põem na interpretação. Como valeu a pena assistir ao trabalho de Jorge Listopad que, inteligentemente, soube jogar com a verdade do grupo e com á verdade de cada participante.

Enfim, pela música todos se entendem. É o grande poder da arte, não?

M. C.

Futebol pela TV

(Continuação da pág. anterior)

Aos 15 anos comecei a trabalhar em jornais, mas só a partir dos 17 passei «também» a escrever sobre desporto em geral e futebol em especial.

Alves dos Santos trabalhou no «Jornal de Sports», do Porto, «A Bola», «Record» e, actualmente, é o chefe dos serviços redactoriais da delegação em Lisboa do nosso prezado colega «O Comércio do Porto».

— Qual a equipa do futebol mundial que mais o impressionou?

— Sem dúvida, a do Real Madrid dos tempos áureos.

— Que pensa do público perante o futebol?

— O público procura no futebol, ou sente perante o futebol, desporto competitivo, o veículo de descarga dos seus impulsos agressivos; de tensões acumuladas por frustrações de vária espécie e ordem, ou, até, pela sua necessidade de «competir» de fora para dentro do campo de luta, através da sua paixão clubista. O futebol como espectáculo pago enriqueceu-se como tal, como espectáculo, mas empobreceu-se como desporto na sua função educativa e firmativa de caracteres. Por isso mesmo, parece-nos, o «mal» terá de ser combatido à custa de uma persistente campanha educativa junto dos jovens, formando-os desportivamente desde bem cedo por forma a que possam tomar parte, praticando ou vendo, em manifestações competitivas com espírito «amadorista».

— Concorda com as transmissões directas dos jogos de futebol?

— As transmissões directas dos jogos de futebol foram um problema durante anos em toda a parte do mundo. Mas o problema resolveu-se lá fora. Aqui, na nossa terra, é imperioso chegar também a uma solução, apresentada até já há meses. Tudo leva o seu tempo, ainda que creia que em nenhuma parte do mundo se tivesse levado tanto como por cá.

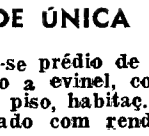
E sem solução, acrescentamos nova pergunta:

— Qual a frase que mais lhe ocorre ao pensamento?

— Esta frase do escritor Albert Camus: «Aquilo que sei de mais seguro sobre a moral e as obrigações dos homens, devo-o ao futebol».

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS



Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B.

Telefs.: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

DINHEIRO

PROPRIEDADES URBANAS E RÚSTICAS
Juros de lei
RAPIDEZ E SIGILO

SONIPAL
R. CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFNS. 52248-556580

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

COMUNICADO

A Cerâmica da Madalena comunica que acaba de remodelar toda a sua unidade industrial especialmente no fabrico de azulejos, à base da Técnica Italiana, equipando-se com maquinismos e fornos ultramodernos que lhe permitem o fabrico de produtos de alta qualidade.

É distribuidora exclusiva desta fábrica para os Distritos de Lisboa e Setúbal, de Azulejos e Loiças Sanitárias, a organização J. Pimenta, com estabelecimentos em Amadora e Queluz

MOSCAVIDE

OPORTUNIDADE ÚNICA

Motivo de partilhas, vende-se prédio de construção em cimento armado, revestido a evinel, composto de r/chão e 3.º andar, 2 inq. por piso, habitaç. de 4 divisões. RENDE 88 200$00. Alugado com rendas baixas. PREÇO 1450 contos.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefs. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

†

CÂNDIDA EMÍLIA SOARES VIEIRA DE SOUSA TORRES

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Manuel Henriques de Sousa Torres, Manuel Henrique Vieira de Sousa Torres e sua mulher, José Alfredo Vieira de Sousa Torres (ausente em Moçambique), Lucília Vieira de Sampaio e filhos, Ilda Lucinda Soares Vieira de Mendonça Carvalho e filhos, Maria Isabel Vieira Crisvão e filhos e mais família, participam que foi Deus servido chamar á Sua Divina presença a sua muito querida Mulher, Mãe, Sogra, Irmã, Tia, Cunhada e parente, o que o funeral se realiza amanhã ás 10.30 horas, da Igreja de Santo Condestável, para o cemitério da Ajuda.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BARATA

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

†

D. HILDA DE CASTRO GOMES ORAM

FALECEU

William Lawrence Oram, mulher e filha, Marjorie Glaydys Oram e filhos, Antónia de Castro Gomes Costa e marido, sobrinhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua querida extremosa mãe, sogra, avó, irmã e tia e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, no cemitério inglês.

AGÊNCIA MEGA

DESPORTO

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Braga-Belenenses	X
Setubal-Benfica	X
Sanjoanense-Porto	X
Leixões-Académica	1
Varzim-C. U. F.	1
Atlético-Guimarães	X
Salgueiros-Tirsense	X
Tramagal-Boavista	2
Alhandra-Peniche	1
Almada-Sintrense	2
Lusitano-Seixal	1
Montijo-Luso	1
Oriental-Sesimbra	1

ONTEM À NOITE EM CARACAS

O Sporting venceu o Deportivo Português (3-2)

• Dois golos de José Morais e um de Pedras

CARACAS, 16 — (Especial para o «Diário de Lisboa») — A equipa de futebol do Sporting Clube de Portugal venceu a do Deportivo Português, da Venezuela, por 3-2, num encontro particular efectuado ontem à noite no Estádio Olímpico da Cidade Universitária, em Caracas.

Os golos foram marcados pelo brasileiro José Morais (aos 27 e aos 70 minutos), e por Pedras, aos 33. Os tentos do Deportivo Português, foram marcados por Lima ao primeiro minuto do jogo e aos 88 minutos.

Ao intervalo o Sporting ganhava já por 2-1.

As equipas alinharam:

SPORTING — Damas; Celestino, Armando, José Carlos e Pedro Gomes; Gonçalves e Pedras; Chico, Lourenço, José Morais e Márinho.

D. PORTUGUÊS — Pompeia; Benitez, Valência, L. Carlos e Pedrilo; Paucar e Garrinchinha; Marcano, Lima, Ulloa e Salcedo.

O jogo decorreu com animação, sobressaindo a superior técnica dos jogadores sportinguistas.

Ernesto e Hilário: lesionados a longo prazo

Nota-se, na formação apresentada pelo técnico Mário Lino, a ausência do dianteiro Ernesto e do defesa-lateral Hilário, que, lesionados, não puderam dar o seu concurso ao Sporting. Aliás, o caso de Hilário preocupa Mário Lino, porquanto o lateral esquerdo dos «leões» (que fizera a viagem á Venezuela em precárias condições físicas) ressentia-se da lesão anterior e não deve estar em condições de enfrentar o União de Tomar, no jogo de Alvalade que conta para o «Nacional».

Quanto a Ernesto, julga o massagista Manuel Marques que dentro de dez dias possa retomar os treinos; o que, igualmente, desde já o afasta do «team» que terá pela frente o grupo orientado por Teitchea.

Um êxito amorfo

No «onze» do Deportivo alinha um antigo jogador português, o médio Daniel que, com a camisola listada do Sporting de Espinho, atingia o que razoável no campeonato da 2.ª Divisão de Portugal.

Como já dissemos, o jogo acabou por se revelar uma agradável partida de futebol, com o Sporting a tentar rectificar o mau juízo do público a respeito da sua capacidade e o grupo local a esbanjar toda a gama dos seus recursos (e o máximo da sua energia) no sentido de vencer um «onze» constituído de vedetas do futebol português.

Até a hora em que estabelecemos ligação com Lisboa nada está decidido sobre a próxima exibição do Sporting Clube de Portugal. Porém, tudo leva a crer que o grupo «verde-branco» enfrente o Deportivo Itália, na noite de sábado. A ser assim, a comitiva de Alvalade só regressará a Lisboa no próximo domingo, muito provàvelmente depois de ter feito escala no aeroporto de Nova York.

E conclusão: o Sporting conseguiu um resultado favorável mas o seu adversário (por inferior valia técnica e acentuada veterania dos seus elementos) nada acrescenta ao prestígio e ao «palmarés» do «onze» de Alvalade.

JOSÉ MORAIS

Provas do Mundial de Condutores (Fórmula 1) em 1969

1 de Março — G. P. da África do Sul.
1 de Maio — G. P de Espanha.
18 de Maio — G P. de Mónaco.
8 de Junho — G P. da Bélgica.
22 de Junho — G. P. da Holanda.
19 de Julho — G. P. da Inglaterra.
3 de Agosto — G. P. da Alemanha.
7 de Setembro — G. P de Itália.
21 de Setembro — G. P. do Canadá
5 de Outubro — G. P. dos Estados Unidos.
2 de Novembro — G P. do México.

UM ADVERSÁRIO DE PORTUGAL EM WEMBLEY

A ROMÉNIA EMPATOU COM A INGLATERRA (1-1)

• O escasso poder de remate dos ingleses realçou (ainda mais) a coesão da defesa romena

A equipa da Roménia (adversária de Portugal na fase preliminar do Campeonato do Mundo de Futebol) conseguiu ontem a proeza de empatar a um golo em Wembley com a Inglaterra, num jogo amistoso em que os ingleses dominaram territorialmente em quase todo o desafio.

Todavia a excelente organização defensiva dos romenos aliada a uma flagrante incapacidade dos visitados para concretizar os lances gizados na grande área adversária, justifica plenamente a igualdade.

Essa insuficiência ofensiva foi, de resto, a nota gritante do desafio. Os avançados ingleses raramente encontraram o momento exacto para o remate, mostrando-se timoratos e particularmente ineficazes. E de tal modo se salientou essa inoperância que o tento obtido pelos insulares foi obra de um defesa, Jackie Charlton que concluiu de cabeça um canto marcado por Ball. O poderoso defesa inglês foi na verdade a figura destacada do jogo, pois para além do golo obtido esteve também na origem do tento dos romenos obtido na conversão de uma grande penalidade por ele provocada.

Mas para além desse mau labor dos ingleses, merece uma palavra de elogio o comportamento dos romenos. Serenos e firmes na cobertura da sua baliza, os visitantes jamais se impressionaram com a pressão territorial a que foram submetidos.

Revelando invulgar espírito de entreajuda e uma lucidez na neutralização dos avançados contrários, toda a equipa romena fez «vincar» ainda mais a descrença dos ingleses nos seus méritos de rematadores.

Quanto aos problemas criados aos defensores ingleses temos de convir que foram realmente muito poucos uma vez que os romenos foram pouco audaciosos. Apenas o extremo-esquerdo Lecescu obrigou Wright a passar alguns maus bocados o que provocou, por vezes, a oscilação do sector defensivo inglês. Esse facto, porém, não trouxe consequências de maior, dadas as poucas ambições ofensivas dos visitantes.

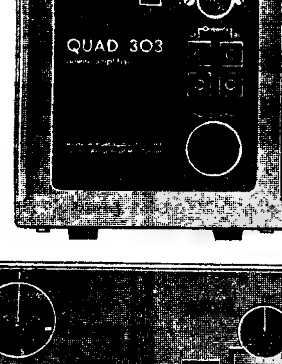
Sob a arbitragem do galês Jim Calloghan, as equipas apresentaram:

Inglaterra — Banks; Wright, J. Charlton, Hunter e McNabh; Stiles e B. Charlton; Radford, Hunt, Hurst e Ball.

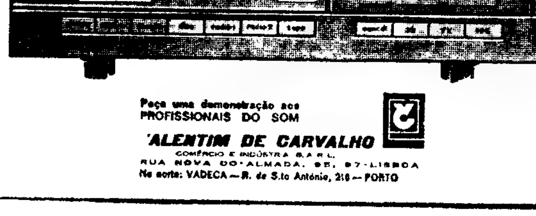
Roménia — Gornea; Stamareanu, Boc, Dinu e Deleanu; Anca e Nunweiler; Dembrorschi, Domide, Dumitrache e Lecescu.

Os golos foram obtidos aos 27 e 74 minutos por **Jackie Charlont**, pela Inglatera,, e **Dumitrache**, pela Roménia.

ACOUSTICAL
QUAD for the closest approach to the original sound
✻NOVO!
CONJUNTO ESTEREOFONICO TOTALMENTE TRANSISTORIZADO
33-Unidade de controle / 303-Unidade de potência



Os fabricantes do melhor amplificador do mundo para fins profissionais e cadeias de alta-fidelidade apresentam a nova versão QUAD
2x45 watts (em 8 ohms)
Distorsão a nivel máximo: 0,03%!



Peça uma demonstração aos PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA S.A.R.L.
RUA NOVA DO ALMADA, 95, 97-LISBOA
No norte: VADECA — R. de S.to António, 218 — PORTO

Acontecimentos DE ONTEM

ANDEBOL — Resultados dos jogos do Campeonato Regional de Reservas, ontem, á noite, disputados: Passos Manuel-Técnico, 23-22; e Campo de Ourique-Belenenses, 25-19

BASQUETEBOL — Nos jogos da Zona Sul, respeitantes ao Campeonato Nacional Metropolitano Feminino, observaram-se os seguintes resultados: Benfica-Encarnação, 50-31; C. U. F.-Nacional, 35-23; e C. I. F.-Vitória de Setubal, 37-25.

ESGRIMA — Numa cerimónia que se realizou ontem, á noite, na respectiva Federação, tomaram posse os dirigentes daquele organismo eleitos em assembleia geral de 27 de Setembro ultimo

NO PORTO

ANDEBOL — Os campeonatos regionais de andebol de sete da Associação portuense continuaram, ontem, a disputar-se com os jogos pertencentes á antepenultima jornada na categoria de juniores e seniores da 1.ª Divisão. O F. C. Porto triunfou em ambas as categorias, assegurando a conquista dos respectivos títulos.

Resultados dos jogos efectuados — 1.ª Divisão: C. D. U. P., 29-Padroense, 14; Leça, 18-F. C. Porto, 21; *juniores:* C. D. U. P., 9-Padroense, 7; Boavista, 12-Gaia, 15; e F. C. Porto, 33-Paroquial, 4.

ASSEMBLEIA GERAL — Na assembleia geral ordinária ontem efectuada na sede da Académica de Espinho, foi decidido que o ginásio espinhense passasse a d[illegible]-se de «Pavilhão Je[illegible] Reis». Naquela reunião foram aprovados o relatório e contas da gerência anterior.

Os novos corpos gerentes foram, também, eleitos, tendo sido indicados para presidir os seguintes nomes: *assembleia geral* — Dr Joaquim Pinto Moreira da Costa; *direcção* — Arq Jerónimo Ferreira Reis; *conselho fiscal* — António Ferreira Galo.

JOSÉ JOÃO GUERREIRO venceu o torneio de infantis de Faro

O torneio de ténis de mesa para a categoria de infantis, promovido pela Associação de Faro, daquela modalidade, foi ganho por João José Santos Guerreiro, do Náutico do Guadiana. Em 2.º lugar classificou-se Gabriel Guerreiro, do Faro e Benfica, seguido de Vítor Manuel Vicente, do Náutico do Guadiana.

HOJE À NOITE

[illegible]BOL — No Pavilhão do Campo de Ourique. Jogos do Campeonato de Lisboa da I Divisão: Madre de Deus-Almada, ás 20 e 30; Passos Manuel-Técnico, ás 21 e 45; e Campo de Ourique-Belenenses, ás 23 horas.

— No Pavilhão da Ajuda. Jogos do Campeonato de Lisboa da II Divisão. C.D.U.L.-Encarnação, ás 20 e 30; C.N. O.C.A.-Casa Pia, ás 21 e 45; e Oriental-Cova da Piedade, ás 23 horas.

— No Pavilhão do Campo de Ourique. Jogos do Campeonato de Lisboa de Juniores: Benfica-C.I.F., ás 19 e 20.

BASQUETEBOL — No Pavilhão da Ajuda. Jogos do Campeonato Nacional Feminino da II Divisão: Ferroviários-Sporting, ás 21 e 15; e Atlético-C.D.U.L., ás 22 e 15.

— Campeonato de Lisboa da II Divisão: Queluz-Rio Seco, em Queluz, ás 21 e 30; e Sporting de Torres-Maria Pia, em Torres Velhas, ás 22 horas.

TÉNIS DE MESA — Campeonatos de Lisboa de Seniores: I Divisão: Ávila-Belenenses, Paço de Arcos-Sporting, G. I. P. A.-Intendente e Centro Católico-Benfica

II Divisão: Amoreiras-Lisgás, Arte e Sport-Amadorense, Rodrigues Cordeiro-Académica da Amadora e Combatentes-Ateneu.

III Divisão: Económico.-S. L. Águias, Atlético do Cacem-Desp. Operário, Moscavide-Mirantense e Estrela da Amadora-Recordação Apolo.

Promoção: Arroios-Cimentos Tejo, Casa Pia-Carregado, Desp. da Graça-Andorinha e Mem Martins-Clube Badminton.

VOLEIBOL — No Ginásio da Faculdade de Ciências. Jogos do Campeonato de Lisboa de Seniores: Faculdade de Ciências-Moscavide: ás 22 horas (honra) e ás 23 horas (reserva).

— Campeonato de Lisboa de Juvenis. Nacional de Ginástica-Benfica-A, em Oeiras, ás 21 e 30.

NO PORTO

BILHAR — Campeonato Regional de 2.ª Categoria (uma tabela): jogos a partir das 21 horas, na sala do Café Astória.

FUTEBOL — Campeonato Distrital de Amadores da A. F. do Porto: Paraíso da Foz-Núcleo de Vilar, no campo do Ramaldense, ás 21 e 30.

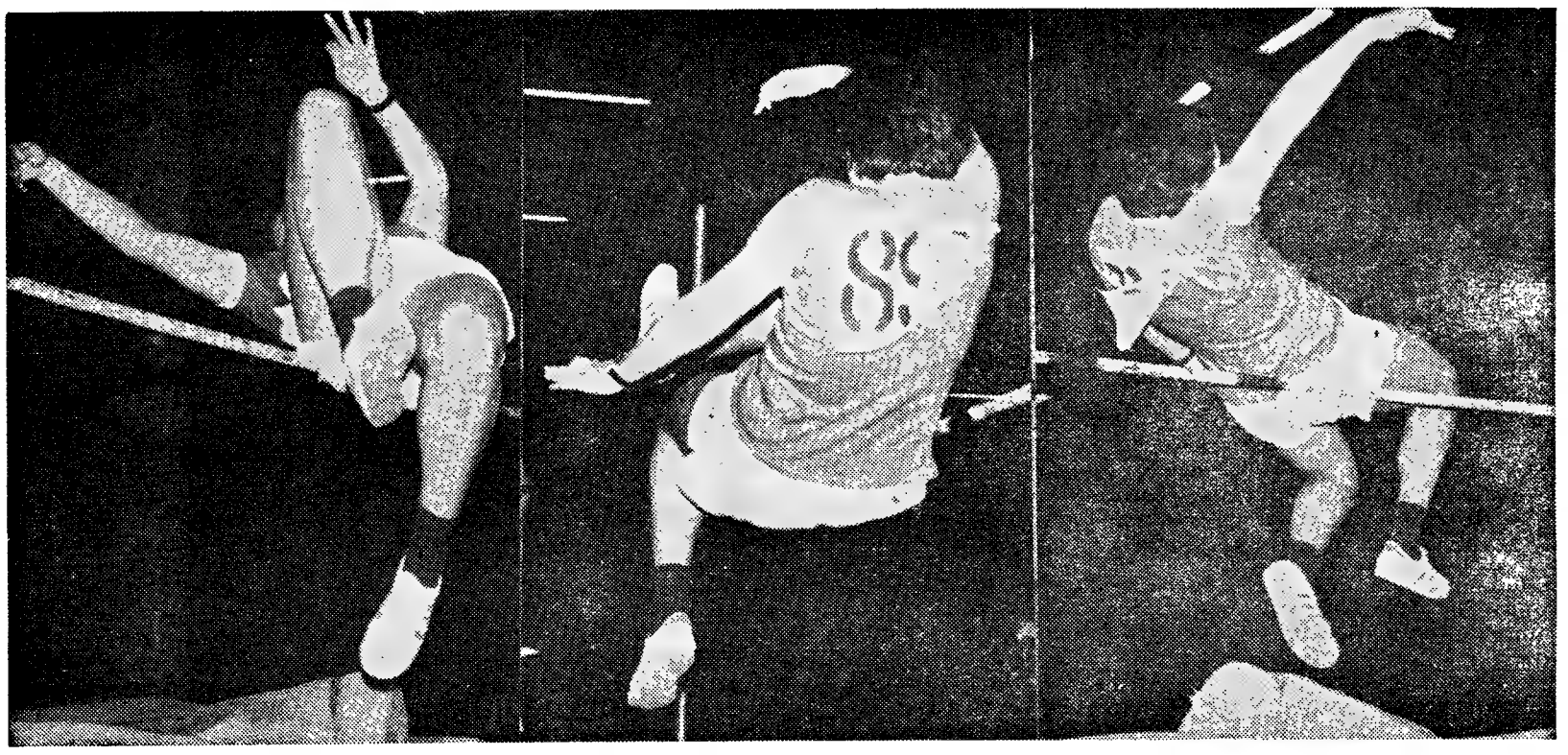
TÉNIS DE MESA — Campeonato Regional de Juniores: C. P. N.-C. D. U. P., Portuense Desporto-São Roque, F. C. do Porto-Mocidade e Cultural das Antas-Alvinegro. Jogos nas salas dos primeiros, a partir das 21 e 30.

Os jogos de ontem das provas europeias

LONDRES, 16 — (A.N.I.) — Resultados dos jogos disputados ontem para diversas competições europeias:

Taça das Taças — Quartos-de-final (primeira «mão»): em Dunfermline — Dunfermline (Escócia)-West Bromwich (Inglaterra), 0-0.

Taça das Cidades com Feira — Terceira eliminatória (primeira «mão»): em Amesterdão — D.V.S. de Amesterdão (Holanda)-Rangers (Escócia), 0-2; (segunda «mão»): em Edimburgo — Hibernian (Escócia)-Hamburger SV (Alemanha Federal), 2-1, (o Hamburger qualificou-se para os quartos-de-final); em Newcastle — (Newcastle (Inglaterra)-Saragoça (Espanha), 2-1, (o Newcastle qualificou-se para os quartos-de-final).



Dick Flosbury já tem uma discípula em Portugal: a filha do antigo campeão benfiquista Fernando de Matos Fernandes que ontem, no Pavilhão Universitário, saltou 1,47 metros utilizando o estilo do sensacional campeão olímpico. Eis Fátima de Matos Fernandes na passagem da fasquia

NO PAVILHÃO UNIVERSITÁRIO

CINCO «RECORDS» NACIONAIS NO TORNEIO EM PISTA COBERTA

Promovido pela Associação de Atletismo de Lisboa, disputou-se, ontem, á noite no Pavilhão do Estádio Universitário, o primeiro torneio da temporada de pista coberta, e no qual participou mais de meia centena de atletas em representação do Sporting, Benfica, Belenenses, Universitário, Vitória de Setubal e Atlético de Moscavide.

Nesta primeira competição — a Associação organizará ainda mais três provas de pista coberta — foram já batidos cinco «records».

Eis os seus autores:

500 m — —(Juniores) — *Amélia Carriço (Vit. Set.), 1 m 27 s;* Altura — (Juniores e Seniores) — *Maria de Fátima Fernandes (Bf.), 1,43 m (absoluto);* Comprimento — (Seniores), *Faria Rodrigues (Sp.), 6,28 m;* Comprimento (Juvenis) — *José Singéis (Bel.), 6,12 m.*

Para um primeiro ensaio a sessão foi excelente. Isto é, os atletas revelaram o seu interesse por estas competições e demonstraram, sobretudo, que estão na firme disposição de se prepararem intensamente para as grandes competições oficiais em pista ao ar livre.

Não há duvida, que os cinco «records» são uma afirmação perene da vitalidade da modalidade.

Apresentaram-se assim, em boa forma *a setubalense Amélia Carriço (500 metros), que arrebatou o máximo a Fernando Pinto (Bf.), que desde 1967 se fixara em 1 m. 30,5 s.; a benfiquista Maria Fátima Fernandes, foi, sem duvida, a atleta da noite, pois só á sua parte quedou-se com dois «records» — o da sua categoria (juniores) e o absoluto, no salto em altura com 1,43 metros.*

Os anteriores máximos pertenciam: o de juniores já estava de sua posse desde o ano passado, com 1,40 metros e o de seniores á ultramarina Kathleen Binda (F. B.), com 1,42 m desde 1968.

Outra surpresa da noite fo-nos dada pelo juvenil do Belenenses José Singéis, com um pulo de 6,12 m que pode valer em pista ao ar livre 6,60 m. Também no salto em comprimento, Faria Rodrigues (Spt.), melhorou o máximo de seniores, para 6,82 m. O anterior «record» pertencia ao benfiquista Rogério Soromenho, com 6,75 m obtido em Madrid o ano passado.

Nas suas actuações salientaram-se ainda: Umbelina Nunes (Benf.), 7,2 s. nos 50 m (ficou a 2/10 do «record» que lhe pertence) e Adelaide Marques do Vit. de Setubal (7,2 s.).

Nas provas masculinas, Artur Pinto (Benf.), que tem vindo a fazer uma época de corta-mato com grande poder, ganhou muito bem os 50 m (6,6 s.) ficando a 3/10 s.

Fátima Matos Fernandes passou 1,47 m em altura: «record» absoluto

do máximo que pertence a Fernando Silva (U.), com 6,3 s. desde 1967.

António Fonseca e Silva (Bf.) — um dos melhores «sprinters» da actualidade — apareceu com poder, como se pode depreender dos 5,9 s. nos 50 m e que fica a 1/10 s. do seu «record» nacional.

Os lançadores de peso Carlos Águas e Ricardo Mota, ambos do Sporting, venceram as provas de seniores e de juniores, mas com marcas frouxas. Não alcançaram sequer os 12,50 m.

O mesmo podemos dizer dos saltadores com vara — Manuel dos Santos (Benf.) e Raposo Borges (Sp.), que fizeram respectivamente, 3,80 e 3,30 m.

Na categoria de juvenis, os «encarnados» contam com uma futura «estrela» — Luís Silva, que, nos 700 metros, roçou o «record» nacional (1 m. 50,8 s. contra 1 m. 49,9 s.), que pertence a Abílio Nunes, também do Benfica, desde 1967.

Finalmente, a equipa do Benfica dominou a estafeta 4x3x2x1 volta, obtendo a marca de 3 m 39,8 s., contra 3 m. 36,4 s., que é «record» nacional desde 1967, e de posse do conjunto Carlos Tavares, Barceló de Carvalho, Mena Antunes e Manuel Andrade.

Eis os resultados técnicos:

50 metros *(Juvenis femininos)* — 1.ª série: *Umbelina Nunes (Bf.), 7,2 s.*; 2.ª série: *Adelaide Marques (Vit. Set.), 7,2 s.*

500 metros *(juniores femininos)* — *Amélia Carriço (Vit), 1 m. 27 s.*

400 metros *(juniores e seniores femininos)* — *Eduarda Cruz (Sp.), 1 m. 2 s.*

Altura *(juniores e seniores femininos)* — *Maria Fátima Fernandes (Bf.), 1,43 m.*

500 metros *(iniciados)* — *Artur Pinto (Bf.), 6,6 s.*

Comprimento *(seniores* — *Faria Rodrigues (Sp.), 6,82 m; (juniores)* — *José Silva (Bel.) 5,71 m; (juvenis)* — *José Singéis (Bel.), 6,12 m.*

50 metros *(juniores)* — *António Silva (Bf.), 5,9 s.*

Peso — *(seniores) Carlos Águas (Sp.), 12,26 m.; (juniores) Ricardo Mota (Sp.), 12,14 m.*

Vara — *Manuel dos Santos (Bf.), 3,80 m.; (juniores)* — *Raposo Borges (Sp.), 3,30 m.*

700 m *(juvenis)* — *Luís Silva (Bf.), 1 m. 50,8 s.*

Estafeta 4x3x2x1 volta — *Benfica, 3 m. 39,8 s.*

O sportinguista Faria Rodrigues: 6 metros e 82 centímetros no salto em comprimento

O Lusitano de Évora em dificuldade directiva

ÉVORA 15 — No decorrer do jantar oferecido à Imprensa pela direcção do Lusitano Ginásio Clube, foram divulgadas as dificuldades para nomeação dos novos corpos gerentes da colectividade

A direcção cessante continua entretanto, no desempenho das suas funções, mas resolveu pedir a convocação de uma assembleia geral para o próximo dia 20 do corrente, onde se vão discutir os problemas que afectam o clube e tentar a sua possível solução.

Na mesma sessão será também apresentado o relatório e contas da gerência de 1968.

VOLEIBOL

VITÓRIA DO TÉCNICO SOBRE O LISBOA GINÁSIO

Principou ontem, no Ginásio do I. S. Técnico, a 2.ª volta da série A do Campeonato de Lisboa de Voleibol, em seniores.

O Técnico venceu o L. Ginásio, por 3-0 (15-4; 15-8; 15-5) e, sob a direcção de Fernando Alves e João Veiga, as equipas apresentaram:

TÉCNICO — André Mendes, Wellington Fernandes, Raul Carrejoso, Carlos Canas, Pina Gil, Costa Reis Luís Brinz e António Correia.

L. GINÁSIO — Cazal Ribeiro Joaquim Azevedo, Fernando Simões, Armando Jerónimo, Fernando Boleto e Rodrigo de Carvalho.

Superioridade absoluta do Técnico, que, mesmo sem ter efectuado uma boa partida, constituiu, sem duvida, a melhor formação.

O L. Ginásio melhorou bastante em relação aos ultimos jogos, mas ainda sem atingir aquilo que está ao seu alcance, revelando o seu ataque carência de força.

Em «reservas», o Técnico também venceu, mas por 3-1 (15-7; 12-15; 15-13; 17-15).

Para o campeonato de juniores, o Benfica venceu o C. D. U. L., por 3-0 (15-12; 15-13; 15-12).

Assentes as datas do Técnico-P. U. C.

Em virtude do atraso na decisão da Direcção-Geral dos Desportos quanto á atribuição do título de campeão nacional de voleibol da época passada, o Técnico solicitou o adiamento dos encontros referentes á primeira eliminatoria da Taça dos Campeões Europeus de Voleibol. Assim, o Paris Université Club, próximo adversário dos campeões portugueses, aceitou o adiamento e ficou decidido que o jogo da 1.ª mão se realizará em Lisboa, no próximo dia 26, jogando o Técnico em Paris, no dia 1 de Fevereiro.

AUTOMOBILISMO

Começa amanhã o «Rallye» de Monte-Carlo

Por toda a parte se ultimam os preparativos para a partida do 38.º Rallye de Monte-Carlo, que começa amanhã á noite de nove cidades da Europa, e que este ano, por determinação da Federação Internacional do Automóvel não conta para o Campeonato Europeu de Ralliyes, em virtude de numa prova paralela (o Rallye Mediterraneo) se incluírem automóveis do Grupo Sport Protótipos, banido pela F. I. A. daquele Campeonato.

Os doze concorrentes que partem de Lisboa, entre os quais se contam Sandro Munari (Lancia), Jean Claude Andruet e Jean Vinatier (da Alpine), e a unica equipa portuguesa participante na prova, António Peixinho-Burnay Bastos estarão amanhã de manhã, a partir das 10 horas, presentes na sede do Automóvel Clube de Portugal, para as operações de verificação e selagem dos carros.

PESCA Concurso do Fluvial

O Clube Fluvial Portuense promove, no próximo domingo, um concurso de pesca no Rio Cávado, reservado aos seus associados. A prova decorrerá entre as 9 e as 16 horas, com chamada junto á barragem.

Novos corpos gerentes do Illiabum Clube

ILHAVO, 16 — Sob a presidência do sr. dr. Amilcar de Castro, reuniu-se a assembleia geral do Illiabum Clube para discussão e aprovação das contas da gerência de 1968 e eleição dos novos corpos gerentes para 1969.

Depois de aprovadas as contas, procedeu-se à eleição, tendo sido eleitos presidentes da assembleia geral, conselho fiscal e direcção, respectivamente, os srs. eng.º José Manuel Bastos Cachim, José da Velha e eng.º João Seros Fonseca

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONCURSOS PARA O ANO DE 1969

Material de Sutura
Conc. Público n.º 33/69
Material de Osteosintese
Conc. Público n.º 34/69

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias uteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos Sábados (das 9 ás 12.30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos.

Lisboa, 13 de Janeiro de 1969.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES
Manuel Brioso Pina de Jesus

CARREIRA LISBOA-PORTIMÃO

A Empresa «BELOS» — comunica que a partir de 19 do corrente a carreira que explorava entre BARREIRO (Est.)-PORTIMÃO, será substituída pela carreira LISBOA-PORTIMÃO, com partida de **Alcântara — Centro de Coordenação Norte.**

Os Snrs. Passageiros provenientes de **Barreiro (Est.), Barreiro, Lavradio, Alhos Vedros, Moita, Olhos de Água e Vale de Touro**, terão ligação em PALMELA com a nova carreira LISBOA-PORTIMÃO.

APARTAMENTOS NO CENTRO DE CASCAIS

(JUNTO À ESTAÇÃO C. F. E PRAIA)

Apartamentos de luxo, em construção na Avenida Valbom, junto da Estação e das Praias, c/ 2 e 3 assoalhadas, em edifício de luxo c/ galeria comercial e aparcamento para automóveis

Proprietária: BARAONA & BARAONA, LDA.

ESTRADA MARGINAL, LOTE JME - 2.º C

(por cima do supermercado)

Telefs.: 282345 - 282388 - 283792 — CASCAIS

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje—«LE VIOL»—O DESCONHECIDO DESEJADO —ESTUDIO 444 —O MARIDO É MEU MATO-O QUANDO ME APETECER — ROMA

IMPÉRIO
(M ... nos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Technicolor — Franscope
Um filme de Edward Dmytryk
BRIGITTE BARDOT E SEAN CONNERY em
SHALAKO

ESTÚDIO
(M. 12 anos)
As 15.30 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Um filme de Joseph Mankiewicz, com Marlon Brando, Deborah Kerr, James Mason e Greer Garson
JÚLIO CÉSAR

CONDES
Telefs 32 25 23 - 32 67 10
(Adultos)
Às 15.15, 18.30 e 21.30
O amor desvairado de uma mulher no outono da vida e o egoísmo atroz de um jovem que a desdenha!
24 HORAS DA VIDA DE UMA MULHER
com Danielle Darrieux e Robert Hoffmann

MONUMENTAL
(M 12 anos) Tel. 555131
As 15 e 21.30
4.ª SEMANA
70 mm — no «écran» gigante
AS SANDÁLIAS DO PESCADOR
com Anthony Quinn, Oskar Werner e Sir Laurence Olivier

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45 — ESTREIA
A comédia das situações incríveis!
com Catherine Spaak e Hugh Griffith
O MARIDO É MEU MATO-O QUANDO ME APETECER
TECHNICOLOR

LIZ
(M. 12 anos) Tel 48560
As 21 horas
ELA E OS SEUS MARIDOS
LAÇOS ETERNOS

POLITEAMA
Tel. 32 63 05
HOJE, 15.15 (p. r.) e 21.30
GRANDIOSO ÊXITO!
A arrojada proeza de um «comando» inglês para destruir uma base naval alemã
ATAQUE À MURALHA DO ATLÂNTICO
com Lloyd Bridges e Andrew Kevi
(Col.) (M. 12 anos)
HOJE, 18.30 — SESSÃO CLÁSSICA, com Greta Garbo
(Adultos)

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 5 05 95
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
UM FILME NOTÁVEL
que criou uma fórmula nova de «suspense»
O ESTRANGULADOR DE BOSTON
c/ Tony Curtis, Henry Fonda e George Kennedy

AVIS
(M 12 anos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Um filme de Robert Hossein
COMO MATEI RASPUTINE
com Kert Froebe, Geraldine Chaplin, Robert Hossein e Ira Furstenberg
Franscope — Eastmancolor

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
As 15 15. 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
CANTINFLAS no mais «explosivo» dos seus filmes
AS MINHAS PISTOLAS

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
As 21.30
ARMADILHA ISTAMBUL
com Michel Constantin e Jean François Pordon

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
TODAS AS NOITES
AS NOVE
OS PRAZERES DE PENÉLOPE

SÃO JORGE
(M 17 anos) Tel 54754
As 15.15. 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Um filme truculento, viril, actuall
CAÇADORES DE ESCALPES
com Burt Lancaster e Shelley Winters

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
As 15.15. 18.30 e 21.30
Extraordinário filme de Paul Newman, candidato aos Oscares da Academia
RAQUEL, RAQUEL
Uma mulher descobre o amor...
com Joanne Woodward e Estrella Parsons

ODEON
Telef. 32 62 83
ÀS 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
UM ÊXITO EXTRAORDINÁRIO com CARMEN SEVILLA
A GUERRILHEIRA
A história dos trágicos dias de um povo que forjou nas ruas a sua glória mais sublime
(Col.) (M. 12 anos)

LUMIAR
(M. 17 anos) Telef. 791574
As 21.30 horas
ÓDIO QUE GEROU O AMOR
c/ Sidney Poitier, Judy Gerson, Christian Roberts Suzy Kendall The Mindbeders

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
5.ª SEMANA
Real. Carol Reed
com Ron Moody — Mark Lester Oliver Reed e Shany Wallis
OLIVER!
70 mm — Technicolor

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
Às 21 h.
PETÚLIA
UM PRESIDENTE DE SAIAS

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
AS FESTAS GALANTES
c/ Jean-Pierre Cassel, Marie Dubois, Jean Richard e Geneviéve Caslle

ALVALADE
As 15.45 e 21.45
(Adultos) Tel. 763080
2.ª SEMANA
Extraordinário filme de Paul Newman
com Joanne Woodward e Estrella Parsons
RAQUEL, RAQUEL

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779097
Um filme de Jacques Daniel-Valcroze
LE VIOL — o desconhecido desejado
com Bihi Andersson e Bruno Cremer
EASTMANCOLOR

MUNDIAL
(Adultos) Tel 538743
As 15.15. 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
O discutido filme de Charlie Chaplin
A CONDESSA DE HONG-KONG
com Sophia Loren e Marlon Brando
TECHNICOLOR
Metro: Picoas

LIDO
Tel. 93 75 93 AMADORA
(M. 12 anos) As 21.30 h.
O ELOGIO DA PREGUIÇA
Atenção: Por motivos alheios á nossa vontade o filme «Laços Eternos» é transferido para os dias 5 e 6 de Fevereiro.

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Noite de Verão» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 45: Sabina Freire (17 anos).
CAPITÓLIO—Às 21 e 45: «Tango» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Grande Poeta é o Zé» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «O Amor 68» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 23: «A Preguiça» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Jovem Mentiroso» (17 anos)

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «Golpe sobre golpe» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Os Filhos do Leopardo» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Matar para não morrer» (12 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Os Cavaleiros do Terror» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21 e 30: «Rasto de Violência (12 anos).
JARDIM — Às 21: «A Fera amansada» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Passos na noite» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 15: «7 Pistolas Magníficas» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE—Às 21: «Queda mortal» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «A Rapariga da Mala» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «3 Dentadas na Maçã» (17 anos).
SPORT LISBOA E BENFICA — Às 21 e 15: «O Carrasco de Veneza» (12 anos).
A VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «As duas faces do perigo» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Os 5 dragões de ouro» (17 anos).
BOMB. VOL. LOURES — Às 21 e 30: «Enganei-me no numero» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 15: «O regresso do ídolo» (17 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Sexta-feira 13» e «Belarmino» (17 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21 «Não faças ondas» e «A tentação do dinheiro» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 2 e 30: «As festas galantes» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Das Ardenas ao Inferno» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «As quatro bodas de Marisol» (17 anos) e ACADEMIA — Às 2' e 15: «Cabeça de Martelo» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO-JARDIM — Às 21 e 15: «Processo Quilen» e «Diga 33 1/2» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «O Carrasco de Londres» (17 anos)

● Linha de Sintra

PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21: «O adeus ás armas» (17 anos)
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O homem de Oklahoma» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Chubasco» e «Agora ou nunca» (17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Profissionais do crime» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 15: «Madame X» e «Larápios de alta roda» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «A grande paródia» (12 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «A volta do pistoleiro» (12 anos)

RECINTOS DE DIVERSÕES

★ Encontra-se a actuar no restaurante «Tic-Tac», em Matosinhos, a artista Adriana Franco.
★ Conclui o seu contrato com o casino do Funchal, no próximo dia 26, o artista Nuno de Aguiar.
★ Tem actuado com bastante agrado em espectáculos nos arredores do Porto os artistas Manuela Moura e Neca Rafael.
★ Reaparece dentro de dias aos microfones da Emissora Nacional a cantadeira Ana Hortense.
★ Continua em S. Paulo a artista Estela Alves que deve regressar a Portugal antes de se instalar definitivamente em Toronto.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno H

AJUDA — Lopes Ribeiro, Ruo do Cruzeiro, 117 (633288) ✲ Boa Hora, R. dos Quartéis, 25-27 (637777).
ALVALADE — Alvalade, Av da Igreja, 18-A (712070) ✲ Gasparinho, R. Dr Gama Barros, 54-A (700465) ✲ Ideal Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) ✲ Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote d'Agua (710131).
ALCÂNTARA — Lisbonense, R Leão de Oliveira, 2-B (637020).
ANJOS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (840122) ✲ São José, R. dos Anjos, 4 (50730).
ALTO DO PINA — Nobel, R. Actor Vale 53 (842152).
AREEIRO — Vera Cruz, Pr. Afrânio Peixoto, 2-E (72494) ✲ Onildo, Av. João XXI, 13-A (726848).
ARROIOS — Oriental de Lisboa Rua de Arroios, 215 (45079).
AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (40592) ✲ Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71 (47213) ✲ Cordeiro, Av. Duque de Ávila, 32-C (43495).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (310172).
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romano, Rua B, á Rua Marquês de Olhão, 7 (383800).
BAIXA — Centro Farmacêutico, R. das Portas de St. Antão, 88 (321211) ✲ Unita, R. da Vitória, 21 (323793).
BELÉM — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, JPM, 3 (610256)
BENFICA — Benfica, Est. de Benfica 678-E (720532) ✲ Sousa, Est. Benfica, 429-431 (780027).
CAMPO GRANDE — Neoterápia, Campo Grande, 38 (774682)
CAMPO DE OURIQUE — Porfírio, R. Franc. Metrass, 59 (663349) ✲ Ivone, Lda., R. Silva Carvalho, 232-C (650760).
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R General Taborda, 7 (680304).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35, (780181)
CONDE DE REDONDO — Salutar, R. C. de Redondo, 9-A (44158).
ESTRELA e LAPA — Paivas & Parente, R. de St António á Estrela, 96-98 (669196) ✲ S. A. E. Silvas, Filhos, R. de S. João da Mata, 74 (661010).
GRAÇA — Arnali, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940).
LUMIAR — Alameda, A. dos Linhas de Torres, 20-B (790942) ✲ S. Tomé, Est do Desvio, lote 12-C (790704).
MARVILA — Tavares, R. Direito de Morvila, 25 (381612).
MOURARIA — Tavares, R. da Palma 194 (863350).
OLIVAIS (Sul) — Higiene — Rua Cidade Vila Cabral (ex-Rua B, 4, Lote 43 zona poente ✲ São Paulo — Rua 2 Lote 823 (á Estrada de Moscavide) (Tel. 310711).
PENHA DE FRANÇA — Zional, R. Morais Soares, 56 - C (847708).
PICHELEIRA — Marluz, Calç. da Picheleira, 40 - B - C (720703 e 728395).
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 91 (773728).
RESTELO — Tanara — Rua Rodrigo Reinel, 3-A (á encosta do Restelo—próximo dos Moinhos). Telefone: 611814
S. BENTO — Silva Santos, R. da Esc. Politécnica, 82-A (660280) ✲ São Bento, R. dos Paiais de S. Bento, 13 (679673)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D Domingos Jardo, 28-A (843439) ✲ Martins, Lda., R. Fernnão de Magalhães, 33 (849448).
MOSCAVIDE — Império, R. Olivença, 44 — Tel. 2511820)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nito — Av Comb. Grande Guerra, 64 (Tel 212070).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Bros R Costa Pinto, 86 (2432034)
OEIRAS — Godinho, Rua Candido dos Reis, 98 (2430090)
PAREDE — Brandão, Av. da República, 77-C (247 054)
ESTORIL — Parque, Arcados do Parque, 3 (260191)
CASCAIS — Misericórdia, R Regimento 19, 14 (280141) — Cascais, Rua Conde de Monte Real — Bairro Coixas (282407).

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias, Av Marquês de Pombal, lote 9 (934589) ✲ Campos, Rua Elias Garcia, 85 (930072) ✲ Ciabel, R António Sardinha, 28-D (938551) ✲ S. Jorge, R Pedro dei Negro, 5 — Reboleira (938703)
DAMAIA — Damaia, P Alexandre Gusmão, 9-A (Tel 970523)
QUELUZ — André, Av Elias Garcia, 151 (950043) ✲ Queluz, Av Miguel Bombarda, 28-A (951841).
CACÉM — Central, R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Quimia, Est Mem Martins 285 (T 29100 12)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes, (Estefânia) L Afonso Albuquerque (980058)
VENDA NOVA — Nova, R Elias Garcia, 10 (933920).
COLARES — Colares — Abrelo (299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 5 — (234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (2240207).
ALMADA — Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão 49 (270076)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est Nacional 14 (224302)
BARREIRO — Normal, Av.ª Alfredo da Silva, 16 (2273085).
COVA DA PIEDADE—Rainho Santo — Est dos Barrocas, 50-A (Tel 276 82)
MOITA — Silva Rocha, P da República, 16 (Tel 2390209)
MONTIJO — Diogo, R Almirante Candido dos Reis, 42 (230032).
SESIMBRA — Lopes, R Candido dos Reis, 67 (Tel 229028)
SETÚBAL — Rosado Pinto, P do Bocage (22484) ✲ Nova, R General Gomes Freire (22052)
SETUBAL — Oliveira, L do Misericórdia (22488)
SEIXAL — Godinho L da Igreja, 5 (Tel 2218580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 361353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla (dom. e feriados), 382069.

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✲ Voluntários, 538524.

POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 366141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G. N. R. (área rural), 36865.

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✲ Enfermagem permonente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativa), 767777, 761176 e 763456.

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos - de - ferro (C. P.) 869029 ✲ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638531.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

PASTELARIA
FÓIA
RESTAURANTE
C. Mártires da Pátria, 59-A
Telef. 54549
ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA
PASTELARIA C/ FABRICO PRÓPRIA

MINABELA
Restaurantes Churrasqueiro Pastelaria
Diáriamente
várias especialidades
AMADORA—Telef. 939191/2
QUELUZ—Telef. 951611

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE

TIQUE TAQUE
AGORA TAMBÉM COM RESTAURANTE E SNACK-BAR
NOVA GERÊNCIA
AVENIDA DE ROMA, 29-B
TELEF. 777723

TARANTELA
RESTAURANTE ✲ SNACK-BAR
L. D. Estefania, 23 a 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
Telheiras de Cima, 144
Tel. 790211
Aos Sábados e Domingos AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
Parque privativo para automóveis
(AR CONDICIONADO)

tamborim
Restaurante — Snack-Bar — Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
Telefone: 4 62 47
(Ao Campo Santana)

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede. Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel DIBOA; Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Dois russos flutuaram no espaço

MOSCOVO, 16 — (R.) — Dois cosmonautas soviéticos navegaram hoje no espaço depois que a sua cápsula «Soyuz-5» se juntou á cápsula «Soyuz-4».

Os cosmonautas Eugenio Khrunov e Alexei Yeliseyev saíram da «Soyuz-5 por uma escotilha e, depois de permanecerem uma hora no espaço, entraram para a cabina da «Soyuz-4».

A agência «Tass» disse que durante o seu passeio pelo espaço os dois cosmonautas efectuaram diversas experiências científicas e mantiveram-se em comunicação com as naves e o centro de «contrôle» em Terra.

O coronel Khrunov, de 36 anos e o engenheiro civil Yelisseiev, de 35, encontram-se agora a bordo da «Soyuz 4» a fazer companhia ao cosmonauta Vladimir Shatalov que se encontrava sózinho desde que fora colocado em órbita há dois dias.

Por seu turno o tenente-coronel Boris Volynov, piloto da «Soyuz 5», ficou só na sua cabina.

Segundo a «Tass» qualquer das duas naves tem capacidade para diversos tripulantes.

Após a união entre as duas a «Tass» referiu-se ao conjunto como «o primeiro laboratório espacial do Mundo».

Segundo a «Tass» o passeio pelo espaço hoje efectuado pelos dois cosmonautas constituiu um ensaio para futuras transferências de tripulantes de estações orbitais permanentes ou para o salvamento de cosmonautas impedidos de regressar á Terra por avaria.

Os dois homens, ao saírem para o espaço, envergavam um fato espacial equipado com um novo sistema autónomo de alimentação de oxigénio e com todas as condições para manter a vida dos cosmonautas no espaço.

Os dois homens fizeram o seu passeio pelo espaço separadamente e cada um deles manteve-se fora da cápsula uma hora. O coronel Khrunov vogou no espaço quando passava sobre território soviético e Yelisseiev repetiu a proeza mais tarde sobre a América Latina.

ELISSEIEV MONTOU A ESTAÇÃO

MOSCOVO, 16 — (F. P.) — Foi Alexis Elisseiev quem saindo para o espaço, procedeu ás operações de montagem da estação experimental cósmica, anuncia a agência Tass, acrescentando que esta operação foi filmada para retransmissão pela televisão.

«COSMOTEL»

BONN, 16 — (R.) — O grande jornal alemão «Bild Zeitung» baptisou hoje de «Cosmotel» a estação orbital soviética, a bordo da qual se encontram quatro homens o mais elevado número de cosmonautas até hoje reunido numa única nave espacial.

AS NAVES SEPARARAM-SE

MOSCOVO, 16—(F. P.) — Rádio Moscovo anuncia que a «Soyuz 4» e a «Soyuz 5» separaram-se prosseguindo o seu voo no Cosmos.

Boris Volynov ficou só a bordo da «Soyuz 5». Os outros três cosmonautas encontram-se a bordo da «Soyuz 4», anuncia a agência Tass.

«ÁFRICA CRISTÃ»

KINSHASA, 16 — (F. P.) — O ministro da Informação do Congo-Kinshasa, Jean-Jacques Kande, proibiu por decreto a publicação do semanário «Africa Cristã» que foi suspenso em 10 do corrente.

O semanário «Africa Cristã» é acusado de ter publicado um artigo tendencioso e susceptível de provocar a revolta entre a população.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLOGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco a moderado de Oeste por influência de uma massa de ar transportada na circulação de uma depressão em enchimento centrada da Inglaterra.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira e Praia da Rocha, 6°; mínima: Penhas da Saúde — 1°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 7°; Faro, 14°; Funchal, 15°; Lisboa, 11°; Penhas Douradas, 0°; Portalegre, 6°; Porto, 4°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 12°; na água do mar: 13°,4.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado, por vezes pouco nublado. Aguaceiros dispersos nas regiões montanhosas ao norte do conjunto Montejunto-Estrela. Agravamento do tempo durante a madrugada, com períodos de chuva, vento fraco a moderado de noroeste, rondando para sudoeste moderado e com rajadas fortes nas terras altas.

Amanhã
Nascer ás 8 e 54
Ocaso ás 18 e 41

Dia 18	Dia 25	Dia 2	Dia 10

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 6 — 2 e 28 (3,8 m) 15 e 04 (3,7 m). Dia 17 — 3 e 23 (4,0 m); 15 e 55 (3,9 m). Dia 18 — 4 e 12 (4,2 m) 16 e 43 (4,0 m) BAIXA-MAR: Dia 16 — 8 e 26 (1,1 m); 20 e 48 (1,1 m) Dia 17 — 9 e 18 (0,9 m) 21 e 36 (0,9 m). Dia 18 — 10 e 06 (0,7 m); 22 e 20 (0,9 m)

Florbela Vieitas Alferes, de 15 anos, foi eleita pela Secção Recreativa da Senófila para a representar no concurso da Rainha dos Clubes Desportivos e Recreativos

Conselho de Ministros para Assuntos Económicos

No Palácio de São Bento voltou a reunir-se, esta manhã, sob a presidência do prof. Marcello Caetano, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, em prosseguimento dos trabalhos iniciados na passada terça-feira.

ROTARY CLUBE DE LISBOA (OESTE)

Realizou-se, hoje, no restaurante da Feira Internacional, o almoço do Rotary Clube de Lisboa (Oeste). Durante o repasto o sr. Eurico Fonseca, do Rotary Clube de Almada, proferiu uma palestra intitulada «O Voo da Apolo 8».

A CONFERÊNCIA DE PARIS

(Continuação da 1.ª página)

a uma acordo sobre o formato da mesa de conferência e sobre a forma como os delegados tomariam lugar nela impediram que a conferência começasse há mais tempo, tendo-se arrastado as negociações desde 6 de Novembro.

Finalmente, esses obstáculos foram vencidos e pôde-se chegar a uma decisão sobre a data da abertura.

Por seu lado, a delegação americana às conversações de Paris sobre o Vietnam confirmou hoje que foram removidos os obstáculos que até agora impediram o início da conferência de paz alargada, a qual começará finalmente no próximo sábado.

O acordo foi possível quando as duas partes decidiram adoptar uma solução de compromisso quanto ao formato da mesa da conferência. Assim concordaram em adoptar uma mesa-redonda que será flanqueada por duas mais pequenas de formato rectângular colocadas em extremos opostos. Entre a mesa-redonda e as duas mesas rectangulares haverá um intervalo de 45 cm.

O acordo foi alcançado de ontem para hoje em conversações realizadas por Cyrus Vance, o chefe interino da delegação americana e pelo coronel Van Lau da delegação norte-vietnamiana.

A adopção de uma mesa-redonda juntamente com duas mesas rectangulares destina-se a ultrapassar o obstáculo levantado pelo desacordo entre Saigão, que considera a conferência bilateral, e Hanói, que afirma haver quatro delegações independentes, incluindo a da Frente de Libertação Nacional.

Cyrus Vance e o coronel Van Lau também concordaram em que não haverá bandeiras nem placas com indicação de países na mesa da conferência, começando por falar os representantes americanos e sul-vietnamianos.

A primeira sessão no sábado será dedicada apenas às normas de procedimento a adoptar durante o resto da conferência.

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Sirhan — o réu sorridente

LOS ANGELES, 16. — (F. P.) — Desde que se iniciou, nesta cidade, há uma semana, o julgamento do assassino do senador Robert Kennedy, todos aqueles que seguem fielmente os debates (na sua maioria jornalistas, dada a exiguidade da sala de audiências) têm perguntado a si próprios por que razão Sirhan Bichara Sirhan nunca abandonou o seu sorriso. Que significado atribuir a este sorriso sibilino e sem relação com o que se passa em redor do réu?

Este sorriso não é o de um idiota ou, ainda menos, de um desequilibrado. Será antes, na opinião das testemunhas, o de um indivíduo que tem a consciência tranquila e está firmemente convencido da justificação do seu acto criminoso.

Sirhan manteve o seu esgar quase trocista durante o interrogatório dos candidatos a jurados sem se mostrar preocupado pelo facto de nenhum deles se haver declarado hostil á pena de morte, não podendo, assim, contribuir para que o réu venha a morrer na camara de gás.

Foi também o seu sorriso que permitiu ao jovem jordano fazer ouvir a sua voz pela primeira vez desde o começo do julgamento. Esta intervenção inesperada custou á acusação o fazer-se chamar á ordem pelo juiz, Herbert Walker.

David Fitts, representando o Ministério Publico, perguntara a um candidato a jurado se teria a coragem, no caso de a pena de morte se revelar ser a unica sentença possível, de decretar que Sirhan deve morrer na camara de gás. E o réu encarou então o candidato sorrindo abertamente. «Olhe bem para ele — prosseguiu imediatamente o procurador — ele está a sorrir-lhe. E talvez lhe continue a sorrir enquanto durar o julgamento».

«Mas também lhe sorriu a si, sr. Fitts» — observou o réu tomando a palavra sem ninguém o convidar.

Esta observação impulsiva foi seguida da do presidente do tribunal, que pediu ao acusador que não se afastasse das suas perguntas e se abstivesse de quaisquer comentários sobre o comportamento do réu.

O candidato a jurado, Morgan, acabou por ser escolhido. Falta ainda seleccionar sete jurados e seis suplentes.

Explosão no Hospital de S. José

Uma vítima e largos prejuízos

Não se sabem ao certo as causas. Diz-se, de um modo vago, que se deu «um engorduramento saído do oxigénio». Mas o que é isto? Cientificamente a expressão deve ter um justo significado. No entanto, pouco ou nada diz a quem quer saber, de um modo evidente, o que provocou, ao começo da tarde, uma violenta explosão no Pavilhão 10, do Hospital de São José — sector dirigido pelo sr. dr. Vasconcelos Marques.

Porém, as informações são escassas e até contraditórias. Há barafunda e, em primeiro lugar, urge atender aos feridos. Só depois será possível esclarecer.

Pelo menos e que se saiba, a explosão fez uma vítima, em condições dramáticas e estranhas. Diz-se que um doente, que se encontrava a ser observado e já na cadeira operatória, foi electrocutado. Não se sabe quem era e, no momento em que a nossa edição vem para a rua, não há, no Hospital de São José, ninguém que nos informe.

Diz-se que o operador (do doente vitimado), o sr. dr. Silva Santos sofreu, por sua vez, ligeiros ferimentos.

Como foi? O que foi? Os vidros e a aparelhagem cirurgica do Pavilhão 10 ficaram inteiramente destruídos. A quanto montam os prejuízos, em pessoas e coisas?

Logo que a situação serene, saber-se-á.

EXPOSIÇÃO CANINA

A 51.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa decorrerá nos pavilhões da F. I. L., á Junqueira, devidamente adaptados para o efeito e aquecidos, nos dias 25 e 26 (sábado e domingo).

SUPLEMENTO LITERÁRIO

N.º 546 / 16 DE JANEIRO DE 1969

A beleza, a intuição, o juízo do tempo em função da velha e da nova crítica

por João Gaspar Simões

Diálogo com o «novo crítico»

●

«A nova crítica não é ciência...»

●

«Os críticos científicos ou para-científicos passam a vida a proferir juízos errados».

●

DO DIÁLOGO aqui travado com o «novo crítico» — chamemos-lhe «novo crítico», visto não ser do seu agrado que o consideremos «jovem crítico» — Eduardo Prado Coelho depreendem-se, pelo menos, duas coisas: que a nova crítica não é uma ciência, embora empregue métodos ou técnicas científicas, e que a intuição só por si, sem o auxílio da técnica literária, corre o risco de naufragar. Aceitando que assim seja, em nada fica prejudicada a tese que sustentámos. Com efeito, não só o «novo crítico» não responde ao ponto capital do nosso artigo *Baudelaire, a criação e a crítica*, segundo o qual existe hoje entre nós uma proliferação crítica anormal, com prejuízo dos valores criadores, como nem sequer alude à afirmação do autor das *Curiosités Esthétiques* por nós citada — alude a ela, mas não a rebate — de acordo com a qual todo o grande poeta pode tornar-se um crítico, mas não um crítico tornar-se poeta.

Temos, portanto, que a «nova crítica» não é ciência, fala com ela, e que a intuição sem o apoio das técnicas para científicas da crítica, pouco ou nada vale. Esta a posição do «novo crítico». E, para fundamentá-la, cita não sei quantos autores franceses, todos eles eminentes, autoridades que são para os seus seguidores, que afinal de contas acabam por andar à trela da inteligência francesa, nesta hora, valha a verdade, bem pouco digna de se lhe confiar o primado do pensamento europeu. Muito mais sólidas que as aferições do gosto e os critérios da Beleza são, na opinião do «novo crítico», as múltiplas linguagens científicas. E isto porque eu próprio sustento que ao tempo cabe a última palavra no juízo de valor sobre as obras literárias, embora eu próprio, campeão das contradições, sustente algures que é sempre a crítica, mesmo quando parece ser o tempo, quem, em última análise, se pronuncia sobre a obra literária.

Com efeito, assim me parece ter desenvolvido o ponto de vista em questão num dos meus pequenos ensaios de *Literatura, Literatura, Literatura,* mas sem sombra de contradição. Em verdade, associo o juízo do tempo ao juízo da crítica, sustentando que o tempo se manifesta através dos que sabem ler, e aqueles que melhor lêm em qualquer época são os críticos. Rectificaria agora: os críticos de gosto e intuição, não os críticos científicos ou paracientíficos. Esses, louvado seja Deus, passam a vida a proferir juízos errados. Haja em vista o que entre nós se passou com os naturalistas julgados pela «nova crítica» do século XIX ou o que se verificou em França quando Stendhal, apreciado criticamente por Balzac — um crítico de intuições, coitado! — era desdenhado criticamente pela crítica paracientífica da França, inclusivamente a de Brunetiere.

Um aspecto me vejo novamente obrigado a rectificar. Já o fiz na minha tribuna crítica do «Diário de Notícias» e precisamente a propósito de Eduardo Lourenço citado pelo «novo crítico». Onde ele sustenta que «o universo literário está em perpétuo julgamento», de acordo, mas que tal afirmação sirva ao «novo crítico» para afirmar que o critério da Beleza intemporal não resiste à mais leve crítica e que a única ponte estável para as obras literárias é «a leitura e a releitura, que sempre retoma a obra para nela integrar a totalidade dos seus elementos», como quem diz que de época para época varia o grau de inteligibilidade e de validade da obra literária, eis o que se nos afigura especioso. Já na nossa apreciação crítica ao *Sentido e Forma da Poesia Neo-realista*, do citado Eduardo Lourenço, tentámos pôr os pontos nos ii. Uma coisa é a perspectiva do tempo na focagem das obras-primas, outra a eleição para a galeria das obras-primas dos documentos literários sucessivamente produzidos no tempo. Varie, embora, o critério de validade da crítica relativamente à *Odisseia* ou a *Os Lusíadas*, nunca variou na sua aferição, dentro do critério da Beleza literária, o juízo que em épocas sucessivas se tem formado de tais obras. Desde que se estabeleceu a validade estética da obra de Homero ou de Camões, nunca mais a obra de Homero ou de Camões deixou de valer o que vale. E se algum dia alguém ousou invalidar a obra camoniana — um José Agostinho de Macedo ou um Castilho — é que o critério por eles adoptado a respeito de *Os Lusíadas* se não fundamentava no gosto, mas em vieses críticos de natureza passional e linguística, precisamente, linguística, pelo menos em Castilho.

Não, «novo crítico», as obras-primas projectam-se, realmente, em perspectivas diversas nas várias épocas históricas, mas o único aspecto dessas obras que se não altera é aquele que se fundamenta no gosto e se alicerça na Beleza. Pode a nossa época ter de Camões uma visão diferente da da época romântica, ou, até, da da época modernista — o Camões de Pessoa é o épico, o Camões de Régio

(Continua na 7.ª página)

A vivência experimental

◀ Fragmento de um mapa do lirismo português

por Liberto Cruz

QUANDO UM DIA se escrever a História da Literatura Portuguesa de Vanguarda, o seu autor dará, certamente, uma relevância especial a E. M. de Melo e Castro. Na verdade, nestes últimos anos, ninguém como ele se debruçou em Portugal de maneira tão apaixonada, tão atenta e intensa sobre os problemas da vanguarda literária. Escrevendo ensaios, proferindo conferências, entrando em debates públicos, sujeitando-se às diatribes dos zoilos e ignorantes, promovendo o lançamento de revistas, de colecções de poesia, e dando o seu contributo como poeta, E. M. de Melo e Castro constitui um caso notável de dinamismo que não é comum nos escritores portugueses.

Espírito irrequieto e estudioso parece querer recordar a todo o momento a celebérrima e tão discutida frase de Rémy de Gourmont: *o crime capital para um escritor é o conformismo, a imitação, a submissão às regras e ensinamentos.*

Como tem sido encarada, no entanto, a sua acção doutrinária e poética?

Temos de concluir que, se não passou despercebida, não mereceu, todavia, a merecida atenção (1). E isto explica-se porque tanto os novos como os velhos literatos portugueses sabem tudo: viram ontem o filme que se estreia amanhã, têm na ponta da língua a destruição total do livro (que jamais lerão) a publicar muito em breve por alguém (célebre ou desconhecido) e, como é óbvio, sabem de cor tudo quanto se-diz-e-faz-e-pensa-dentro-e-fora-do-País. Ninguém diria, ao vê-los tão pacatos e tão ordeiramente sentadinhos nos «cafés» (a pensar, sempre a pensar) a soma de conhecimentos fantásticos que, por osmose, lhes entra em avalancha pela «cachimónia».

Por outro lado não podemos deixar de reconhecer que todos nós somos vítimas da lucidez de Fernando Pessoa ao denunciar o *provincianismo português*. Tentando reagir a essa evidência que se nos pega à pele desde o nascimento, só temos em mente uma ideia: não nos deixarmos «épater» como vulgaríssimos burgueses. Burguês, qualquer um de nós? Homessa!

Daí o desconfiarmos de tudo e todos. Qualquer novidade que venha perturbar os cânones estabelecidos é rejeitada não só pelas razões apontadas mas também pela nossa inerrância perante o original trabalho alheio. Há ainda os que, pacòviamente preocupados com conceitos de geração, jamais encontram tempo para se ocupar das banalidades dos confrades que não têm cabidela na sua èpocazinha. E assim, por ser demasiado novo ou velho, de meia idade ou trintão, é um homem atirado aos mabecos da literatura. Cada grupo, cada escola, universitários ou autodidácticos, exibe o seu humanismo de clã recusando aceitar mesmo as suas próprias ideias quando manifestadas de forma diferente.

onde lágrima
lá rima
com ama
sobra
um g de
gosto
gana
tem
um ri
de riso
amargo
onde
amar
é gosto
gasto
e o
amor é só
a lágrima
derrama

*

Este Versus-in-Versus (2) de E. M. de Melo e Castro nada tem de experimental no sentido corrente da palavra. Estamos perante um livro maduro, fruto concreto duma dolorosa vivência humana que se exprime formalmente depois duma não menos dolorosa experiência. Aliás, a linha geral do livro e que atravessa electricamente cada poema com maior ou menor tensão é um desespero pungente, uma terrível angústia que limita e engrandece ao mesmo tempo cada vocábulo e cada verso. Apesar do salutar disfarce antilírico observado em «Fragmento de um mapa do lirismo português» (p. 45) o autor escreve alguns dos mais belos poemas de amor de toda a sua poesia publicada. Sim porque Versus-in-Versus é essencialmente um livro de amor. Mas E. M. de Melo e Castro soube e aprendeu através da sua vivência experimental, isto é, duma vagabundagem sentimental e formal, que é urgente repelir com energia a poética onde *amor é só / a lágrima / derrama* (p. 45). A esse tom decadente e falso opõe com virilidade *o nome que na chama se incendeia* (p. 15). Observe-se, contudo, ser este poema iniciado por *uma chama não chama a mesma chama* o que, ao leitor desatento, poderá parecer

(Continua na 6.ª página)

SUPLEMENTO do Diario de Lisbôa LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUESAS

A vivência experimental, *por Liberto Cruz.*

CRÓNICAS

A beleza a intuição, o juízo do tempo em função da velha e da nova crítica, por *João Gaspar Simões.*

O conselheiro, *por Alexandre O'Neill.*

CRÍTICA LITERÁRIA

Ainda a poesia de Régio, *por Eduardo Prado Coelho.*

LETRAS ESTRANGEIRAS

Ben Suc, aldeia morta, *por Alcides de Campos.*

ARTES PLÁSTICAS

Programa para 1969, *folhetim artístico de José-Augusto França.*

Um surrealista em retrospectiva, *por Francisco Bronze*

CINEMA

A ilusão embaladora, *por José Vaz Pereira.*

FOLK-MUSIC

Caminhando com Vandré, *por Júlio Morcira.*

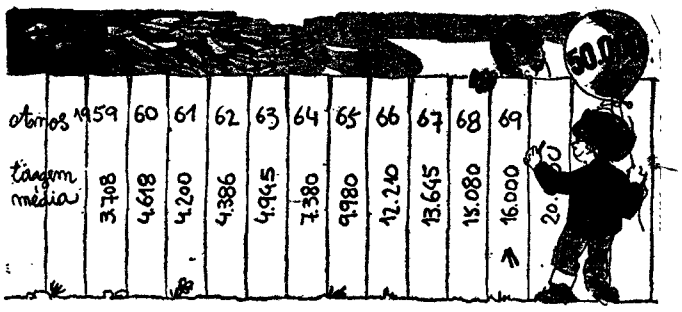
Dez anos de renovação

Na árdua e tantas vezes incompreendida carreira das publicações culturais portuguesas dez anos são uma etapa assombrosa. Olhamos o passado recente, e desde uma *Gazeta Musical e de Todas as Artes,* em que a exigência intelectual e o rigor ético da programação foram sinais inequívocos de presença, até uma revista como *Almanaque,* de consequentes e fundamentadas irreverências, o que se nos depara na actividade cultural da Imprensa periódica é, na generalidade, uma sucessão de experiências fugazes que sucumbiram à ausência de estímulos e aos entraves de toda a ordem que lhes foram postos.

Neste panorama taciturno, e entre as raras excepções que se lhe abrem, ressalvam-se todavia três títulos: *Vértice, O Tempo e o Modo* e *Seara Nova* que, agora, ao cabo de dezassete anos, e sob a direcção de Augusto Abelaira, prossegue uma fase renovadora iniciada em Janeiro de 1959. Fiel às constantes essenciais de uma atitude cívica e cultural que vem do seu primeiro número, mas revitalizada por uma atenta e dinâmica actualização, *A Seara* alargou a sua área de prestígio em termos verdadeiramente encorajadores. Os «seareiros» de longa data têm na revista a projecção crescente do seu sonho e podem com legítimo orgulho reconhecer nela uma herança dignamente retomada.

«Dez Anos de Renovação» assinala-se agora, no numero 1479, de *Seara Nova.* À etapa de crise que durante anos dominou a vida da publicação sucedeu-se bruscamente uma vigorosa actividade de reorganização. Os resultados obtidos foram significativos. O alcance público de opinião veio a traduzir-se em números de tiragem que, por si sós, constituem um índice objectivo de apoio e influência. Dos 3708 exemplares por número da *Seara* durante o ano de 1959, a tiragem média passou em 1969 para 16 000, o que corresponde a um aumento de mais de 330%.

A análise destas cotas de aumento sobrepõe-se a quaisquer comentários. É um sinal promissor, uma realidade que contradiz os cepticismos apressados e as apatias mais consistentes. Por isso, o «Suplemento DL» sublinha com especial empenho este número da *Seara,* como um voto de prosperidades do novo ano cultural.



O número 1479 (Janeiro 1969) de Seara Nova *inclui um artigo de Sottomayor Cardia («A Continuidade e o Destino da Adaptação» em que se comentam as linhas gerais do programa esboçado no discurso de 27 de Novembro do Presidente do Conselho), um comentário económico de Eduardo Guerra sobre o Relatório em que se fundamenta a Lei de Meios e uma breve análise sociopedagógica sobre a Juventude Rural Portuguesa. Alberto Pedroso escreve «Acerca da Nova Legislação Sindical» e David Ferreira, com «As Raizes da Conspiração Monárquica», inicia uma série de artigos a propósito da «Escalada de Monsanto. Das habituais secções desta revista publica-se «O País de Mês a Mês».*

Pinocchio para adultos

PINOCCHIO
por C. Collodi
prefácio de Giovani Jervis
Einaudi, ed.
Milão 1968

PINOCCHIO PER ADULTI
por Emma Nasti
Fondazione Collodi, ed.
Florença 1968

A ABRIR esta nova edição de «Pinocchio», Jervis diz que sobre uma obra universal de tantas e tão ricas facetas se pode escrever uma imensidade de juízos e reescrever exactamente o contrário. «Pinocchio», é ainda Jervis que o afirma, «beneficia da inocência com que foi contado, da preocupação de constituir entretenimento e escapando-se da pena do seu autor, acabou por revelar muito mais coisas do que aquelas que porventura lhe teria concedido uma escrita reflectida e atenta. Pedagogo, moralista e burocrata da Itália grã-ducal, mas homem livre na vida privada, céptico e mordaz, Collodi transferiu para «Pinocchio» tudo aquilo que lhe era impedido de pôr noutras obras mais meditadas e mais em foco perante as instituições.»

Giovanni Jervis, no notável estudo desta glória da literatura infantil, sustenta que Collodi, não obstante a preocupação circunstancial de escrever uma narrativa despretensiosa e colorida de aventuras e imaginação, deixou nela uma profunda marca de pedagogismo que provém da própria contradição do personagem. E explica: «Pinocchio» é uma criança falhada. A unica coisa que pode libertá-lo é a evasão do real, mas isso obriga-o a participar eternamente de um mundo subjectivo que está para além do bem e do mal... O seu carácter vagamente sub-humano fá-lo-ia assemelhar-se a um bobo minusculo, a um fantoche, se noutras vezes não se mostrasse tão pungentemente real e tão vizinho da demência infantil. «Pinocchio» é, a um tempo, liberdade e conformismo, mas a relação entre estas duas oposições assenta unicamente na recusa, e mesmo essa incompleta, do artifício moralista tradicional.»

Emma Nasti, no seu estudo *Pinocchio para adultos,* desenvolve uma interpretação bastante divergente daquela apresentada por Giovannni Jervis: Na lenta transformação de uma «marionette» em ser humano, na longa viagem de um boneco articulado através da maldade, da indiferença e das raras benevolências dos homens, todas as suas ingenuidades, toda a sua estupidez infantil se resolve na unica razão de ser válida e positiva: o trabalho.

Para Emma Nasti as raízes de comportamento do famoso personagem são uma transposição da «mentalidade toscana» acima de tudo — interpretação indiscutivelmente demasiado regionalista e sentimental para servir de base a um estudo profundo e objectivo. Jervis, ao contrário, procura universalizar o significado de «Pinocchio», objectando, muito justamente, que embora criado como livro para crianças é também um livro para adultos.

Nada mais certo. Aconteceu o mesmo com «Gulliver», com «D. Quixote» — livros «para adultos» que também agradaram ás crianças. Mas estes estão em condições precisamente opostas ás de «Pinocchio» porque chegavam ás crianças pela queda do mundo adulto. A explicação está talvez na qualidade admirável da poesia que a todos envolve.

G. R.

ilustração da 1.ª edição de «Pinocchio»

Fogo de poesia

POEMAS
de Eugénio de Andrade
Portugália ed.
Lisboa 1969

«O acto poético é o empenho total do ser para a sua revelação. Este fogo de conhecimento, que é também fogo de amor, em que o poeta se exalta e consome, é a sua moral. E não há outra.»

Assim abre Eugénio de Andrade, em 1968, uma colectânea dos *Poemas* que escreveu durante vinte anos, e quem remove o seu primeiro verso, as primeiras linhas que em 1945 lançou em *As Mãos e Os Frutos* compreenderá a constância de uma atitude que jamais se perturbou na sua devoção constante e empenhada em fazer da poesia uma experência total, a sua entrega.

Poemas (Portugália Editora, col. «Poetas de Hoje», abrange toda a obra do autor. Estão neste volume algumas das maiores e mais decantadas poesias portuguesas dos nossos dias, livros que relembramos, como *Os Amantes Sem Dinheiro* ou *As Palavras Interditas,* tão distantes e tão próximas, e agora com o mesmo ímpeto de frescura com que há anos os desfolhámos pela primeira vez.

Sim, «poesia limpida» — como a definiu Óscar Lopes, no ensaio «Morte e Ressurreição dos Mitos», que serve de estudo a este volume de Eugénio de Andrade. «Poesia limpida», escreve ele, «poesia que vem das mãos humanas, do sangue rumoroso, do amor corpóreo, do trigo, dos frutos, da luz, do mar; poesia sem metafísica, simples nascer para o dia de «um subterrâneo rio de palavras»; poesia ora matinal e clara como a adolescência (*Coração Habitado*), ora densa de toda a elegia de pretério imperfeito português (*Os Amantes Sem Dinheiro*) — conhecer a Poesia de Andrade é descobrir nalguns dos ritmos

e das palavras mais coerentes da língua uma bela intenção desconhecida que tinham mas se perdia.»

Ofício de poeta — eis o que a par e passo se sente neste livro. Ou seja, sabedoria de fazer versos. Razão de estar na Terra e de a viver.

Missão de consciência

GREECE AND AMERICAN CONSCIENCE
por Stephen Rousseas
Doubleday Inc.
Nova York 1968

STEPHEN ROUSSEAS, liberal de tendência centrista e, logo, adepto do reformismo do Andrea Papandreu, apresenta nesta obra uma concisa exposição de factos e documentos em que põe em causa a política externa americana na tomada do poder da Grécia pelo golpe militar.

A lógica do golpe de Estado é estudada com clareza e objectividade. Nas vésperas da afirmação eleitoral do partido do Centro essa intervenção de força revela-se com oportunidade e utiliza as técnicas e expressões características da política externa dos Estados Unidos na América Latina e na África. Andrea Papandreu, professor universitário e «leader» moderado que viveu largos anos na América do Norte, foi teatralmente surpreendido por esta reviravolta brusca dos políticos ianques — como demonstra Rousseas. O seu prestígio e as suas relações

nas altas esferas de Washington foram súbitamente eliminadas quando a popularidade que veio a obter por via parlamentar fez prever ao Pentágono que poderia, em caso de vitória eleitoral, arrogar-se de uma relativa liberdade de acção.

O autor de *American Conscience* num documentário vivo e informado esboça o quadro moral e social das casernas de «putsch». A fuga teatral de Constantino e a acção da esquerda são interpretadas por ele sob uma perspectiva de intelectual do centro que vê no «Kennedynismo» de Andreas Papandreu um caminho «avançado» de reforma. Esta posição centrista permitiu-lhe todavia obter um conhecimento de dentro acerca da situação da Grécia nos meses que antecederam o movimento militar. Os «lobbies» da diplomacia da Grécia e a atitude do Departamento do Estado aparecem-nos, por isso, descritos com precisão e surpreendentes de novidade.

N. C.

As várias vanguardas

THE BLACK DWARF
quinzenário de opinião
Londres 1968

«The Black Dwarf», o reputado quinzenário da vanguarda que se publica em Londres comenta numa nota de Roland Muldoon a inflação e os oportunismos de certas interpretações rotuladas de vanguarda e os superficialismos que revelam «subcultura». Chama ele a essa tendência que irónicamente se designa também por «Pop Culture» e que, no fundo, é nas suas especulações, uma contestação de quermesse e de festival. «Num país (a Inglaterra) onde presentemente os valores que se negam não têm uma expressão evidente, o aparecimento de uma cultura rival daquela que durante anos e anos tem sido possibilitada e propagandeada ao homem médio — através do disco, da TV e da Imprensa — não deixa de preencher uma função de esclarecimento (...) mas pode vir a transformar-se numa alienação-pesadelo.»

«The Black Dwarf», traz, assim à questão um problema que ultimamente tem sido largamente debatido na Europa: o da nova alienação dos «vanguardismos» que conquistaram os mercados das *mass media*. O magazine «It» («International Times») é um exemplo a citar (embora Roland Muldoon não se lhe refira). O «pot raly» absorveu, pouco a pouco, a justificação libertadora que se propõe ao homem das sociedades de consumo, e o jornal vem de numero para numero a desenvolver uma argumentação que não desagradaria de todo aos fanáticos drogados do apostolado inconsequente de Thimoty Leary.

Em contrapartida, o magazine americano «Esquire» continua, à sua maneira, dando sistemáticamente uma resposta violenta às formas culturais e de comportamente vanguardista. No ultimo numero o assunto vem, uma vez mais, destacada em título de capa e ali os ingredientes da crítica são a caricatura das experiências mais sérias realizadas nos diversos sectores sociais e intelectuais. O campo a que tudo se limita nas páginas do «Esquire» é uma redução pelo absurdo dos mesmos territórios em que o magazine «It» vai limitando o conjunto de valores do vanguardismo.

A QUESTÃO DO BIAFRA

Pelo Dr. EDUARDO SANTOS

DO INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLITICA ULTRAMARINA

Um livro que não é apenas uma reportagem dos actuais acontecimentos, mas a HISTÓRIA DO BIAFRA com um desenvolvido estudo sobre causas e razões do conflito.

O PRIMEIRO GRANDE ÊXITO EDITORIAL DE 1969

Portucalense Editora

Porto Lisboa

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Um surrealista em retrospectiva

por Francisco Bronze

ANTÓNIO DACOSTA foi um dos pintores que melhor exprimiram uma problemática surrealista na nossa pintura. Esta retrospectiva vem recordar um artista que, nos seus quadros mais representativos, os que foram pintados entre 1939 e 42, deixou expressa uma força, uma autenticidade, que permite classificar tais obras entre as que melhor atestam a positividade da nossa arte moderna. Nestes três breves anos deu-nos Dacosta o que de melhor nos podia dar, e sòmente sobre os quadros pintados neste período de tempo valerá a pena determo-nos. O que fez depois ficará sempre como algo de marginal, testemunho de uma inquietação apaziguada, quadros que já não correspondem a uma profunda necessidade de pintar, solucionados, decerto, os problemas que explicavam o agir do artista.

Nestes quadros apresentados na Buchholz, uma das peças que mais evidentemente sublinham o carácter enigmático que reveste a mensagem do Inconsciente é, certamente, «Cena Aberta», obra ímpar na produção do astista, já que nos outros quadros pintados entre 39 e 42 existe uma continuidade na problemática a que este, de algum modo, se furta. Temos referido algumas vezes os artifícios da «mise-en-scène» a que a pintura surrealista não desdenhara recorrer. «Cena Aberta» é um exemplo típico do que acabámos de dizer, não só atendendo ao título, mas, ainda, a outros factores, que, como noutras peças, poderão muito fàcilmente comprovar a ideia «teatral» à qual se submete esta pintura.

Precisamente no centro deste quadro, em 2.º plano, é representado um pequeno teatro de fantoches, em que surgem, certamente como personagens de um drama que se processa *neles e através deles*, um homem e uma mulher ainda jovens. Algumas cenas desse drama desenrolam-se sob os seus próprios olhos, e vemos bem como as suas expressões podem iluminar-se de inquietação, ansiedade ou talvez esperança. No 1.º plano, duas crianças estabelecem relações com outros seres da criação: um pássaro e um carnívoro, talvez um lobo. Mas são relações assaz ambíguas estas de que nos fala o quadro; e neste intenso clima de expectação que envolve a cena, elas tanto podem ser de convívio e amizade como de oposição feroz. Sobre a nudez da criança a pata do lobo tanto pode acariciar como ferir. Vemos, assim, que existe aqui um problema central, que é o da continuidade da vida (necessàriamente ligada a problemas de amor e de sexo, que veremos, também, expressos no quadro) e o das relações que se estabelecem não só entre os humanos, como, também, entre estes e os outros seres vivos. Uma análise mais demorada desta obra levar-nos-ia muito além dos limites deste artigo. Digamos apenas que vários problemas aqui se imbricam, se sobrepõem, possibilitando uma «abertura» que nos pode levar através dalgumas interpretações. Deste modo, o lobo e o pássaro podem, ainda, funcionar como símbolos da impiedade e da liberdade, já que noutras peças do autor podemos verificar estas figuras funcionarem assim.

Um dos problemas que supomos ligar-se ao tema maior desta tela é o do conflito que se estabelece no homem entre a sua própria Animalidade (aqui simbolizada pela Besta, mítica figura monstruosa com corpo de animal e rosto humano, de olhos cegos, isto é, sem alma) e a sua Consciência, a qual pode ferir de morte essa mesma Animalidade.

Mas estas figuras, que coresponden a uma mitologia muito antiga, colocam-se no quadro em último plano, subjacentes, portanto, à existência real dos homens, contudo vinculando esta existência à amplitude do espaço e às origens do tempo, mais remotas ainda que a tremenda força erótica que no 1.º plano é expressa por uma simbologia fálica, em formas que se revestem de um carácter vegetal e que nascem das profundezas da Terra. É, porém, no bafo quente da Besta que elas se incendeiam.

Mais significativos duma constante problemática que melhor define a arte de Dacosta serão outros quadros em que se incluem «Diálogo», «Serenata Açoriana», «Antítese do Repouso», «Um Cão e Outras Coisas», encerrando-se, como numa série, com essa magnífica tela que é «Amor Jacente». Obras de denúncia, correspondem todas elas a uma funda necessidade confessional e a sua feição expressionista pode dizer-se relevar de um conflito a que não são alheias as contradições de uma consciência informada por um pensamento de essência cristã. Dilacerada, esta consciência ergue-se num protesto lancinante contra a violência e os crimes do homem, e nalguns quadros um conflito mais fundo se revela, com implicações de ordem metafísica, a que esse pensamento cristão não consegue dar resposta satisfatória.

Em «Diálogos», a cena que se nos apresenta é já a de um drama escatológico, como se tivesse soado sobre a Terra a hora do Juízo Final, e todos os seres da criação se congregassem para lançar ao rosto do homem a pesada culpa dos seus crimes. São os cães esventrados, todos os animais escorraçados pela sua soberba e impiedade, que se juntam nesta hora suprema do ajuste de contas, para o acordarem do seu sono imemorial.

António Dacosta: expressão da problemática surrealista

Ora, é precisamente esta ideia de culpa, esta «qualquer asa de pecado», referida por Dacosta num poema, que poderá, ainda, explicar um quadro como «Serenata Açoriana». Aqui o drama mítico de Adão e Eva parece reviver-se na expiação da sua culpa, expulsos de há muito do Paraíso, e adicionando crime sobre crime na sua necessidade de sobrevivência. Mas essa ave morta que o homem depõe aos pés da mulher caída por terra, numa postura dolorosa de miserável servidão, tanto pode significar o «crime» quotidiano da sobrevivência, à luz de uma consciência culposa, como a liberdade perdida nos jogos de amor. E o «paraíso perdido» bem pode situar-se no outro lado do mar, aí onde o pintor reencontra a solidão das Ilhas e a casa paterna, onde, decerto, revive a sua infância.

De crime, ainda, e da consequente culpa, nos falará o quadro «Um Cão e Outras Coisas».

E, perante o drama de violência, a Natureza (o cão enrolado sobre si, dormindo ou cismando) conserva-se imóvel, indiferente, enquanto o Tempo flui, inexorável (a água que jorra da fonte), numa permanência de sentido... ou de absurdo.

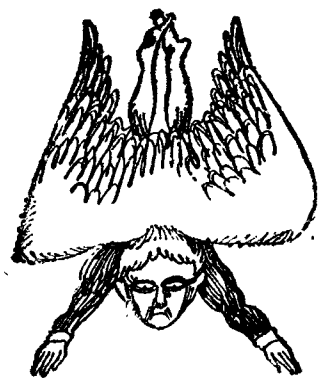
Mas em «Antítese do Repouso» os problemas visam uma realidade mais concretamente situada. A referência à guerra é aqui evidente no homem estendido como quem repousa, mas que segura uma granada na mão. Perto dele, uma serpente com a cauda truncada. O braço esquerdo do homem parece enlaçar um touro, o qual tem as patas traseiras no mar. Referência a uma realidade ibérica? Toda a simbologia das figuras ganha neste quadro uma dimensão acentuadamente dramática: a mensagem traduz-se numa cifra para a qual não é fácil obter chave. No primeiro plano, uma figura feminina ergue o busto e um braço, num ges-

(Continua na 6.ª página)

EXPOSIÇÕES (1)

GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**ANTÓNIO DACOSTA,** UM DOS CRIADORES DO SURREALISMO PORTUGUÊS
SOCIEDADE DE GRAVADORES *Travessa do Sequeiro*	**EXPOSIÇÃO DE GRAVURAS,** CONJUNTO SIGNIFICATIVO DE PEÇAS EDITADAS PELA SOCIEDADE
GALERIA PERMANENTE S. N. B. A. *Rua Barata Salgueiro*	**EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ARTE MODERNA COM ALGUNS ARTISTAS PORTUGUESES**
GALERIA DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN *R. Marquês de Fronteira*	**DESENHOS ITALIANOS DA ACADEMIA CARRARA DE BÉRGAMO**
GALERIA 111 *Campo Grande*	**BARTOLOMEU CID,** EXPOSIÇÃO DE UM GRAVADOR CONSAGRADO
GALERIA QUADRANTE *Avenida Luis Bivar*	**ROCHA DE SOUSA,** UM ARTISTA EM EVOLUÇÃO — F. B. (1)

(1) Este quadro é da responsabilidade conjunta dos habituais colaboradores da página de artes plásticas, salvo indicação em contrário.



O CONSELHEIRO

por Alexandre O'Neill

XANINHA é meu conselheiro literário. Volta não volta, avança com excelentes sugestões e já me salvou algumas crónicas do lirismo de lapela a que o género se encontra exposto nas mãos de gente tão cultora de amavios e atavios como é a nossa. Eu não participei na campanha camarária dos vasos de sardinheiras para embelezamento das janelas da cidade. Também não defenestrei nenhum desses minicanteiros que parecem segredar-nos, com modéstia e garridice, a fórmula (pacata) da felicidade: pobrete mas alegrete. Até acho comovedor que a sardinheira grimpe e se amansarde. O que procuro é não fazer flores. Nem sempre (mal-me-quer, bem-me-quer...) o consigo. O pendor-flor está-nos na papoila do sangue. Que se há-de fazer?

Chamar o Xaninha, claro!

*

Xaninha dispôs-se a ouvir com atenção a história. Foi prevenido de que ela era «literária»:

Um homem conversa com uma mulher, algures em Lisboa. O homem tem pressa. A mulher, vê-se que nenhuma. É à hora em que os candeeiros, depois de regados pelos cães durante a sessão da tarde, fluorescem. (*Xaninha riu-se. Já topa — o citadinozinho! — que não há relação senão poética entre o alçar-de-perna dos cães e o acender dos candeeiros. E deixou-me passar a fluorescência...*). O homem-com-pressa fica com o cabelo a brilhar muito quando o candeeiro por cima deles se acende. (*«Porquê, papá?» / «Porque o homem tinha o cabelo cheio de brilhantina» / «Ora...»*). A mulher-sem-pressa faz uma festa na cabeça do homem (*«E sujou a mão de brilhantina, não foi?», divertiu-se o Conselheiro*). O homem foge com a cabeça e pergunta bruscamente à mulher:

— O onassis?

Os nove anos vigilantes do Conselheiro interromperam-me vivamente:

— Estava a pedir-lhe dinheirinho, não era?

— Pois...

— Em moedas ou em notas?

— Acho que em notas...

— Então devia dizer «Passa daí os rectângulos!» ou «Passa daí os retratos!».

— Mas onassis é mais giro, Xaninha...

— Isso é o que tu pensas... As pessoas vão julgar que é aquele senhor que apareceu na televisão.

— Quem?

— O homem que tem uma ilha só p'ra ele.

— Uma ilha! Pode lá ser...

— Ah pois não, meu espertinho... Já te disse! Uma ilha só p'ra ele!

— Que sorte, Xaninha!

— Sorte? Ele só lá pode chegar de submarino...

— Quem te enfiou essa?

— Palavra, pá! Senão os fotógrafos não o largam.

A conversa derivava. Amarrei-a com a promessa de que se algum dia escrevesse a história poria *rectângulos* ou *retratos* em lugar da «flor» *onassis*. Xaninha, que nunca perde o sentido das coisas práticas, pediu-me, então, que lhe pagasse o ordenado.

Passei-lhe um retrato dos mais pequenos.

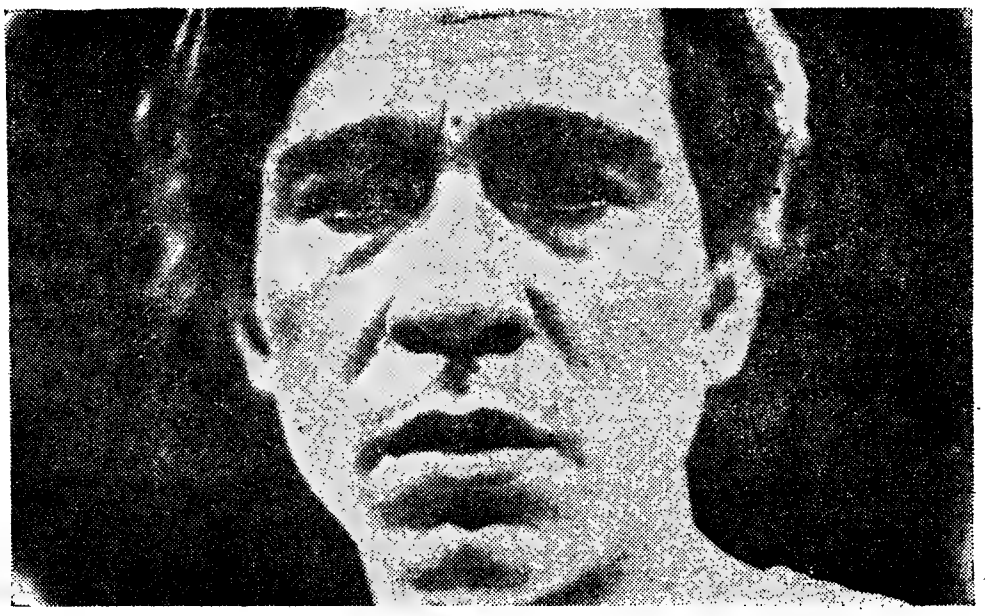
— Esta é uma aflita, sabias?, desafiou o Conselheiro.

— Sabia..., fiz eu já remando de volta à minha ilha.

SUCESSOS LITERÁRIOS

PEÇA CATALOGO GRATIS AO AP. 1381

LISBOA 1 — PORTUGAL



Geraldo Vandré: Eu sou um homem livre

Caminhando com Vandré

por Júlio Moreira

— *DIZEM que não faço canções de amor. Mas eu acho que todas as canções são de amor. Querem talvez dizer que não faço canções de amor particular. Mas nem isso é verdade. Vou cantar para vocês uma canção de amor particular.*

Foram as primeiras palavras que ouvi a Geraldo Vandré, no fim do almoço onde me iniciava na feijoada, na batidinha de maracujá e no informalismo carioca ao nível de Academia de Letras.

Só muito mais tarde tive oportunidade de «bater um papo» sem limite de tempo, com o Geraldo. Entretanto encontrámo-nos, assisti ao «show» do Teatro do Grupo Opinião que viria a ser interrompido por uma «bomba de fabrico caseiro», ouvi pessoas diferentes dizerem coisas diferentes a respeito de Vandré. Assim se foi abrindo entre Geraldo e Vandré um parêntesis onde cabiam muitas contradições e algumas ambiguidades.

«EU SOU UM HOMEM LIVRE»

No III Festival Internacional da Canção Popular (Outubro de 68), Vandré teve o 2.º prémio da parte brasileira. *Para não dizer que não falei das flores* — é o título da canção. O 1.º lugar foi para Sabiá.

Já em 1966 no mesmo festival, uma canção de Geraldo Vandré recebera um 2.º prémio: *Cavaleiro*, com música e apresentação de Tuca.

Mas desta vez o público reagiu contra a decisão do juri. *Caminhando*, como é conhecida a canção *Para não dizer que não falei das flores*, era de facto a canção favorita.

No festival do Maracanãzinho, Vandré emocionado pelas ovações do público que cantava o refrão:

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

estendia o violão, com as mãos ambas, num gesto ritual de oferta e comunicação. O gesto, para lá da adesão imediata do público, foi comentado como exibicionismo, espectáculo. Como se o «show» da canção pudesse deixar de o ser!

Geraldo defende o seu gesto, sem recusar a dimensão de espectáculo:

— *Não foi premeditado, nem estudado. Foi quase um gesto de timidez. Não sabia o que fazer quando toda aquela gente me aplaudia com aquele entusiasmo.*

Ao confessar implicitamente timidez, Geraldo vem talvez facilitar o acesso ao conteúdo do parêntesis que deixámos por resolver entre a pessoa e a figura, entre Geraldo e Vandré.

Geraldo nasceu em 1935 em João Pessoa, Paraiba do Norte, filho do médico José Vandregíselo de Araújo Dias. Nasceu em casa da família, sendo primeiro neto e primeiro bisneto, esperado pois com ansiedade por três gerações, que por unanimidade o destinaram à carreira das leis. Aos 14 anos deixa o Recife e fixa-se no Rio. Em 1961, com o 3.º ano de direito, vai trabalhar para S. Paulo, vindo ao Rio apenas para fazer os exames.

Foi em S. Paulo que começou a carreira musical, como intérprete da canção «Quem Quiser Encontrar o Amor» de Carlos Lyra e Vinicius de Morais. Mas apesar da intenção de trocar as leis do foro pelas regras da canção, continua até ao fim do curso de direito.

As razões porque terá aceite esse compromisso, não serão apenas da ordem do respeito pelos valores tradicionais de família; talvez pelo contrário pertençam a um domínio que confusamente quis exprimir ao afirmar «Eu sou um homem livre».

INTERVENÇÃO DA NUMEROLOGIA

Quando nasceu a irmã de Geraldo destinaram-lhe o nome de Geisa Helena. O pai José Vandregíselo calculou as potencialidades do nome e verificou que o número propício exigia a alteração de uma vogal: Geise Helena é o nome da irmã.

Geraldo ao iniciar a sua carreira de trovador — talvez seja o menos inexacto dos termos de classificação — procurou a protecção do saber paterno. Do segundo nome próprio de José Vandregíselo, fez Vandré e os números aprovaram.

O ano de 66 traria a confirmação dos resultados da numerologia:

— 1.º Festival da Record (Radio e TV, canal 7 de S. Paulo): 1.º prémio com *Disparada* (música de Teobado cantada por Jayr Rodrigues), «ex aequo» com banda de Xico;

— 2.º Festival da Música Popular Brasileira no canal Excelsio: 1.º prémio com *«Porta Estandarte»* (música de Fernando Lona cantado por Tuca);

— 1.º Festival Internacional da Canção: 2.º prémio com *«Cavaleiro»* (música e apresentação de Tuca).

Em 1968 novos sucessos: o já referido 2.º prémio para «Caminhando» e 5 medalhas de ouro no Festival da Canção de Protesto, na Bulgária.

O Grupo TEJO — Teatro Experimental de Jornalismo da PUC (Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo), levará (levará?) ao Festival de Nancy deste ano, uma peça adaptada da *Paixão Segundo Cristino*, texto e música de Geraldo Vandré.

ENTRE PARENTESIS

As coisas diferentes ditas por diferentes pessoas, que se foram acumulando no parêntesis entre Geraldo e Vandré, em nada ameaçavam o sucesso real previsto pela numerologia. Mas

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não,

e por isso mesmo temos o (dever e obrigação) natural desejo de saber até que ponto nos sentiríamos bem no lugar do parêntesis, isto é, de braço dado com Geraldo e com Vandré.

Em que consistiam com efeito as ambiguidades que poderiam cindir a unidade da pessoa com a figura? E as dúvidas que poderiam levantar-se quanto à irmandade proposta pela canção?

A origem num retrato social de burguesia abastada, as «boas relações» na sociedade carioca, o Galaxie de luxo, poderiam impedir-nos de seguir *caminhando e cantando* com Geraldo Vandré?

Não, para quem

Acredita nas flores
Vencendo os canhões.

Mas quando a dúvida (sobre a ambiguidade) existe o melhor é tirá-la a limpo.

Será Geraldo Vandré sincero na sua poesia e no seu canto?

Ou explora o filão do sucesso, hábilmente,

Nas escolas, nas ruas,
campos, construções?

A PROVA DE SER

A prova de ser, que para René Descartes, o nobre senhor de Perron do séc. XVII, estava no pensamento (*Penso logo existo!*) para Geraldo Vandré, qualquer que fosse a sua origem, só poderia estar no canto.

A prova de ser (ou não ser) sincero (no canto) onde poderíamos procurá-la? Na linha seca das perguntas e respostas da entrevista?

Hotel Ouro Verde, Avenida Atlântica, Copacabana: as linhas arredondam-se em forma de copo, o «barman» sabe mitigar qualquer secura por mais exigente. A *prova de ser* faz-se por si sem o pensamento nem o canto, sem perguntas nem respostas.

O parêntesis desfaz-se. Geraldo aproxima-se de Vandré. A numerologia vence o abstáculo.

Pouco a pouco as dúvidas (metódicas como nos exige o sr. de Perron) e as ambiguidades que se deslocam em Galaxie perdem o sentido.

Sem problemas de consciência podemos acompanhar Geraldo Vandré

Caminhando e cantando
E seguindo a canção

Uma única dúvida ficou para mais tarde.

Que queria ele dizer com a história de *ser um homem livre?*

— Eu sou um homem livre! — insistia ele.

— Mas que diabo é isso? — insistia eu.

A prova de ser (ou não ser) ele (Geraldo Vandré) um homem livre ficou por fazer.

Mas não será melhor afirmar como realidade um simples desejo, do que ignorá-lo?

Nota: Geraldo Vandré virá à Europa em Fevereiro, segundo informação recente, e tenciona parar em Lisboa. Espero que tenhamos então oportunidade de conhecer um caso da música brasileira actual bem mais importante do que tantas outras que tem passado por cá com (in)discutível sucesso.

Programa para 1969

Folhetim artístico de José-Augusto França

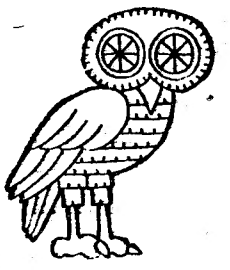
Ano Novo é convenção, mas de convenções vive o homem, e de pretextos para fazer e não fazer coisas. Ao começo de cada ano, tais pretextos animam-se e às vezes até chegam a promover programas de trabalho. Qualquer altura é de começar, mas talvez agora dê mais jeito. Do que não resta dúvida é de que há muitíssima coisa para fazer no domínio de artes visuais — *aqui e agora*, como repito, nesta optimista convicção de que há um *aqui* a verificar, e um *agora* a aproveitar.

Que é preciso então fazer em 1969? Sem dúvida a reforma da estrutura do ensino das Artes Visuais, antigamente chamadas «Belas». Alterar a orgânica das escolas superiores, separando bem a arquitectura (e o urbanismo e o «design») num instituto superior e pondo as outras artes, que ainda há pouco eram a pintura e a escultura, em regime de «ateliers» ou laboratórios. E fazer da História da Arte e da Estética disciplinas a sério, nelas entendendo a Sociologia, como é indispensável hoje. Isto também nas Faculdades de Letras, é claro, com a possibilidade de se criar um Instituto de História da Arte — e a necessidade urgente de fazer formar no estrangeiro especialistas que em Portugal só amadores podem ser. Enviar a fazer «maitrises» de História da Arte em Paris (ou diplomas equivalentes em Londres e em Roma) a jovens licenciados é o único caminho indicável.

Outra coisa de fazer é reabrir, com acerto de funções, o Museu de Arte Contemporânea, pràticamente inexistente desde a morte de Diogo de Macedo — há dez anos! Preconizo, com razões que já apresentei, um museu do século XIX. Arranjem-lhe um director decente — e arranjem outro para o museu de Coimbra, que está sem ele há ano e meio. Ali é também de arranjar a electricidade que há muito estava desligada quando o visitei, em Novembro — o que paralisava os desumidificadores e punha em breve perigo as telas expostas...

Tanta coisa em perigo no património nacional, o tecto de Baccarelli, na portaria de S. Vicente de Fora, por exemplo, há anos a estragar-se. Trata-se de uma preciosa cabeça de série, que explica toda a subsequente decoração de tectos em: P o r t u g a l. Lembro também o «Eneas» de António Manuel da Fonseca, que é o único exemplo de pintura académica erudita de meados do séc. XIX — e que há anos se está estragando no Convento de Mafra. E Tibães, que se está perdendo? E o Cabo Espichel, que a boa vontade de Keil do Amaral quis salvar, e que cai em ruínas?

E Lisboa, que se vai esventrando e perdendo definição de imagem por sordidos interesses de uns e triste falta de impulso cívico de outros?



Também em 1969 se poderia programar o aproveitamento do Casarão de S. Francisco, aliviado da Biblioteca Nacional — e onde caberia um centro de artes, para proveito de todos nós. Etc., etc.

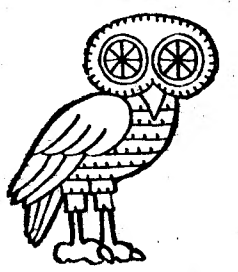
Vai haver, neste ano, várias exposições importantes, umas já certas, outras prováveis. Na S. N. B. A. haverá uma magna exposição da Bauhans. O prémio SOQUIL será normalmente atribuído, o Banco Português do Atlântico realizará a sua exposição. — Concurso, com largo leque de aquisições além dos prémios, e essa será com certeza a manifestação mais importante no seu género. O mesmo banco me encarregou de organizar uma grande exposição de arte contemporânea parisiense: «Presença de Paris» — enquanto outra empresa bancária estuda o ambicioso projecto de uma exposição de âmbito internacional, com prémios importantes, interessando um certo número de países. Outra entidade comercial do Porto vai lançar-se na criação de um museu de arte moderna nessa cidade — abençoada iniciativa que se traduzirá por aquisições regulares e regulamentadas, nas exposições do País.

Tudo isto implicará uma actividade da crítica de arte portuguesa, que deve organizar-se também, e enfim, numa secção nacional da Association Internationale des Critiques d'Art (A. I. C. A.), que não existia desde há catorze anos sob a presidência teórica de Reys Santos, e que agora se está a estruturar. Poderá ela desempenhar o papel que lhe caiba, de relevo, na vida cultural do País? Tudo dependerá da direcção, singular ou colectiva, que escolher.

Paralelamente, a S. N. B. A. deverá, como casa dos artistas que é, responsabilizar-se por uma possibilidade de profissionalização destes, estudando a maneira de defender os seus interesses e de os promover. Um encontro de artistas (neste jornal sugerido por Francisco Bronze) parece-me maneira aconselhável de discutir abertamente os problemas que é preciso pôr — e talvez á S. N. B. A. caiba organizá-lo. É, por assim dizer, uma das suas ultimas «chances», senão a última, de se definir numa nova conjuntura nacional — *aqui e agora*.

... Mas o programa para 1969 ficaria incompleto e coxo sem a Fundação Gulbenkian que, à data, deve ter generosamente despendido no domínio das artes cerca de meio milhão de contos, importância milagrosa que ali teria sem dúvida permitido realizar uma reforma substancial. De qualquer modo, está fora de questão a boa vontade da Fundação e é preciso compreender que os seus serviços de Belas-Artes dificulmente escapariam ao grande defeito nacional do empirismo — e da falta de programação.

Aqui, porém, fala-se de programação e, a propósito desta instituição prestimosa, impõe-se a lembrança da sede que vai inaugurar — notável edifício, pensado «em grande» pelo dr. Azeredo Perdigão, como deve ser, admitido desde já a dimensão do futuro que quisermos dar à nossa vida nacional. Que ele não fique, como infeliz e justamente se dis-



se do Convento de Mafra, «maior do que o País inteiro»...

Todos aguardam que a inauguração da sede da Fundação seja o sinal de uma nova e verdadeira partida, capaz de recuperar algum do tempo perdido na responsabilidade que esta instituição deseja assumir no quadro artístico-cultural do País. Tudo depende duma programação de tarefas, dependendo esta programação do *conhecimento dos problemas da vida artística portuguesa*. O estudo desses problemas foi-lhe proposto, e por ela aceito, sem consequências, em Abril de 1967, como moção final do I Encontro dos Críticos de Arte. *Sem tal estudo, acertado e empenhado — nada ninguém poderá fazer.*

Desde já, porém, a Fundação poderá dar provas de actualização dos seus esquemas, realizando uma exposição inaugural «aberta» e «dinâmica». E pensando no Centro de Estudos há muito falado. Onde a informática possa dar entrada. E uma programação cultural audiovisual.

Cheguei ao fim do papel; a este assunto voltarei no próximo folhetim.

A ilusão embaladora

por José Vaz Pereira

A CONDESSA DE HONG-KONG
de Charlie Chaplin
com Sofia Loren
e Marlon Brando

A ILUSÃO era embaladora. Porque não havia Chaplin de filmar ainda uma comédia deliciosa? Porque não havia o velho mágico, o «clown» apaixonado de conceder-nos ainda o privilégio dum daqueles apontamentos fulgurantes que, provisòriamente, coroam a dimensão majestosa da sua obra? Chaplin é Chaplin. Trata-se de Chaplin e alguma coisa tem de acontecer.

Marlon Brando e Sofia Loren, duas supervedetas dirigidas pelo supermestre, garantiam o êxito duma alta-comédia, passada num transatlântico, com música de Chaplin, argumento de Chaplin, família de Chaplin, tudo de Chaplin. A história lembrava um cacharolete de sedução, brincadeira, humor entre gente encantadoramente louca. Havia lugar para o sorriso e, quem sabe, para uma lágrima...

Mas, entretanto, d e s d e «As Luzes da Ribalta» que continuava a existir cinema. Ou, pior ainda, o cinema continuava a evoluir, mesmo sem pedir licença a Chaplin. Evolução que não perdoa, que ultrapassa, que é implacável para os que ainda acreditam na varinha de condão. «A Condessa de Hong-Kong» é mais uma prova da vulnerabilidade dos mitos. Só uma política de autor levada até às últimas consequências poderá encontrar, nesta comédia falhada, um lampejo de qualidade.

E, evidentemente, n ã o nos referimos só ao seu carácter inútil. Podem-se dizer coisas inúteis com graciosidade. Às vezes com elegancia. Nunca com vulgaridade. Cenas como as do enjoo não se limitam a ser toscas. São também vulgares. Serem assinadas por Chaplin não é uma desculpa.

Entra-porta, sai-porta, planos dum mar ora agitado, ora romântico e os gracejos penosos que já não fazem rir ninguém, «A Condessa de Hong-Kong» não vai além desse nível de primarismo. F o s s e assinada não por Chaplin, mas por um tarimbeiro qualquer, que ninguém repararia nela a não ser para decretar a sua chateza sem glória. Lembra os folhetos de propaganda turística anteriores à II Guerra Mundial, tudo nela é falso desde os violinos até aos casamentos, desde o luar até às ementas dos restaurantes. Escreveram-se seguramente milhares de páginas e dezenas e dezenas de ensaios sobre o humanismo de Chaplin. As suas posições, embora sempre mais sentimentais do que realistas, valeram-lhe a admiração de milhões de pessoas. A estúpida perseguição que lhe foi movida pela miopia do puritanismo e do reaccionarismo americanos consagraram-no como mais uma vítima da intolerância.

Nem uma lupa poderosa poderia descortinar qualquer preocupação humana na última obra de Chaplin. O problema em que se dilacera o herói é a alternativa entre ser embaixador na Arábia Saudita ou «apenas» filho dum multimilionário. A obsessão de Natasha (Sofia Loren) reduz-se a pular para dentro dos E. U., paraíso da sociedade de consumo, se possível com um marido capitalista. Os mesmos E. U. que fizeram de Chaplin um herói para depois o expulsarem. Toda a história do mordomo gira à volta do sarcasmo feito à custa dum pobre diabo subalterno. Mas como se a subalternidade não fosse castigo suficiente, ainda se cobre a criatura de ridículo e a fugaz e compreensível alegria que o homem experimenta por casar, ainda que só simbòlicamente, com uma brasa de 1.ª classe é espezinhada com truculência, fazendo da personagem o último dos idiotas.

Chaplin dirige Sofia Loren: mas Chaplin já não é Chaplin

Aliás, a condessa limita-se a «lançar o anzol» ao embaixador que se serve do pateta do mordomo para desenvolver um romance mais tranquilo e seguro. Toda a história é um elogio da mentira... e o próprio desenlace, obrigando Brando à «dolorosa» decisão de trocar uma esposa gelada e convencional por Natasha e a embaixada na Arábia por uma existência de «playboy» sem problemas, é a maior delas todas. E os «playboys» p o d e m dar-se a todos os luxos: mesmo o de casarem com «ex-taxis girls».

Evidentemente que algumas das velhas receitas podem ser sempre tentadas. Tal o ilusionista que retira pombas e lenços e gaiolas e canários duma cartola, Chaplin experimenta uma infinidade de «gags». Mas alguns repetem-se tantas vezes que se torna insuportável presenceá-los. Outros vêm abastardados pela falta de agilidade cómica que demonstram. E, hoje ainda, os filmes já não vivem disso. O público é mais ansioso por obras doutro tipo, os intelectuais e os jovens chamam sucata a comédias cheias de ambiguidade hipócrita como «A Condessa de Hong-Kong» que acabam por pregar a moral do dinheiro. Para eles, Chaplin está certo se for considerado tal como deve ser: a partir de 1952 («Luzes da Ribalta») uma figura de cineclubes ou de museus.

O resto significa deixarmo-nos embalar pela ilusão, pelos últimos lampejos de talento dum mestre de cerimónias fora de moda. Trata-se de Chaplin e alguma coisa tem de acontecer. Desta vez, nada aconteceu. Chaplin já não é Chaplin.

A vivência experimental

(Continuação da 1.ª página)

mero virtuosismo mas constitui um ponto de partida para o seu canto de amor. Propositadamente monótono e repleto de vogais fechadas e surdas surge em tom de cantilena aflitiva e obsessiva. A predominância das nasais concede-lhe um tom neutro tirando-lhe deste modo todo o fatalismo da lírica convencional. Não é pois de estranhar que os únicos momentos álacres neste poema de 16 versos e 112 palavras sejam dados por *chamar, incendeia* (4 vezes) e *nomeia* (2 vezes). Os verbos têm aqui um valor real, palpável, actuando também com uma função substantivada. Porque *uma chama não chama a mesma chama* o simples facto de *chamar* logo *nomeia* e *incendeia*. Cada forma verbal estabelece a ligação no discurso e simultâneamente evoca e constitui a própria acção. Após a luta surda, interior, pessoal, a palavra deflagra orgulhosa, unívoca, universal. Mas o poeta sabe que *rosa não tem começo* (p. 17). Percorre-o então erótico frenesim susceptível de forçá-lo a *não estar só na solidão* (p. 19).

E inesperadamente surge-nos uma imagem estafada (a amada representada por uma sereia) que, mercê da mestria da forma e da intensidade poética atingida pelo soneto, ganha um sabor novo e diferente.

gotas de não estar só na
[*solidão*
diária a dar e receber a dor
em lugar de sereia que seria
a areia serena que se diz
no sol de verão a maior
[*alegria.* (p. 19)

Utilizando o transporte e a rima encadeada num jeito clássico mas com fractura contemporânea, usando com frequência o verso sincopado, misturando o prosaico e o poético e confundindo o concreto e o abstracto; e dando tonalidades claras e escuras às sílabas e às cores sugeridas pelos versos de cada soneto (da p. 19 à 35). E. M. de Melo e Castro atinge momentos dos mais elevados da poesia portuguesa contemporânea. E diga-se a propósito que esta primeira parte (como todo o livro) merece um aturado comentário filológico onde se ponham em relevo todas as virtualidades e conexões entre os vocábulos e as ideias expressas. Ver-se-á então existir uma íntima e indestrutível ligação entre a ideia e o objecto, a cor das palavras e o estado de alma, a temática e a forma.

Raramente nos é dado observar tão límpida comunhão entre a razão e o coração. E tão perfeita é a técnica que onde está trabalho exaustivo nos aparece naturalidade, onde está raiva e contenção somos levados a imaginar ligeireza ou superficialidade. Mas, como diz o poeta, *esta ilusão liberta-se depressa* (p. 21) porque lhe descobrimos *certa na mão a solidão tristeza,* e num enquadramento onde a *coisa* domina há um grito contido, uma ânsia de explosão que apenas murmura no verso final:

eu nada tenho a tua fria
[*mão* (p. 25)

É então a vez do humor (simples disfarce), a tentativa vã de escapar ao quotidiano, de adiar o *tempo convulsivo* e afirmar peremptório:

livra-te de ti que peso morto
... ...
as coisas são o medo mais
[*as coisas*
... ...
vai esmagar-te o mundo
[*dos cometas*
dos que comem as coisas
[*mais abjectas* (p. 33)

Mas esta corajosa atitude não o impede de retomar o diálogo com a amada para reconhecer lùcidamente que:

eu vejo que mentes so
bre o tejo.

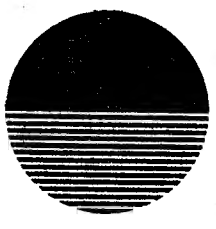
Presença inamovível para o poeta ei-lo, apesar de tudo, a confessar, mergulhado na sua irremediável solidão, enquanto lembra (ou verifica?) *as subtis ligações limo liame* onde *alice o laço aliciante cresce:*

agora nada tenho e o pres
ente está preso pelo fogo
que tem. (p. 35)

A aventura terminou. O ciclo fechou-se. E regressamos a *o nome que na chama se incendeia.* Sem surpresa e com naturalidade aceitamos os últimos versos da primeira parte de Versus-in-Versus.

..... não
distraias as asas que não há.

Mais longa e, penso, intencionalmente de leitura mais difícil (conquanto nos sejam propostas várias *leituras)* na segunda parte



E. M. de Melo e Castro dá largas à sua *invenção,* contributo que, como observa Haroldo de Campos (3) não costuma ter grande aceitação. Embrenhando-se numa louca (mas consciente) viagem através das palavras e dando-lhes o valor primitivo, ou, mercê do entrechoque entre o corrente e a novidade, consegue inventar um clima indispensável para a força da sua poética. Aquela novidade de que falava Vladimir Maiakóvski: «a novidade, novidade do material e do procedimento, é indispensável para toda a obra poética».

De forma deliciosamente irritável ei-lo a contestar fundo e forma enquanto atinge estruturas sociais. Depois de vários *contra* o primeiro poema termina assim: *contrário in/ vento* (p. 40). E o segundo poema começa: *o envolvimento da matéria* (p. 41). Seguem-se várias considerações sobre a *matéria mater artéria* sendo este o verso final: *matéria areia motriz* (p. 42). O terceiro poema inicia-se por *virtude em si se em virtude* (chamo a atenção para a margem de liberdade concedida ao separar-se no verso os dois elementos) e termina deste modo: *tudo esquecer virtude em si* (p. 43). A reforçar o seu concreto programa aparece em seguida o já citado Fragmento de um mapa do lirismo português. Para que o choque seja ainda maior E. M. de Melo e Castro propõe-nos a meditação de três blocos brancos. No primeiro Bloco-Branco é-nos fornecido, no primeiro verso, o seguinte material: *válvula avena úvula aveia úrsula areia* (p. 47). Colaborando com o poético utente o autor sugere como primeira leitura: *valena avula avala ureia urseia urena.* Mas o primeiro poderá inventar na sua própria leitura algo como: *valvena anúvula laveia vúrvula lareja.*

No Segundo Bloco Branco parte-se de: *deixa o vinho encher tuas visões de sal* para se atingir: *del mil valor que val el al* (p. 49).

No terceiro Bloco Branco temos como primeiro elemento: *de que que de* e como últimos: *queda de que de que que/dar* (p. 51).

Tudo isto para nos dizer (após diversas razões que é preciso descortinar e saber ler nos blocos) que consoante o vinho com que cada um enche as suas visões de sal assim *queda* a sua *lágrima lorina* neste *durar dura* que acaba na *queda de que de que que/dar.*

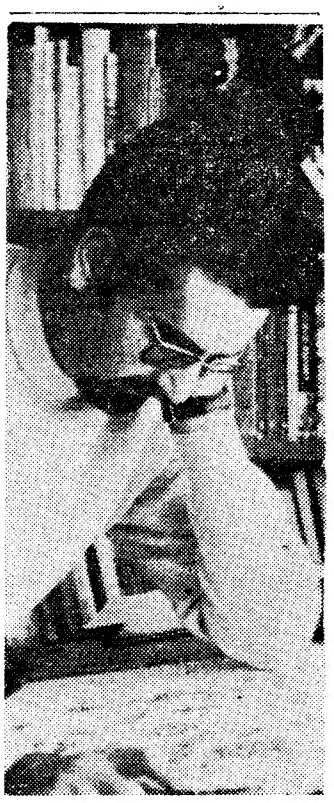
O tom do restante livro é dado pelo título dum poema: Redundância Aberta (p. 57). No meio duma enorme prolixidade sabemos que *não há arte sem homem* mas *vai sem homem a arte / vai sem arte o homem.*

E ainda: *tanto na espera atenta / um sinal luminoso / que não vem mas inventa / um liquido reverso* (p. 63).

Flagrante tomada de consciência temos em *3 versões* aleatórias (p 65 a 67) uma das mais incisivas e pertinentes críticas realistas da nossa poesia contemporânea, pese embora aos detentores do monopólio do realismo. A água chilra da demagogia realista opõe com inteligência e crueza a irreal realidade do seu tempo. Citemos de «rural»: *nunca não será / a indiferença uma / floração séria / a navegação é pobre / par a par a vinha.* E de «clínico-filosófica»: *a obra agora antiga / uma ilusão até / envolve / o rosto / desafia.* E finalmente de «financeira»: *a lei da fraude / foi estudada nos / mínimos detalhes / sua garantia / programação do até / controle / escudo / nostalgia.*

Damos aqui por terminada a nossa leitura de Versus-in-Versus, um dos mais importantes, senão mesmo o mais importante e problemático livro de poesia portuguesa publicado no ano de 68.

Integrado no «sentido novo e prospectivo» de que fala Max Bense, merece bem que lhe apliquemos a afirmação do conhecido



crítico e ensaísta: «a inovação é um acréscimo à civilização sob a forma de informação».

Rennes, 13/12/68

(1) Na sua muito discutível História de las Literaturas de Vanguardia, Guillermo de Torre justifica as magras e erradas linhas dedicadas a Portugal do seguinte modo: «víctima de la escassez bibliográfica y documental común a todo lo ibérico moderno». p. 173. Ed. Guadarrama, Madrid, 1965.

(2) Versus in-Versus por E. M. de Melo e Castro. Livros de Portugal. Rio de Janeiro, 1968.

(3) In Metalinguagem. Colecção Nosso Tempo. Editora Vizes, Ld.ª. Petrópolis. 1967.

Surrealista em retrospectiva

(Continuação da 3.ª página)

to que pode ser de angústia, a cabeça levantada para o alto, mas que pode significar, também, na intensidade do gesto e no verde do seu vestido, o sinal de uma esperança que não morre. Esta mesma atenção ao real-imediato, a uma verdade histórica que o pintor não quer alienar, manifesta-se, ainda, nalguns desenhos, também de 1940, onde a tragédia da guerra é revelada nos grupos de fugitivos que se afastam das cidades incendiadas.

«Amor Jacente» é, dir-se-ia, uma das cenas finais desse drama da Vida e do Homem que Dacosta vinha representando nos seus quadros. Sobre uma espécie de palco agrupam-se algumas figuras, personagens doutras cenas que já tivemos ocasião de referir. A bela mulher estendida, de longos cabelos louros, como um símbolo da Virtude, tem na sua mão uma das patas do leão, cujo olhar implacável nos penetra, possuído de uma majestade terrível. Alusão, decerto, à tão procurada união dos contrários que a estética surrealista tão vivamente desejou. Sentado no tablado, o espadachim curva as costas ao peso da sua culpa. Segura, ainda, a espada. A sua cabeça é apenas a mão de ferro que só conhece a lei da violência. Todos eles aí estão, imóveis, sòzinhos, depois do drama ter terminado, á espera de um Juízo que não vai tardar. O céu é uma pura labareda e no meio da planície deserta as casas de pedra são abrigos que já não servem para nada.

Talvez fosse neste quadro que a verdadeira obra de Dacosta se concluiu. Depois dele tudo quanto o pintor fez parece já inferior e desnecessário. Algumas pequenas telas de 42

falam-nos de um artista que vai descobrindo as causas fundas dos seus problemas por uma via mais intelectual. Ora, a criação artística parece exigir do artista uma candura, uma certa ingenuidade, sem a qual o impulso se quebra na dúvida, morrendo após. Assim, não poucas vezes este conhecimento de raiz intelectualista tem sido a principal causa do esgotamento de uma inspiração. O que não deve lamentar-se, mas simplesmente servir-nos como matéria de reflexão.

A literatura em debate

QUE PODE A LITERATURA
por Simonne de Beauvoir
Jean-Paul Sartre, e outros
ed. Estampa
Lisboa 1969

Em prosseguimento da edição de interessantes e momentosas temáticas, lançou a Editorial Estampa para o mercado mais dois livros cujos títulos — «O Problema Racial nos E. U. A. visto por portugueses» e «Que pode a Literatura?» — são, em si mesmos, suficientemente explícitos para atrair a atenção do leitor de todas as camadas.

No colóquio sobre «O Problema Racial nos E. U. A.» intervieram: mons. Avelino Gonçalves, Dr. Henrique Barrilaro Ruas, dr. José Tengarrinha, dr. Victor Wengorovius, dr.

Jorge de Sampaio, dr. Mário de Sottomayor Cardia e dr. Urbano Tavares Rodrigues, também director e apresentador da colecção, nomes sobejamente conhecidos, de meios inteleotuais diferentes, cujas opiniões, portanto, nem sempre coincidem, mas se justapõem num clima de respeito mútuo.

«Que pode a Literatura?» é um debate entre intelectuais franceses que, à pergunta tentaram responder, tendo em vista não só o alcance sócio-político da Literatura como também o que ela implica e pode dizer-nos do mundo em que vivemos. Nele depuseram: Simone de Beauvoir, Yves Berger, Jean-Pierre Faye, Jean Ricardou, Jean-Paul Sartre e Jorge Semprun e, longe de restringir o interesse da pergunta ao campo dos intelectuais, este importantíssimo debate amplia o problema a todos os homens.

«VM» semanário

V. M.
Suplemento de
«A Voz de Moçambique»
Lourenço Marques

Mais um número de *V. M. — A Voz de Moçambique,* que se publica em Lourenço Marques, e que dedica uma importante parte da colaboração às letras e às Artes. A vivacidade e o sentido jornalístico desta publicação justificam que se lhes atribua um especial interesse, ao mesmo tempo que sugerem uma necessidade, cada vez mais premente, na difusão dos melhores periódicos ultramarinos na Metrópole. O enriquecimento mútuo que daí adviria, quer no plano de formação de quadros jornalísticos, quer na amplitude da informação, seria uma consequência inestimável desse alargamento do mercado cultural. Em particular nos sectores artístico e literário parece de todo o ponto evidente a vantagem de um mútuo conhecimento de valores, no interesse da sua justa promoção.

CAMINHOS DE FERRO

Carruagem directa de Castelo Branco a Paris, às 3.as e 6.as feiras no período de 3 de Janeiro a 11 de Abril do corrente ano

A fim de facilitar o regresso de trabalhadores portugueses destinados a França e além, a C. P. põe em circulação, no período indicado, uma carruagem directa de 2.ª classe, com o seguinte horário:

Castelo Branco	p.	10.15 h.
	c.	13.45 h.
Guarda	p.	15.02 h.
Vilar Formoso	p.	16.57 h.
Hendaye	p.	8.05 h.
Paris	c.	18.40 h.

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no café e cervejaria Sabino Faria, 18-A.

Ainda a poesia de Régio

(Continuação da 8.ª página)

bém ela é não-expressiva, na medida exacta em que é impossível.

Não sou eu quem o diz, mas Régio: «Se o que chamei expressão mística transcende, pois, não só a expressão artística como qualquer outra forma expressiva, — é que exactamente o místico se não exprime como místico senão por meios que humanamente considerados são a própria negação da expressão: aquele silêncio que é um tácito diálogo com Deus...» (p. 36). Donde, toda a expressão mística *comunicante* é já expressão artística não-mística.

Como se explica então que na teoria estética de Régio apareça a mística, mas não a ciência?

APONTADAS as dificuldades, vejamos as consequências:

a) Se a arte é expressão da expressão vital — de que é expressão a expressão vital? Eis a resposta de Régio: «... ao longo deste ensaio designei por expressão vital ora a própria vida interior, ora a sua expressão ou manifestação primeira: perante as nossas possibilidades de conhecimento, confunde-se vida interior com a sua expressão imediata» (pp. 73-74). E observa: «Quando alguém se exprime só para si, parte-se em dois e exprime *um-de-si* ao *outro*» (p. 73).

Ora bem, se a arte é expressão da vida interior, temos que ter agora em conta que existe *um interior na própria vida interior*, quando o sujeito se exprime só para si. Pergunta-se: que instrumentos (senão a linguagem como «voz da consciência») utiliza o sujeito para se exprimir só para si? E pergunta-se ainda: se uma vida interior é tanto maior quanto mais denso e complexo for o sentido do humano que contém, *como se gera o sentido* nesse interior que dentro da própria vida interior se abre? Que existe lá, onde nenhuma expressão ainda existe, que é esse lá, esse «um-de-si» de que o sujeito parte para a si mesmo se exprimir? Lugar onde todo o sentido é puro e reservado, onde ele existe como objecto sem que nenhum sujeito o conheça, onde o objecto engendra o próprio sujeito, onde se estabelece a unidade integral de um Sujeito-Objecto: lugar de Deus.

b) Indicámos que o sujeito para se exprimir a si mesmo tem de utilizar um *meio* de expressão e que esse meio só pode ter *a forma* de uma linguagem. Contudo, Régio fala-nos sempre da expressão vital como algo de *informe* e *imediato*. Porquê? Porque se a expressão vital tivesse já a forma de uma linguagem, o poeta ao escrever a sua poesia estaria a fazer um trabalho de transformação duma forma ideológica numa forma estética: estaria a construir um discurso a partir de outro discurso, e não do *puro-espírito* a que Régio se refere.

Mas o que Régio nos diz é diferente: para ele, é a expressão estética que dá forma à expressão vital (e trata-se de um interior que se *encarna* num exterior — p. 52) e é neste ponto que a linguagem aparece *como meio de expressão*.

Leia-se o seguinte passo: «... o poeta *serve-se* da palavra escrita, o músico dos sons, o pintor das linhas (...) o actor ou bailarino *de seu mesmo corpo* (tal na expressão vital), mas tomando-o não como entidade animada de vida própria, sim *como matéria inerte* que maneja à semelhança do escultor manejando massas mortas, do poeta manejando palavras, do pintor manejando cores e linhas. Não bastaria este obrigado recurso a um *material exterior* para que a expressão do artista se revelasse irredutível à expressão vital?» (pp. 24-25). Para Régio, a linguagem é material exterior e matéria inerte de que o poeta *se serve*. Ponto capital.

QUE sucede na poesia de Régio? Analisemos o processo. Na medida em que Régio considera a linguagem instrumento e material exterior, a linguagem é uma forma de dizer *de uma maneira bela* (literária) um conteúdo que lhe preexiste. Nessa medida, a linguagem tem de apresentar ao leitor as credenciais que provam que ela é literatura. Para tal, a linguagem recorre às *credenciais mais visíveis*, isto é, aos padrões de «beleza» literária que a *ideologia estabelecida* põe em circulação. Em cada poema de Régio, sentimos que a linguagem se aponta a si mesma como literatura, exibe os emblemas que assinalam a sua «beleza».

Mas, ao dizer de si mesma que é literatura, a linguagem separa-se do dizer que lhe competia veicular, deixando este dizer exposto na sua nudez de *ideologia*.

O que é importante é verificar que entre a ideologia que aponta os modelos da «beleza» e da Literatura e a ideologia que como conteúdo os poemas de Régio exprimem, existe uma correlação — uma homologia. Repare-se: quando a teoria da linguagem de Régio nos diz que essa linguagem é material exterior, e que o poeta se serve dela — *como o bailarino do seu corpo* (p. 25); quando Régio nos diz que a expressão artística exprime a expressão vital como um interior se *encarna* num exterior (p. 52); quando Régio nos diz que para o senso comum «é a obra de arte uma unidade, como é *corpo-e-alma* um ser humano» (pp. 91-92) — então tudo se torna claro. É o dualismo de uma *ideologia espiritualista* que se refracta em todos os níveis da poesia de Régio: na relação alma/corpo; na relação interior/exterior; na relação conteúdo-expresso/ /linguagem-meio-de-expressão. E verificamos que o segundo elemento é sempre expressão do inexprimível do primeiro; ou melhor, é sempre o mero e mesquinho *instrumento* de que o primeiro se serve para se exprimir.

POESIA que se reduz à expressão cindida de uma ideologia — poderei eu lê-la como arte? Não creio. Na medida em que o texto é expressão de um sentido preexistente, *o texto é ideologia*. Somente se eu concebesse a linguagem *como lugar e meio-ambiente* onde a poesia se produz pelo trabalho do poeta, poderia eu definir o texto como *produção de sentido*, e portanto encará-lo na *indeterminação, disponibilidade e irredutibilidade* que o constituem como *efeito estético*. Doutro modo, o texto esgota-se na ideologia que exprime.

Vejamos um exemplo Quando Régio escreve em *Cântico Suspenso* (*):

Havia na cidade estádios amplos o bas-
[tante
Para acolherem turbas que os enchiam
[lés a lés,
Ansiosas de seguirem uma bola salti-
[tante
E uns homens de calções dando-lhe
[pontapés.

O jogo era regrado por leis éticas.
Desporto-educação, eis o binómio.
Mas, nas tardes de glória aquelas mas-
[sas apoplécticas
Descompunham-se, a uivar, como num
[manicómio.»

quando Régio escreve este passo de um poema, que leio eu? Muito simplesmente, a opinião de Régio sobre o futebol numa pseudo-ingenuidade (o não reconhecer o significado das coisas que vê, e lê-lo numa aparente evidência primeira) que foi o grande trunfo de uma famosa descrição de um desafio de futebol por um cómico brasileiro que há anos esteve em Lisboa.

Outro exemplo:

Também se expunham flores, obras de
[arte, objectos raros,
E havia mesmo exposições itinerantes
De belas jovens alugadas por cabides
[— os mais caros —
Das «criações» mais imbecis dos costu-
[reiros elegantes.

Havia na cidade instituições
Em prol dos jovens dos dois sexos,
Onde lhes eram ministradas instruções
De higiene sexual e tratamento dos
[complexos.
Felizmente reduzidas
A um número de escol, sempre pequeno,
Certas facções dos jovens sócios des-
[troçavam bens e vidas
Humilhavam os velhos, cultivavam
[todo o obsceno.

Lido este passo, que acontece ao leitor? Fica a conhecer o que Régio pensa sobre as passagens de modas, os manequins e as escolas de educação sexual (que deve ter lido que existem em certos países), mas confesso que saber tais opiniões me interessa realmente muito pouco. Identificado o sentido, *o texto acabou-se* — tal e qual como acaba o comunicado de uma qualquer instituição pública falando de problemas administrativos, e que eu nunca pensaria em reler. Não se trata pois de ser moderno ou antigo. Porque os textos antigos não se esgotam, não se esgotaram: e por isso é que até hoje os fomos lendo e comentando.

ÚTIL analisar este longo poema que inicia *Cântico Suspenso:* «Havia na cidade». É ideologia pura e simples — e retrógrada. É ideologia na linguagem também: ou não será ideologia esta forma já tão «literária» de descrever prostitutas: «mercenárias/ /Bocas de hálito podre, dentes ruins, línguas azedas»? Inútil demonstrar a inconsistência deste libelo contra a cidade — a cidade-técnica, a cidade-vício, a cidade-pecado, a cidade-multidão, a cidade povoada de estrangeiros e estrangeirismos (e não emprega Régio palavras como *affiches, marchands charmés*, para apontar o vício na própria desnacionalização da língua?).

Apenas um confronto: para Régio, na cidade vive-se «à luz de sóis eléctricos» ou (em «O baile») «as flores emurcheciam/antes do tempo, em jarros de cristal,/Mandadas vir de onde é ainda natural/Desabrocharem flores» isto é, *a natureza perverte-se*. O homem recorre à técnica para a dominar e assim «havia na cidade jardins públicos, tratados/por cuidadosas mãos de sabedores». Ora leia-se a página 22 de *Três Ensaios sobre Arte:* «o puro ou espontâneo manifestar-se vitalmente um ser humano nada exige senão este próprio». E por isso a expressão vital é «*inocente*» (p. 28).

Mas aqueles que utilizam técnicas afastam-se dessa inocência — e aproximam-se do pecado. Por isso escreve Régio: «Decerto será um triunfo da arte a ilusão tanto quanto possível perfeita da vida» (p. 23). Reconhece que isso é uma grande ilusão, e, contudo, é essa ilusão que aponta como *objectivo último* da arte. Que transforma esse ideal em ilusão? A necessidade da linguagem. *Para Régio, a linguagem é um mal necessário.* Como instrumento de que o espírito se serve ela contém já em si o gérmen da perversão.

E encontramos o resultado dessa *perversidade da linguagem* em toda a poesia actual que Régio não comprende nem aceita. Por isso ele escreve que a arte «atravessa um período de decadência, tendo vindo avançando num sentido cada vez mais completo de desumanização. Como hoje sucede, e é natural que suceda, particular relevo assumem nestes períodos as preocupações da forma, o gosto de extravagâncias afinal conducentes a becos sem saída, a substituição da inspiração pela técnica (ou da intenção criadora pelo intelectualismo)...» (pp. 81-82).

O que este texto significa é a recusa de tudo o que nos afasta duma natureza tão miticamente transparente que ela é o puro espírito no limiar da sua aparição.

MAS não se suponha que o processo exemplificado apenas se verifica nos poemas satíricos como «Havia na cidade». Veja-se, por exemplo, «O grito», onde se conta a passagem do politeísmo inicial para o politeísmo actual (feito de fetiches que nem gente são, talvez Eros, talvez a Violência...), passando pelo monoteísmo e pela falsa morte de Deus. Veja-se «O Relógio» com os fantasmas de «um ilustre doutor» e de um «marcial, juvenil/Alferes encantador». Veja-se «A última deusa», onde a Esperança, «essa mendiga louca», resiste à aparente destruição dos deuses. Veja-se ainda aquela insólita história que se intitula «Canção do moço jardineiro», e que começa assim:

O moço jardineiro
Ergueu-se de manhã.
Faz florir as mimosas, Fevereiro!
Cheirava a terra na atmosfera sã.

Ergueu-se de manhã, nascia o sol,
Desceu ao seu jardim.
Por que já te calaste, ó rouxinol?
E deu sol nas folhinhas do alecrim.

Desceu ao seu jardim a ver as flores,
Mas nem junquilhos; só violetas.
«Bons dias, meus amores!»
Disse ele àquelas pretas.

para acabar assim:

Nenhum signo sinistro ou agoireiro
Disse aos viventes que morrera alguém.
Mas, se morrera, o moço jardineiro
Mais do que nunca — morto — cheira
[bem.

E num só verso se indica tudo o que ideològicamente nos afasta da poesia de Régio:

«Apressuravam-se os peões *lá* com o seu fito em vista.»

Não, José Régio, o fito das pessoas não é *lá*, onde sobranceiramente o apontamos: *é cá*, entre nós, homens entre homens.

(*) José Régio, *Três Ensaios sobre Arte*, Portugália Editora, 1967
José Régio, *Cântico Suspenso*, Portugália Editora, 1968

EDUARDO PRADO COELHO

Em função da velha e da nova crítica

(Continuação da 1.ª página)

é o lírico, o Camões de Castilho não é nem um nem outro — que essa visão diferente em nada modifica os valores intrínsecos da obra camoniana, os quais dizem respeito à tal Beleza, flutuante, frágil, para o «novo crítico», mas estável, sólida, para a crítica que se estriba na intuição. Aliás, esta flutuação dos juízos de valor relativamente às obras literárias só atinge as obras medíocres: essas é que, válidas hoje, nada valem amanhã. Haja em vista as *Fototipias do Minho* no século passado, colocadas em posição de relevo ao pé de *O Crime do Padre Amaro*. A respeito desta obra, quem se enganou foi a nossa pretensa crítica científica — a crítica dos «novos críticos» da *Revista de Estudos de Livres* —, não a nossa crítica intuitiva — Oliveira Martins ou Ramalho Ortigão. Flutua, varia, a crítica ou o critério valorativo da crítica em relação às *Soledades*, de Gôngora, ou à *Nova Fénix Renascida*, porque estas obras pertencem a um sector da criação literária onde a Beleza e o gosto funcionam subjectivamente. Quer dizer: as *Soledades* e o gongorismo, hoje na moda e em favor crítico, inserem-se no capítulo das «modas» literárias, que, pela sua relativa importância, não ascendem ao plano clássico da Beleza. Este é, realmente, intemporal. E não me diga o «novo crítico» que há para a *Odisseia* ou para *Os Lusíadas* um critério flutuante. Não. Se não existe a «última palavra» em arte, é apenas no sentido da inteligibilidade total das obras-primas. Mas há uma «última palavra» para apreciar, julgar, ou colocar em órbita essas obras-primas. Estas, que podem vir a beneficiar de leituras e releituras científicas ou para-científicas, na maior parte dos casos colocaram-se em órbita graças à intuição. Balzac, valorizando Stendhal, Ramalho Ortigão, valorizando Eça, Régio, valorizando Pessoa, não actuaram criticamente de acordo com critérios, linguagens ou métodos científicos. Usaram exclusivamente da intuição. Usando critérios, linguagens, métodos científicos, valorizam-se as *Fototipias do Minho* ou os versos de um camarada integrado na mesma ordem de ideias literárias. Assim sucede com as valorizações caducas a que se dá a «nova crítica», sem excluir a do «novo crítico», que terá muito que pasmar quando, dentro de vinte ou trinta anos, verificar que um Cruz qualquer *a la page* vale muito menos que um Régio «ultrapassado». E para diálogo já basta.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Eduardo Prado Coelho: ainda a poesia de Régio

O grande paradoxo é, quanto a mim, o seguinte: José Régio procura transmitir na sua poesia «uma qualidade superiormente humana», e contudo a impressão que me deixa a leitura dessa mesma poesia é a de que seria possível defini-la com os próprios termos que Régio aplica à expressão retórica: «Na realidade, bem pouco nos tocarão tais obras. Achamos que não *convencem* o mais fundo e vivo do nosso ser».

Não se trata pois de negar a sinceridade das experiências humanas de Régio, até porque tal sinceridade nem é da conta do crítico. E a poesia que nós lemos funciona em certa medida como *sintoma* do drama complexo e dilacerante que o poeta talvez viva. Mas um *sintoma* não é nunca uma *representação estética*.

A raiz do paradoxo apontado podemos talvez encontrá-la ao lermos *Três Ensaios sobre Arte*. (*) Nesses três estudos reunidos por Régio defende-se toda uma concepção da literatura que nos irá esclarecer pontos essenciais. Ora vejamos.

DEVEMOS distinguir, segundo Régio, entre *expressão vital* e *expressão artística*, partindo do princípio de que *toda a arte é expressão de algo*. A expressão vital é «um manifestar-se espontâneamente, irresistìvelmente, a própria vida ou o próprio indivíduo», manifestação essa que parece «informe, incoerente ou indisciplinada» (p. 21). A expressão vital é «inocente e primária» (p. 28). Por exemplo, o gaguejar dum indivíduo emocionado ou o choro provocado por um enorme desgosto. Notemos que «o puro ou espontâneo manifestar-se vitalmente um ser humano nada exige senão este próprio», e o manifestar-se em arte, «por mais pura ou espontânea que seja, ou pareça, tal manifestação, não pode dispensar a palavra escrita ou falada mediata...» (p. 22).

Quanto à expressão artística, ela é «uma expressão segunda, mediata, indirecta, em relação à expressão vital, tendo ambas, embora, o mesmo conteúdo ou objecto, que é o ser humano e tudo o mais através dele» (p. 24). Por conseguinte, «a expressão artística *dá forma* à expressão vital» (p. 21 e p. 26). Ela é «dirigida, intencional, interessada, em relação ao reflexo, espontâneo, imprevidente de uma expressão vital» (p. 27).

CONCLUINDO, e da perspectiva da arte, Régio dirá que existe:

a) uma expressão que *não chega a ser* arte — e que é a expressão vital;

b) uma expressão que *transcende* a arte — e que é a mística (e que pode por sua vez ser objecto da expressão artística);

c) e uma expressão que, ou por insuficiência ou por excesso, *pretende e não consegue atingir* a arte (a retórica).

Notemos ainda um aspecto da teorização de Régio: se o indivíduo emocionado revela nas suas palavras «certa escolha ou insistência, certo propósito ou cálculo», e se mostrar que «um certo prazer arranca já de se exprimir», «como se não se exprimindo já *por* se exprimir, mas *para* se exprimir» (p. 18), estamos perante «uma atitude impura, de compromisso entre a atitude vital e a atitude artística» (p. 15).

EXPOSTA nas suas linhas gerais, e com um máximo de objectividade, a teorização de Régio, indiquemos agora as observações que ela sugere:

a) Definir a arte como expressão de algo é desde logo pressupor que o «conteúdo» da obra *preexiste* à própria obra. Perguntamos: onde? Régio responderá que existe na expressão vital, a que a expressão artística *dá forma*. Mas existe antes *com que forma* (dado que um conteúdo exige sempre uma forma)?

Leia-se o capítulo que Régio dedica às expressões retóricas. Aí não há arte porque «o *fundo* cuja *riqueza* quereríamos correspondente àquela *riqueza de forma* — o interior que desejaríamos *encarnado* naquele exterior — houvera de ser a própria subjectividade do criador da obra; (...) houvera de ser uma integral expressão vital que *devera preexistir*...» (p. 52 — o sublinhado é meu).

Deste modo, o escritor é aquele que tendo uma coisa para dizer a diz numa forma que deverá ser rica e bela. E, por conseguinte, há grande arte quando sentimos que «não poderia aquilo ser dito de outra maneira, ou que essa é a melhor maneira de dizer aquilo» (p. 93).

Conclusão: «aquilo» é anterior à «maneira» de o dizer Está antes. Pergunta-se: *mas estás antes onde*?

b) Se considerarmos o que Régio considera expressão vital (o gaguejar da emoção, as palavras comovidas de um homem, etc.), veremos que não há em Régio lugar para a expressão quotidiana normal, em que uma pessoa se não exprime *por* exprimir, (por descontrole, descuido ou abandono), mas se exprime *para* se exprimir. Quer dizer, *Régio omite pura e simplesmente a expressão normal* — que definiremos como *expressão ideológica*.

Note-se o caso da «expressão impura» a que Régio se refere; aí um ligeiro cálculo ou uma leve premeditação faz passar *sem transições* a expressão vital para expressão artística. E, nesse caso, qual a diferença entre todas as situações em que alguém se exprime *para* se exprimir, com uma intenção determinada, e a arte? Ponto que Régio não chega a tocar.

c) Caso curioso e sintomático, *Régio omite também a existência da ciência* — do discurso científico Omite-a porque se trata de *um discurso não-expressivo* — sem a marca expressa do sujeito que o enuncia. Portanto, o problema das relações entre a arte e a ciência como modos de conhecimento fica eliminado. Mas Régio inclui essa expressão estranha que é a expressão mística: e digo estranha porque tam-

(Continua na 7.ª página)

Ben Suc, aldeia morta

por Alcides de Campos

EM JANEIRO de 1967, o Estado-Maior americano desencadeia no Vietnam uma das suas mais vastas operações militares a fim de «pacificar, definitivamente», uma zona de guerra particularmente dura. Esta zona estratégica, denominada um dos ângulos do célebre «triângulo de ferro», situava-se a cerca de cinquenta quilómetros ao norte de Saigão, abrigando dentro das suas pobres casinholas cerca de três mil e quinhentos habitantes. Seu nome, agora tristemente célebre, Ben Suc...

UMA REPORTAGEM OBJECTIVA

Um dos objectivos da referida operação consistia no isolamento e na evacuação da aldeia antes da sua total destruição. Dos preparativos e execução do plano americano fala-nos Jonathan Schell, repórter do «New-Yorker» que seguiu passo a passo as tropas do seu país, registando os mais banais acontecimentos (se acontecimentos banais podem verificar-se em tais circunstâncias) com a precisão e a objectividade de uma máquina fotográfica. Publicada integralmente no «New-Yorker», a reportagem do jovem jornalista nova-iorquino, em razão do enorme sucesso alcançado, foi pouco depois editada em volume pelas edições A. Knopf. Três meses mais tarde, Jean Rosenthal escrevia uma excelente tradução francesa da obra, que as edições Grasset publicaram sob o título «Le Village de Ben Suc». O êxito alcançado em França foi então quase tão grande como o que já se verificara nos Estados Unidos, consideradas as proporções políticas e demográficas, evidentemente.

Ben Suc surgira entre as muralhas erguidas pela dinastia Nguyen nos fins do século XVIII, crescera na dor, tornara-se fértil em arroz, frutos e legumes de primeira qualidade que faziam o regalo de toda a província de Binh Duong. A maioria dos habitantes vivia, por consequência, da agricultura, ajudados na árdua labuta diária por juntas de búfalos. Regra geral, as famílias da região, grandes e pequenas, engordavam porcos, patos e galinhas. Os mais felizes, orgulhavam-se da vaca de que eram proprietários. Relegados nos campos, privados de electricidade, os comerciantes do burgo (o boticário, o vendedor de bicicletas e o barbeiro) fechavam cedo as portas das suas lojas — e os aldeãos, privados de qualquer divertimentos, não tardavam a ir para a cama. Uma existência patriarcal, apta a engordar suínos, pintainhos e outra criação...

OS «BONS» E OS «MAUS» OU VICE-VERSA

Mas, em 1955, a República do Vietnam (A. R. V. N., «Arvin» para os americanos) vem quebrar a paz monacal da aldeia de Ben Suc com a instalação de um posto avançado que a F. N. L. (ou Vietcong, ou V. C.) destruirá em 1964. Um ano antes, várias equipas de missionários de nacionalidade americana e vietnamiana tinham aparecido na aldeia na esperança de evangelizar budistas e confucionistas. Em vão. Finalmente, em Janeiro de 1967... Mas peguemos no livro de Jonathan Schell que, em 188 páginas de uma objectividade pouco comum em relatos de acontecimentos próprios a desencadear as mais vivas paixões, nos narra a tragédia de três mil e quinhentos camponeses cercados por uma força imprevista e violenta que, sem tardar, os selecciona e separa em «bons» e em «maus», lhes ordena de fazer as malas e de subir a trote para os camiões que os conduzirão, sem tempo para fazer uma necessidade, ao campo de Phu Loi — imensidão nua, despojada de tudo para lá dos muros de arame farpado. Três mil e quinhentos homens, mulheres e crianças arrastando com eles os magros sacos de arroz, panelas, galinhas, patos, pequenos e lestos bacoritos com o rabo a dar a dar, ignorantes da sorte que os espera...

UMA ESTRANHA MERCADORIA

Os camiões partem, carregados desta estranha promiscuidade. Da estrada poeirenta, pelas fendas do oleado, os olhos dos velhos fixam-se nas casas e nos arrozais uma derradeira vez. Os jovens (os «bons» e os «maus») interrogam-se. As mulheres gritam, incapazes de calar o choro das crianças. Lá em baixo, na várzea fértil, o inferno começa: os «B-52» e os **bulldozers** disputam-se: a última casa de pé, a última pedra... Quando o trágico cortejo penetrar no campo de Phu Loi, Ben Suc terá desaparecido do mapa: rasgada pelas bombas, esmagada pelos **bulldozers**, devorada pelo fogo. Para os seus habitantes, para aqueles que, com o esforço dos seus braços a ergueram pouco a pouco, ao longo de dois séculos, o pesadelo dos campos de concentração começará: brutal, espasmódico, sem esperança. Os homens rasaram-lhes as casas, os homens rasar-lhes-ão as vidas. Lentamente, sem dor, segundo os bons métodos orientais... Um pouco como o estilo de Jonathan Schell, que adoptou com brio a frieza do processo-verbal, a secura do relatório de polícia esquecendo no tinteiro, voluntàriamente, todas as considerações políticas. Cingindo-se exclusivamente aos factos em termos de reportagem sucinta, o jovem escritor americano dá-nos um retrato coerente de uma realidade que nos penetra. Oxalá o sucesso alcançado com este primeiro livro o predisponha a novas criações sobre um tema tão grave e tão importante como o é esta guerra absurda (Verdun ao máximo expoente) entre um novo David e um outro Golias que, mesmo cegado pela funda, procura desesperadamente nas trevas o seu minúsculo mas astucioso inimigo.

LIBELO
ACUSATÓRIO
A segunda edição de um livro que aparece pela primeira vez com o nome do seu verdadeiro autor
António Modesto Navarro
PREFÁCIO DE JOSÉ SARAMAGO
ESC. 30$00
PRELO EDITORA
R. da Misericórdia, 67-2.º
Tel. 37 06 91 LISBOA